

# **Apostando no futuro de África:**

Desbloqueando capital e parcerias para o  
crescimento sustentável



OUTUBRO DE 2025

# Apostando no futuro de África: Desbloqueando capital e parcerias para o crescimento sustentável

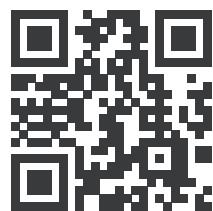
Outubro de 2025

**United Bank for Africa**

Todos os Direitos Reservados ©202

UBA House, 57 Marina,  
Lagos Island, Lagos, Nigeria.

[www.ubagroup.com](http://www.ubagroup.com)





# Conteúdo

## Abreviaturas, Acrónimos e Siglas

### Prefácio

### Resumo Executivo

## PART I:

### Mudanças no capital global e novas parcerias ..... 1

1.1 Uma nova realidade macroeconómica e financeira .....	1
1.2 Estados Unidos: Diplomacia Comercial e Parceria de Investimento Estratégico.....	5
1.3 Recalibração europeia: de doador a parceiro de desenvolvimento .....	7
1.4 A estratégia africana do Reino Unido pós-Brexit.....	8
1.5 Estados do Golfo: crescente envolvimento estratégico.....	10
1.6 Parcerias asiáticas no desenvolvimento económico e de infraestruturas.....	15

## PART II:

### Um novo paradigma de financiamento do desenvolvimento..... 22

2.1 O paradoxo do capital africano: desbloquear os recursos financeiros internos .....	23
2.2 O catalisador da AfCFTA: a construção de um mercado único de US\$ 3,4 trilhões .....	34
2.4 Instituições multilaterais: da concessão de subsídios à criação de mercados.....	41
2.5 Financiar a transformação: desbloquear o capital interno de África .....	42
2.6 Serviços financeiros digitais: desagregação e mobilização de capital a partir da base .....	46
2.7 Construindo rodovias globais ágeis de investimento para o crescimento.....	48

## PART III:

### Revolução do financiamento comercial: financiar o futuro comercial de África ..... 50

3.1 O panorama do financiamento do comércio: dinâmica e oportunidades do mercado .....	50
3.2 Facilitação do comércio da AfCFTA .....	52
3.3 Transformação do financiamento comercial digital.....	53
3.4 Financiamento da cadeia de abastecimento e capital de giro .....	56
3.5 Financiamento de commodities: alavancando a vantagem dos recursos da África .....	57
3.6 Democratização do comércio das PME .....	58
3.7 Revolucionar a infraestrutura de liquidação para reduzir a dependência do dólar americano .....	59
3.8 Futuro do financiamento do comércio africano .....	61

**PART IV:**

<b>Financiamento de infraestruturas e integração transfronteiriça .....</b>	<b>63</b>
---	-----------

4.1 Uma nova arquitetura financeira para um continente unido .....	64
--	----

4.3 Evidência em ação: financiamento de corredores económicos críticos .....	68
--	----

**PART V:**

<b>Além do balanço: medindo o impacto sustentável e traçando o futuro .....</b>	<b>77</b>
---	-----------

5.1 Envolvimento corporativo e integração ESG .....	77
---	----

5.2 Mecanismos de financiamento misto: ampliando o investimento de impacto .....	80
--	----

5.3 Estruturas para a banca sustentável .....	81
---	----

**PART VI:**

<b>Perspectivas: oportunidades estratégicas e tendências emergentes .....</b>	<b>83</b>
---	-----------

6.1 A próxima década de África e a integração económica global.....	83
---	----

6.2 O imperativo institucional: construir os campeões do financiamento do desenvolvimento em África	85
---	----

6.3 Um roteiro para a ação.....	86
---------------------------------	----

**PART VII:**

<b>Conclusão: Apostar no crescimento sustentável de África .....</b>	<b>88</b>
--	-----------

<b>Apêndice: Bibliografia completa .....</b>	<b>90</b>
--	-----------

<b>Sobre o United Bank for Africa .....</b>	<b>94</b>
---	-----------

# **Lista de Figuras e Tabelas**

## **List of Figures**

<b>Figura 1:</b> Uma Perspectiva Sistêmica sobre os Riscos Globais .....	1
<b>Figura 2:</b> Estado Global dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável .....	2
<b>Figura 3:</b> Mudança de Capital da África: de Ajuda a Parcerias Multipolares .....	4
<b>Figura 4:</b> Comércio total entre os países do GCC e a África em US\$ bilhões, 2016-2023 .....	10
<b>Figura 5:</b> Fluxos de IDE do GCC para a África por valor, em US\$ bilhões: Principais 5 países de origem .....	11
<b>Figura 6:</b> Fluxos de IDE do GCC para a África por valor, em US\$ bilhões: Principais 5 países de destino .....	11
<b>Figura 7:</b> Fluxos de IDE do GCC para a África por valor de CAPEX, 2021-2022: Principais 5 setores .....	11
<b>Figura 8:</b> Mapa mostrando os Estados do Golfo .....	13
<b>Figura 9:</b> Variação nas Vendas de Exportação da China por Destino .....	16
<b>Figura 10:</b> Asian Commitments to Africa (2019 - 2025) .....	18
<b>Figura 11:</b> Ministério do Comércio, Governo da Índia .....	19
<b>Figura 12:</b> Crescimento na África vs Dívida Pública .....	24
<b>Figura 13:</b> Visualizando os US\$ 4 Trilhões em Ativos Domésticos da África .....	26
<b>Figura 14:</b> Desempenho e Projeções do Comércio Intra-Africano, 2021-2025 .....	35
<b>Figura 15:</b> Participantes do Sistema Pan-Africano de Pagamentos e Liquidação .....	39
<b>Figura 16:</b> Comparação da Penetração de Contas Financeiras por Região (2024) .....	47
<b>Figura 17:</b> O Impacto do Sistema Pan-Africano de Pagamentos e Liquidação .....	54
<b>Figura 18:</b> Fluxos de Financiamento Climático em Contexto .....	78

## **List of Tables**

<b>Tabela 1:</b> Lacunas estruturais nos sistemas financeiros africanos (mercados prioritários da UBA) .....	28
<b>Tabela 2:</b> Limites de Investimento em Ativos de Pensão e Infraestrutura Africanos .....	44
<b>Tabela 3:</b> Comparação entre Buna e PAPSS – Gateway de Pagamento .....	55
<b>Tabela 4:</b> Análise comparativa dos modelos de financiamento de infraestruturas .....	74

# Abreviaturas e Acrónimos

Acrónimo	Designação Completa
<b>AfCFTA</b>	Área de Comércio Livre Continental Africana
<b>AfDB</b>	Banco Africano de Desenvolvimento
<b>AFC</b>	Corporação Financeira Africana
<b>AFD</b>	Agência Francesa de Desenvolvimento
<b>AFCON</b>	Taça das Nações Africanas
<b>Afreximbank</b>	Banco Africano de Exportação e Importação
<b>ASEA</b>	Associação Africana de Bolsas de Valores
<b>BII</b>	Investimento Internacional Britânico
<b>BRI</b>	Iniciativa Cinturão e Rota
<b>CEPA</b>	Acordo de Parceria Económica Abrangente
<b>DBT</b>	Departamento de Negócios e Comércio (Reino Unido)
<b>DFC</b>	Corporação Financeira Internacional para o Desenvolvimento dos EUA
<b>DFI</b>	Instituição Financeira de Desenvolvimento
<b>DPI</b>	Infraestrutura Pública Digital
<b>BERD</b>	Banco Europeu para a Reconstrução e o Desenvolvimento
<b>ECA</b>	Comissão Económica das Nações Unidas para África
<b>EDCF</b>	Fundo de Cooperação para o Desenvolvimento Económico (Coreia do Sul)
<b>ESG</b>	Ambiental, Social e Governança
<b>IDE</b>	Investimento Direto Estrangeiro
<b>FOIP</b>	Indo-Pacífico Livre e Aberto
<b>GCC</b>	Conselho de Cooperação do Golfo
<b>PIB</b>	Produto Interno Bruto
<b>GIIF</b>	Fundo de Investimento em Infraestruturas do Gana
<b>GTI</b>	Iniciativa de Comércio Guiado
<b>ICC</b>	Câmara de Comércio Internacional

<b>Acrónimo</b>	<b>Designação Completa</b>
<b>IFC</b>	Corporação Financeira Internacional
<b>FMI</b>	Fundo Monetário Internacional
<b>JNHP</b>	Projeto Hidrelétrico Julius Nyerere
<b>KEPFIC</b>	Consórcio de Investimento dos Fundos de Pensões do Quénia
<b>KOICA</b>	Agência de Cooperação Internacional da Coreia
<b>LSE</b>	Bolsa de Valores de Londres
<b>MDB</b>	Banco Multilateral de Desenvolvimento
<b>MLETR</b>	Lei Modelo sobre Registos Transferíveis Eletrónicos
<b>NNPC</b>	Companhia Nacional de Petróleo da Nigéria
<b>NSIA</b>	Autoridade de Investimento Soberano da Nigéria
<b>ODA</b>	Ajuda Pública ao Desenvolvimento
<b>OCDE</b>	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
<b>PACM</b>	Mercado Monetário Africano
<b>PAPSS</b>	Sistema Pan-Africano de Pagamentos e Liquidações
<b>PAVM</b>	Parceria para a Produção de Vacinas Africanas
<b>PGI</b>	Parceria para Infraestruturas e Investimento Globais
<b>PPP</b>	Parceria público-privada
<b>RTGS</b>	Liquidação Bruta em Tempo Real
<b>SCF</b>	Financiamento da cadeia de abastecimento
<b>SDG</b>	Objetivo de Desenvolvimento Sustentável
<b>PME</b>	Pequenas e Médias Empresas
<b>SOE</b>	Empresa estatal
<b>TICAD</b>	Conferência Internacional de Tóquio sobre o Desenvolvimento Africano
<b>UBA</b>	Banco Unido para a África
<b>UNCTAD</b>	Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento
<b>USAID</b>	Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional
<b>WAMZ</b>	Zona Monetária da África Ocidental

# Prefácio



O financiamento ao desenvolvimento, tal como o mundo o conhece há décadas, está a ser repensado. Para África, isso coloca-nos numa encruzilhada transformacional, uma oportunidade de assumir o controlo do nosso próprio destino económico.

O nosso continente, que alberga mais de 1,4 mil milhões de pessoas, apresenta um paradoxo. Muitas pessoas ainda vivem sem eletricidade. Muitos dos nossos jovens, homens e mulheres, continuam desempregados, com o seu potencial por realizar. No entanto, essa mesma maioria jovem encarna uma resiliência, criatividade e ambição ilimitadas. Combinada com os nossos recursos naturais e energia empreendedora, África é rica em tudo o que é necessário para garantir a prosperidade, isto é, se nos mobilizarmos de forma eficaz.

Há muito que defendo a filosofia do africanismo: a convicção de que o setor privado africano, quando dotado de visão, capital e responsabilidade, pode impulsionar um crescimento sustentável que crie prosperidade económica e riqueza social. O financiamento do desenvolvimento deve, portanto, evoluir. Deve passar da dependência da ajuda para parcerias de investimento; de intervenções de curto prazo para compromissos de longo prazo que proporcionem um impacto social mensurável a par de retornos financeiros. Na UBA, sabemos que isso é possível. Temos demonstrado isso, de forma consistente, há mais de 75 anos.

As instituições financeiras africanas devem estar no centro desta evolução. Com um profundo conhecimento local e alcance global, instituições como a UBA estão numa posição única para fazer a ponte entre o capital, ligar oportunidades e reduzir o risco dos investimentos. Este white paper, *Banking on Africa's Future*, oferece insights baseados em evidências e estudos de caso práticos, mostrando o que é possível quando inovamos e colaboramos.

Não estamos sozinhos nesta jornada. A Zona de Comércio Livre Continental Africana (AfCFTA) e o Sistema Pan-Africano de Pagamentos e Liquidações (PAPSS) já sinalizam o poder da ação coletiva. Novas alianças globais, do Golfo à Ásia e além, estão a expandir as oportunidades para o setor privado africano assumir a liderança. O velho provérbio lembra-nos: «Se queres ir rápido, vai sozinho. Se queres ir longe, vai acompanhado.» África está a optar por ir longe.

Na UBA, vemos claramente o nosso papel: ser uma ponte entre o capital nacional e global, entre África e o mundo, entre os desafios de hoje e as possibilidades de amanhã. Com operações em 20 países africanos e uma presença estratégica nos centros financeiros globais de Nova Iorque, Londres, Paris e Dubai, estamos empenhados em possibilitar a soberania económica e a prosperidade de África.

Este é um apelo à ação. Aos decisores políticos, às instituições financeiras de desenvolvimento, aos investidores e às outras instituições financeiras africanas: vamos estabelecer parcerias diferentes, investir com ousadia e agir com urgência. Juntos, podemos garantir que o futuro de África seja moldado pela própria África e que seja sustentável, inclusivo e impulsionado pelas aspirações do nosso povo.



**Tony O. Elumelu, CFR**

PRESIDENTE DO GRUPO, UBA GROUP

# Resumo executivo

Durante décadas, as narrativas sobre o investimento comercial em África foram moldadas por percepções de risco externas que muitas vezes deturpam as realidades do mercado local. Embora as instituições financeiras de desenvolvimento (IFDs) tenham lidado com esses riscos, o foco no capital externo obscureceu uma verdade fundamental: as próprias instituições financeiras e detentores de capital de África estão em melhor posição para avaliar oportunidades, precificar riscos de forma adequada e aplicar capital de forma eficaz.

Este documento reformula o desafio de um paradigma tradicional único, que depende exclusivamente da atração de capital externo para o crescimento, para uma estratégia multifacetada com a mobilização dos ativos financeiros internos de África como seu núcleo, por meio de mecanismos de financiamento inovadores liderados por africanos.

Esta mudança é urgente, uma vez que os fluxos de ajuda tradicionais diminuem, as tensões geopolíticas remodelam os padrões de investimento e a tecnologia redireciona o capital para novos setores. Ao mesmo tempo que dá prioridade aos recursos domésticos, esta estratégia também procura construir parcerias internacionais, reforçando o princípio de que o futuro do crescimento global tem uma forte identidade africana.

A tese central desta nova abordagem é a oportunidade de desbloquear cerca de 4 biliões<sup>1</sup> de dólares em capital interno. Estrategicamente aplicados, estes fundos poderiam reduzir significativamente a dependência do continente em relação ao financiamento externo e, mais importante ainda, reforçar a sua independência económica. A aplicação deste capital onde são identificadas as prioridades de desenvolvimento interno também atuará como um catalisador para os fluxos de capital externo que se alinham com a visão traçada pelas autoridades nacionais.

Esta abordagem pode ajudar a garantir parcerias para o investimento estrangeiro direto, aproveitando vastos fundos de capital globais, incluindo 63,1 biliões de dólares em fundos de pensões globais,<sup>2</sup> 105,9 biliões de dólares em ativos bancários globais e 127 biliões de dólares nos mercados acionistas globais.<sup>3</sup> Este valor representa o valor total de todas as empresas cotadas em bolsa a nível global, com os Estados Unidos a deterem uma parte significativa, avaliada em aproximadamente 62,2 biliões de dólares. Aproveitar mesmo que seja uma pequena fração desses recursos poderia ter um impacto transformador no continente.

---

<sup>1</sup> AFC Champions Shift of \$4 Trillion in Domestic Savings into Africa's Infrastructure Transformation.

<sup>2</sup> OECD (2024), Pension Markets in Focus 2024, OECD Publishing, Paris.



De acordo com o Relatório sobre o Estado das Infraestruturas em África de 2025 da African Finance Corporation (AFC), este capital inclui aproximadamente 2,5 biliões de dólares em ativos bancários comerciais, mais de 1,1 biliões de dólares em capital institucional de longo prazo (pensões, seguros, riqueza soberana) e 470 mil milhões de dólares em reservas.<sup>4</sup> As remessas complementam significativamente estes recursos: em 2023, a África Subsaariana recebeu 54 mil milhões de dólares e o Norte de África 36,8 mil milhões de dólares, totalizando 91 mil milhões de dólares, mais do dobro da ajuda oficial bilaterial líquida ao desenvolvimento do continente.<sup>5</sup>

Embora nem todo esse capital seja imediatamente utilizável, canalizar estrategicamente mesmo que seja uma fração pode desbloquear investimentos transformadores em infraestrutura, energia e desenvolvimento social. Esse investimento inicial cria um efeito multiplicador, atraindo recursos adicionais dos fluxos globais de IDE e ajudando a África a atingir o seu potencial de crescimento.

A mobilização de recursos internos está diretamente alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas, incluindo aqueles focados em energia (ODS 7), crescimento económico (ODS 8), infraestruturas (ODS 9) e ação climática

<sup>4</sup> Africa Finance Corporation (2025). Africa's Capital Outlook Report. Lagos: AFC.

<sup>5</sup> World Bank (2024). Migration and Remittances Factbook. Washington, DC: World Bank.

(ODS 13). Ao redirecionar os ativos locais para esses setores transformadores, as instituições financeiras africanas podem impulsionar mudanças económicas fundamentais e ajudar a alcançar os objetivos globais de desenvolvimento.

As ideias apresentadas neste documento técnico são extraídas da experiência operacional direta do United Bank for Africa (Grupo UBA) em 20 países africanos e da nossa presença em centros financeiros globais como Nova Iorque, Londres, Paris e Dubai. Como instituição financeira africana líder, a nossa perspetiva baseia-se na execução prática, num profundo conhecimento dos mercados locais e num firme compromisso com o desenvolvimento económico e social de África.

As ideias apresentadas neste documento técnico são extraídas da experiência operacional direta do United Bank for Africa (Grupo UBA) em 20 países africanos e da nossa presença em centros financeiros globais como Nova Iorque, Londres, Paris e Dubai. Como instituição financeira africana líder, a nossa perspetiva baseia-se na execução prática, num profundo conhecimento dos mercados locais e num firme compromisso com o desenvolvimento económico e social de África.



### **Desbloquear o potencial de crescimento a partir de dentro**

**A transformação de África começa em casa.** O continente não tem escassez de capital, mas enfrenta lacunas estruturais na intermediação financeira que limitam o fluxo de recursos domésticos para investimentos produtivos.

Essas lacunas incluem um descompasso entre os passivos bancários de curto prazo e as necessidades de longo prazo dos projetos de infraestrutura; restrições regulatórias que limitam os investimentos dos fundos de pensão em classes de ativos cruciais, como infraestrutura; e uma escassez de instrumentos de redução de risco que possam ser geridos por instituições locais com o profundo conhecimento local necessário para especificar com precisão e mitigar os riscos no terreno. Além disso, os ativos financeiros das famílias em muitas economias africanas permanecem muito abaixo dos níveis da OCDE.<sup>6</sup> O investimento anual em infraestruturas também fica aquém, com uma média de apenas 3,5% do PIB, bem abaixo da referência de 5-6% necessária para colmatar o fosso em infraestruturas.<sup>7</sup>

A concretização do potencial de África requer uma ação coordenada entre os seus setores financeiro, de desenvolvimento, económico e político. Esta ação deve ser sustentada por **três mudanças fundamentais**: de modelos fortemente dependentes da ajuda externa para parcerias de investimento, da dependência excessiva do financiamento externo para a mobilização de capital interno (sem deixar de atrair capital global) e da banca convencional para um financiamento inovador e orientado para soluções.

### **Transformação do mercado e novos modelos de parceria**

O panorama do financiamento do desenvolvimento está a evoluir. Novos modelos de colaboração estão a ser adaptados aos contextos africanos para promover uma maior apropriação local.

Esta mudança é claramente visível nas ações recentes das Instituições Financeiras de Desenvolvimento (IFD), que em 2024 aumentaram os seus compromissos africanos para mais de 25 mil milhões de dólares. A Corporação Financeira Internacional (IFC) liderou com um compromisso recorde de 14,2 mil milhões de dólares (um aumento de 23% em relação ao ano anterior) distribuídos por 45 países e direcionados para infraestruturas, financiamento climático e tecnologia financeira.

---

<sup>6</sup> OECD (2023). Household Financial Assets Database. Paris: OECD.

<sup>7</sup> Gutman, J., Sy, A., & Chattopadhyay, S. (2015). Financing African Infrastructure: Can the World Deliver? Washington, DC: Brookings Institution.

O Banco Africano de Desenvolvimento (AfDB) seguiu-se com aproximadamente 11 mil milhões de dólares em novos investimentos focados em energia, transportes, resiliência climática e inclusão financeira.<sup>8</sup> Esta tendência foi ainda mais destacada quando o Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento (BERD) anunciou recentemente que iria expandir o seu mandato de investimento para vários mercados africanos.<sup>9</sup> Estes desenvolvimentos sinalizam uma mudança definitiva nas prioridades dos investidores em relação ao continente.

Estes fluxos dependem cada vez mais de modelos de financiamento misto que combinam capital concessionário e comercial para reduzir o risco dos projetos e atrair a participação do setor privado. Por exemplo, o Projeto de Energia Eólica do Lago Turkana, no Quénia, o maior parque eólico de África, mobilizou 620 milhões de dólares através de uma combinação de empréstimos para o desenvolvimento, garantias e capital privado.<sup>10</sup>

Fundamentalmente, este modelo está a evoluir ainda mais, demonstrando o poder da mobilização de capital liderada pela África. Por exemplo, o Projeto Hidrelétrico Julius Nyerere, de 2115 MW, na Tanzânia, foi financiado inteiramente por um consórcio de instituições africanas<sup>11</sup>, incluindo a UBA Plc. Isto ilustra um novo e poderoso paradigma em que os mecanismos africanos de partilha de riscos podem desbloquear projetos comercialmente viáveis, impulsionando o desenvolvimento a partir de dentro.

Esta inovação ao nível do projeto é amplificada pela integração continental transformadora. Iniciativas como a Zona de Comércio Livre Continental Africana (AfCFTA) e o Sistema Pan-Africano de Pagamentos e Liquidações (PAPSS) estão a criar um mercado mais unificado. O PAPSS, por exemplo, permite agora pagamentos transfronteiriços instantâneos — com liquidação em apenas 120 segundos — e prevê-se que poupe ao continente 5 mil milhões de dólares anualmente em custos de transação.<sup>12</sup>

No entanto, estas estruturas requerem uma base financeira robusta para funcionar. Financiar as artérias do comércio é tão importante quanto construir a própria infraestrutura. O sucesso da AfCFTA depende da capacidade dos bancos africanos de fornecer financiamento acessível ao comércio e à cadeia de abastecimento para pequenas e médias empresas (PMEs) que buscam expandir-se para os mercados regionais.

---

<sup>8</sup> International Finance Corporation. (2024, October 30). IFC invests record financing in 45 African countries in fiscal year 2024. Retrieved from IFC News Release African Development Bank Group. (2025, May 28). African Development Bank hits record \$11 billion in new investments for 2024 (Annual Development Effectiveness Review). Retrieved from AfDB.

<sup>9</sup> <https://www.ebrd.com/home/news-and-events/news/2025/benin--cote-d-ivoire-and-nigeria-announced-as-new-coos.html>

<sup>10</sup> African Development Bank. "AfDB convenes lenders to secure Kenya's largest private sector investment." March 25, 2014

<sup>11</sup> United Bank for Africa Tanzania. "UBA Extends Support to Nyerere Hydropower Project." November 30, 2020. <https://il.tzembassy.go.tz/resources/view/uba-extends-support-to-nyerere-hydropower-project>

<sup>12</sup> Reuters. (2025, June 20). Under shadow of Trump warning, Africa pioneer's non-dollar payments systems. Reuters. Retrieved from Reuters News

## A estrutura futura

Para concretizar este potencial, as instituições financeiras, os governos e os investidores africanos devem:

- **Estabelecer** e ampliar mecanismos de financiamento misto para reduzir os riscos de projetos de grande escala e atrair capital nacional e internacional.
- **Fortalecer** os consórcios de financiamento liderados por africanos, criando fundos de capital transfronteiriços e incentivando parcerias entre bancos e investidores institucionais.
- **Conceber** novos veículos de investimento que permitam às instituições nacionais, incluindo pensões, seguros e canais de remessas, reduzir progressivamente a dependência externa.
- **Acelerar** a harmonização regulatória entre blocos regionais para criar corredores prontos para investimento e padronizar os processos de preparação de projetos..
- **Implementar** plataformas digitais para aumentar a velocidade das transações, a transparência, a viabilidade financeira dos projetos e a confiança dos investidores.

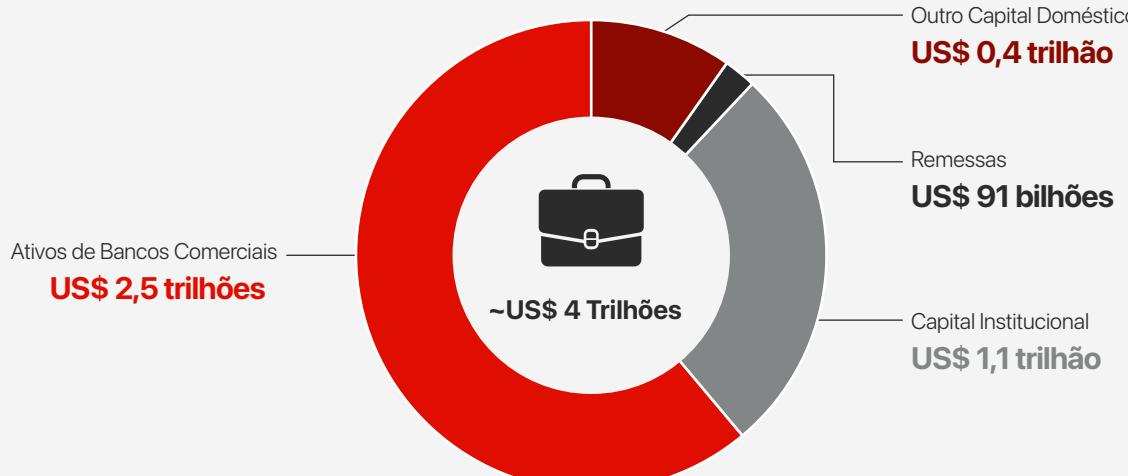
Ao atuarem como arquitetos do seu destino económico, as instituições africanas podem canalizar recursos domésticos para caminhos de crescimento sustentável que beneficiem tanto os investidores como as comunidades.

Este white paper explora como as próprias instituições financeiras africanas atuam como facilitadoras vitais para desbloquear o potencial do continente. Esses campeões financeiros aproveitam o capital doméstico como base, ampliando o impacto por meio de parcerias estratégicas e investimentos globais para arquitetar um continente mais próspero e autodeterminado..



As narrativas de investimento passadas na África baseavam-se em percepções de risco externas que não refletiam a realidade local. O foco deve mudar de apenas atrair capital externo para mobilizar os recursos financeiros da África.

A África não é escassa em capital, mas enfrenta lacunas estruturais que impedem que os fundos domésticos sejam direcionados para investimentos produtivos. O continente possui cerca de US\$ 4 trilhões em capital doméstico, incluindo US\$ 2,5 trilhões em ativos de bancos comerciais e mais de US\$ 1,1 trilhão em capital institucional. As remessas também contribuem de forma significativa, totalizando US\$ 91



\*2023



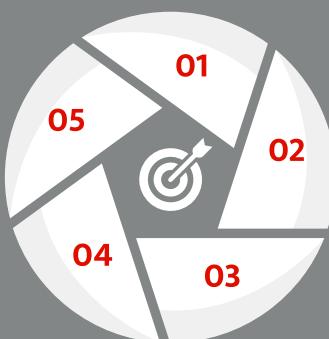
A estratégia é utilizar os ativos financeiros domésticos como base central para o crescimento. Essa abordagem não apenas fortalece a independência econômica, mas também atua como catalisador para atrair investimentos externos que estejam alinhados às prioridades nacionais de

Para realizar esse potencial, são recomendadas estas cinco ações-chave:

Implementar plataformas digitais para melhorar velocidade, transparência e confiança.

Acelerar a harmonização regulatória para criar corredores prontos para investimento.

Ampliar o financiamento misto para reduzir riscos de projetos e atrair capital.



Fortalecer consórcios liderados por africanos para construir fundos de capital transfronteiriços.

Desenvolver novos veículos de investimento para reduzir a dependência de financiamento externo.



# Mudanças no capital global e novas parcerias

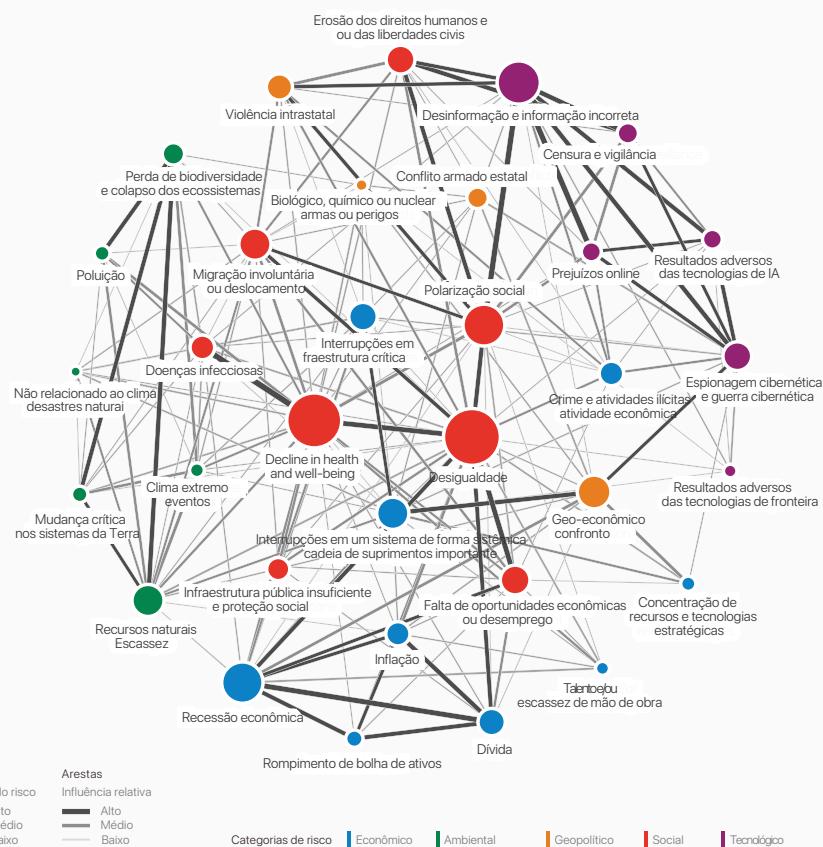
## 1.1 Uma nova realidade macroeconómica e financeira

**A economia global enfrenta ventos contrários estruturais sem precedentes que exigem uma mudança estratégica fundamental.**

Uma das principais preocupações é a desaceleração prolongada do crescimento global. O Banco Mundial divulgou as suas previsões mais fracas para os próximos cinco anos em quase duas décadas, as mais pessimistas fora de uma recessão global real. Da

mesma forma, o FMI projeta que o crescimento ficará estagnado em 3,3% até 2026, significativamente abaixo da média histórica de 3,7% registada entre 2000 e 2019.<sup>13</sup>

**FIGURA 1:** Uma Perspectiva Sistêmica sobre os Riscos Globais



**FONTE:** World Economic Forum, Global Risks Perception Survey 2024-2025

<sup>13</sup> International Monetary Fund. (2025). World Economic Outlook.

Esta desaceleração é exacerbada pela inflação persistente, pela incerteza política acentuada e pelo aumento das tensões geopolíticas. Embora o FMI espere que a inflação global modere, esta tendência esconde pressões regionais significativas que limitam a flexibilidade monetária e atenuam o dinamismo do investimento. O Relatório de Riscos Globais 2025 do Fórum Económico Mundial ilustra esta teia de ameaças interligadas.<sup>14</sup>

Esses ventos contrários afetam a África de maneira diferente. O continente tem superado consistentemente a média global, com o PIB a crescer 3,8% em 2024, em comparação com a taxa global de 3,2%.<sup>15</sup> A África registou um aumento de 75% no IDE, atingindo 97 mil milhões de dólares em 2024, impulsionado principalmente por um mega acordo de desenvolvimento urbano no Egito. Excluindo este valor atípico, o IDE no resto do continente ainda cresceu 12%, para cerca de 62 mil milhões de dólares.<sup>16</sup>

Entretanto, os países africanos menos desenvolvidos (PMD) — novamente excluindo o aumento do Egito — tiveram um aumento de 9% no IDE em relação ao ano anterior, impulsionado pela diversificação na indústria transformadora, energias renováveis e infraestruturas digitais.

Esta divergência cria uma oportunidade estratégica para reposicionar África como um motor de crescimento e um ator mais influente na economia global. No entanto, África não está imune a riscos específicos de alto impacto.

As vulnerabilidades do continente incluem o confronto geoeconómico, a crise da dívida soberana, a inflação e a desvalorização da moeda, bem como as perturbações na cadeia de abastecimento. Como destaca a investigação do Banco Europeu de Investimento, este crescimento surge após um abrandamento acentuado em relação ao período

**FIGURA 2:** Estado Global dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável



**FONTE:** Fórum Econômico Mundial, Pesquisa de Percepção de Riscos Globais 2024-2025

<sup>14</sup> World Economic Forum. (2025, January 15). The Global Risks Report 2025 (20th ed.). <https://www.weforum.org/reports/the-global-risks-report-2025>

<sup>15</sup> International Monetary Fund. (2024). World Economic Outlook.

<sup>16</sup> UNCTAD. (2025, January). Global Investment Trends Monitor No. 48.

de forte crescimento da década de 2000 e tem como pano de fundo o aumento constante da dívida pública desde 2012.<sup>17</sup> Esta pressão fiscal subjacente é uma vulnerabilidade fundamental e torna a viragem para a mobilização de capital interno não apenas uma oportunidade, mas uma necessidade estrutural.

A evolução das regulamentações bancárias globais, como o Acordo de Basileia III.1, também deve aumentar o custo de capital para entidades com classificação abaixo do grau de investimento e sem classificação, o que inclui muitas empresas africanas. Ao aumentar os requisitos de capital dos bancos para exposições de maior risco, essas regras podem restringir os empréstimos domésticos, desacelerar os investimentos em infraestrutura e industriais e aumentar a urgência de soluções de financiamento inovadoras e lideradas pela África para mobilizar recursos locais de forma eficaz.<sup>18</sup>

A Ajuda Pública ao Desenvolvimento (APD) para África está sob pressão crescente, uma vez que os orçamentos limitados dos doadores restringem o financiamento aos países menos desenvolvidos do continente<sup>19</sup>. Ao mesmo tempo, o IDE continua volátil e insuficiente para cobrir o défice anual estimado de financiamento de infraestruturas em África, que se situa entre 130 e 170 mil milhões de dólares. Os compromissos recentes têm sido de aproximadamente 80 mil milhões de dólares por ano, com as contribuições dos doadores a representarem cerca de 35% do total dos compromissos.<sup>20</sup>

Este défice de financiamento tem implicações profundas para o desenvolvimento sustentável. De acordo com o Relatório de Progresso dos ODS 2025 das Nações Unidas, apenas 35% das metas dos ODS estão no bom caminho ou a apresentar progressos moderados, enquanto 47% são insuficientes e 18% regrediram para níveis inferiores aos de 2015. A pandemia da COVID-19, juntamente com o aumento dos custos do serviço da dívida, exacerbou estes desafios, desviando recursos das prioridades de desenvolvimento.<sup>21</sup>

## Conclusão principal

Os desafios económicos globais exigem uma nova estratégia financeira africana centrada no capital interno e nas parcerias.

<sup>17</sup> European Investment Bank, is crowding out of private sector credit inhibiting Africa's growth? (Luxembourg: EIB, 23 November 2022).

<sup>18</sup> Saleh, N.J. (2025, May 31). Innovative Investment Models in Africa: Structural & Cyclical Context [Presentation]. LBS Africa Business Summit, London, UK

<sup>19</sup> UNCTAD. (2025). Trade and development forecasts 2025: Under pressure – Uncertainty reshapes global development finance.

<sup>20</sup> AUDA-NEPAD. (2025). Unlocking sustainable infrastructure financing in Africa. African Union Development Agency – New Partnership for Africa's Development.

<sup>21</sup> United Nations. The Sustainable Development Goals Report 2025. United Nations Statistics Division, 2025.

## Realinhamento de capital e parcerias

Neste contexto macroeconómico, África está no centro de um realinhamento global de capital. O continente tornou-se uma arena estratégica numa ordem económica multipolar, onde convergem investidores do Golfo, parceiros asiáticos, IFD ocidentais e instituições africanas. Esta mudança reflete um realinhamento mais amplo nas finanças globais: a erosão de modelos de forte dependência da ajuda e o surgimento de parcerias comercialmente disciplinadas que incorporam interesses mútuos e sustentabilidade a longo prazo.

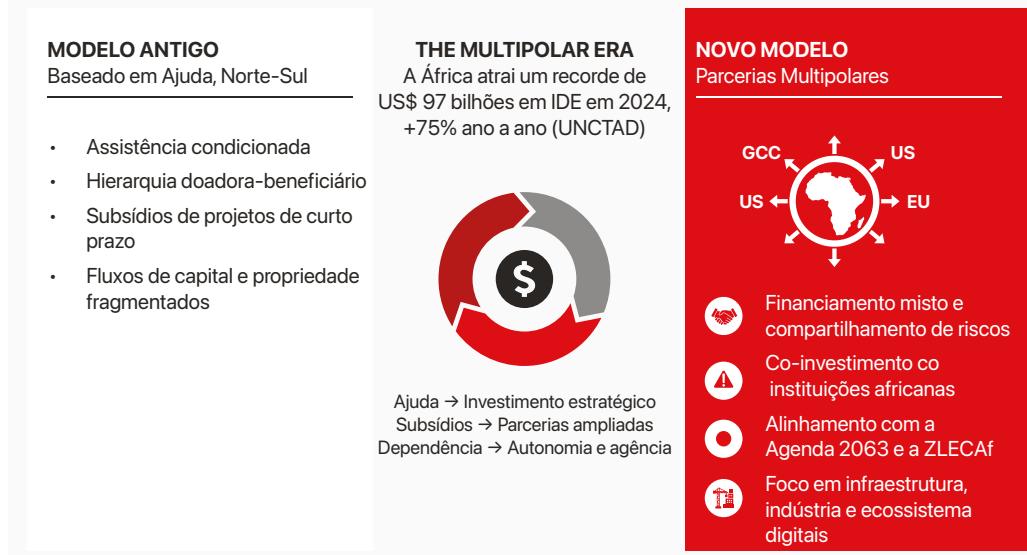
O Relatório de Investimento Mundial 2025 da UNCTAD sublinha esta transição. África atraiu um fluxo recorde de IDE de 97 mil milhões de dólares em 2024, um aumento de 75% em relação ao ano anterior, em contraste com o declínio dos fluxos para muitos mercados emergentes.<sup>22</sup> Significativamente, mais de metade destes fluxos assumiram a forma de financiamento de projetos de infraestruturas, investimentos em energia e redes digitais, indicando que o capital está a seguir a agenda de integração de África, em vez das condicionalidades da ajuda. Esta dinâmica está a tornar-se rapidamente uma corrida dinâmica para definir rotas comerciais

modernas, estabelecer padrões tecnológicos e construir as infraestruturas físicas que irão moldar o futuro económico de África.

Projetos emblemáticos ilustram esta nova realidade. O Corredor Lobito, apoiado pelos EUA, o Porto de Ndayane, financiado pelos Emirados Árabes Unidos, e o Corredor Nacala, apoiado pelo Japão, estão a criar novas dinâmicas geopolíticas, alterando os equilíbrios de poder regionais e redirecionando os fluxos comerciais globais. Cada um deles representa não apenas um investimento em infraestruturas, mas também um posicionamento estratégico na transformação económica de África.

Embora este panorama acarrete riscos de fragmentação geopolítica e preocupações com a sustentabilidade da dívida, também está a capacitar as nações africanas com mais agência. Deixando de ser destinatários passivos, os líderes africanos estão cada vez mais a aproveitar esta concorrência global para negociar parcerias mais favoráveis e de valor acrescentado que priorizam a industrialização e o desenvolvimento económico local, marcando um momento crucial na relação do continente com o mundo.

**FIGURA 3:** Mudança de Capital da África: de Ajuda a Parcerias Multipolares



<sup>22</sup> UNCTAD, World Investment Report 2025 + press release "Africa: Foreign Investment Hit Record High in 2024," June 19, 2025.

## Estados Unidos: Diplomacia Comercial e Parceria de Investimento Estratégico

Entre os principais parceiros globais que estão a remodelar o seu envolvimento em África, os Estados Unidos representam talvez a mudança estratégica mais dramática.

Os Estados Unidos realinharam estrategicamente a sua política externa em relação à África, passando da tradicional assistência ao desenvolvimento para um modelo comercialmente orientado que enfatiza «comércio, não ajuda». <sup>23</sup> Esta abordagem prioriza a diplomacia comercial e as parcerias com o setor privado para promover interesses económicos mútuos, ao mesmo tempo que expande as oportunidades de cooperação estratégica.

A evolução da política incluiu uma reestruturação abrangente dos programas de ajuda ao desenvolvimento, com modificações em mais de 5300 projetos e uma reorganização significativa da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) para se alinhar com as novas prioridades estratégicas.<sup>24</sup>

O Corredor Lobito, um projeto de infraestrutura transformador que liga o interior rico em minerais da República Democrática do Congo (RDC) e da Zâmbia à costa atlântica de Angola, tornou-se o exemplo emblemático dessa mudança. Apesar de ser uma iniciativa da era Biden no âmbito da Parceria para Infraestruturas e Investimento Globais (PGI) do G7, o valor estratégico do corredor alinha-se perfeitamente com o foco da administração Trump em garantir cadeias de abastecimento de minerais críticos para a transição energética global e competir

com a Iniciativa Belt and Road da China. Altos funcionários reafirmaram repetidamente o apoio dos EUA ao projeto, enquadrando-o como uma prioridade fundamental.

No entanto, este apoio retórico contrasta com os cortes simultâneos na ajuda do governo, que criaram uma incerteza significativa. Quase US\$ 20 milhões em programas liderados pela USAID destinados a construir “infraestrutura leve” ao longo do corredor, incluindo iniciativas para transparência, desenvolvimento agrícola, anticorrupção e dinheiro móvel, foram suspensos.

Além disso, o desembolso de um empréstimo crucial de 553 milhões de dólares da Corporação Financeira Internacional para o Desenvolvimento dos EUA (DFC) foi adiado. Embora os funcionários da DFC afirmem que as negociações estão em curso e que o projeto tem o estatuto de «business as usual», estes congelamentos de financiamento criaram desafios para o início das obras do corredor, previsto para 2026.

A abordagem da administração dos EUA para lidar com estas lacunas de financiamento demonstra o seu novo modelo de diplomacia comercial na prática. Na Cimeira Empresarial EUA-África, em Luanda, as empresas americanas anunciaram acordos do setor privado no valor de 2,5 mil milhões de dólares para projetos ao longo do Corredor do Lobito, incluindo terminais de silos de cereais, uma linha de transmissão de energia de 1200 km e desenvolvimento de infraestruturas digitais.<sup>25</sup>

<sup>23</sup> Reuters, “U.S. shifts Africa strategy to ‘trade, not aid,’ envoy says,” May 15, 2025

<sup>24</sup> The Guardian, “Rubio says purge of USAID programs complete, with 83% of agency’s programs gone,” March 2025

<sup>25</sup> African Business/Economy, “U.S. Commitment to Lobito Corridor Faces Setback Amid China’s Rise,” July 23, 2025; Railway supply, “Lobito Corridor Railway Project Faces Uncertainty Amid U.S. Aid Freeze,” February 18, 2025.

<sup>26</sup> U.S. State Department, “Record Breaking U.S. Africa Business Summit Yields \$2.5Billion in Deals and Commitments,” June 30, 2025; Reuters, “U.S. Shifting Africa Strategy to ‘Trade, not Aid,’ Envoy Says,” May 15, 2025.

Isto representa a política de «comércio, não ajuda» em ação: alavancar o poder comercial dos EUA para alcançar objetivos estratégicos sem assistência governamental direta. Em vez da ajuda ao desenvolvimento tradicional, a abordagem foi concebida para mobilizar as capacidades das empresas americanas para construir infraestruturas críticas, promovendo simultaneamente os interesses estratégicos dos EUA.

Isto representa uma mudança fundamental na forma como os Estados Unidos exercem influência em África: através de mecanismos de mercado, criando parcerias baseadas em interesses comerciais mútuos, em vez de relações doador-beneficiário.

A eficácia desta abordagem dependerá, em última análise, da capacidade das empresas americanas de oferecerem a escala e a consistência que os parceiros africanos exigem; um desafio que outras potências globais estão a tentar enfrentar simultaneamente através dos seus próprios modelos estratégicos.



## 1.3 Recalibração europeia: de doador a parceiro de desenvolvimento

Enquanto os Estados Unidos buscam uma diplomacia comercial bilateral, a Europa está adotando uma abordagem mais institucional para transformar sua relação com a África. A Europa está recalibrando seu envolvimento com a África, passando decisivamente de um paradigma doador-beneficiário para uma parceria económica estruturada.

Esta evolução estratégica reflete um reconhecimento fundamental de que o futuro económico da Europa, particularmente a sua transição verde e a resiliência da cadeia de abastecimento, está cada vez mais interligado com a trajetória de desenvolvimento de África. A ênfase já não está na ajuda fragmentada, mas no coinvestimento, na partilha de riscos e na integração com estruturas continentais como a AfCFTA.

O elemento central desta nova doutrina é o Pacote de Investimento África-Europa (2021-2027), no valor de 150 mil milhões de euros, implementado no âmbito da estratégia Global Gateway da UE.<sup>27</sup> Dos seus 225 projetos, 116 são dedicados à África, abrangendo energias renováveis, conectividade digital, transportes sustentáveis e competências. Esta abordagem a nível continental contrasta com os programas bilaterais anteriores, sinalizando o reconhecimento da Europa de que a trajetória de crescimento de África será impulsionada pela integração regional e pelos corredores de infraestruturas, em vez de intervenções nacionais fragmentadas.

A recalibração da Europa é também institucional. Em 2025, o Banco Europeu para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BERD) anunciou a sua primeira entrada total na África Subsaariana, iniciando operações no Benim, na Costa do Marfim e na Nigéria, com o Quénia e o Senegal a juntarem-se como acionistas.<sup>28</sup> Paralelamente, a UE atribuiu 15 milhões de euros em subvenções para a preparação de projetos através do BERD para apoiar estudos de viabilidade nas áreas da energia, agroindústria, digital e minerais críticos.

A França tem estado na vanguarda da operacionalização desta mudança através da sua agência de desenvolvimento (AFD) e do seu braço do setor privado (Proparco), que aumentaram o financiamento misto para atrair capital privado. Esta estratégia europeia, no entanto, requer intermediários locais sofisticados para ser eficaz.<sup>29</sup>

O sucesso do novo modelo de parceria da Europa é interdependente de intermediários financeiros locais sofisticados, capazes de traduzir o capital europeu em impacto económico africano.

Os bancos pan-africanos servem como canais indispensáveis, combinando padrões globais de conformidade com profundo conhecimento do mercado local. O UBA exemplifica esse papel de intermediário por meio de sua parceria estratégica com IFDs europeias. Como beneficiário dos esquemas de garantia ARIZ/EURIZ da AFD, o UBA concedeu crédito a PMEs carentes com até 70% do risco coberto. Da mesma forma, uma garantia de carteira de 50 milhões de dólares da Proparco desbloqueou aproximadamente 100 milhões de dólares em novos empréstimos a PME, com foco em negócios liderados por mulheres e alinhados com o clima.<sup>30</sup>

Estas colaborações demonstram um modelo refinado de partilha de riscos: as instituições europeias fornecem capital e garantias, enquanto os bancos africanos contribuem com conhecimento do mercado local, experiência regulatória e redes de distribuição. Esta estrutura de parceria permite que os objetivos de desenvolvimento europeus sejam alcançados por meio de relações bancárias comercialmente sustentáveis, em vez de mecanismos tradicionais de ajuda.

<sup>27</sup> European Commission. (2025). Global Gateway: The Africa-Europe Investment Package. Publications Office of the European Union

<sup>28</sup> European Bank for Reconstruction and Development. (2025, March 5). EBRD expands to Sub-Saharan Africa, starting with Benin, Côte d'Ivoire, and Nigeria.

<sup>29</sup> Proparco. (2025). Choose Africa: Partnering with African entrepreneurs.

<sup>30</sup> UBA. (2020, September 3). UBA, AFD SIGN PARTNERSHIP TO SUPPORT SMES IN AFRICA | UBA Lion King Blog. UBA Lion King Blog.

## 1.4 A estratégia africana do Reino Unido pós-Brexit

O Reino Unido representa mais uma abordagem distinta para esta nova era de parcerias com África, que aproveita a posição única da cidade de Londres nas finanças globais.

A abordagem do Reino Unido à África pós-Brexit marca uma recalibração destinada a maximizar as vantagens comparativas da Grã-Bretanha na economia global. Em vez de competir em volumes de ajuda ou escala de infraestruturas, o Reino Unido implementa uma estratégia dupla que aproveita as suas forças financeiras distintivas, capacidades de financiamento ao desenvolvimento de classe mundial e acesso incomparável aos mercados de capitais globais.

Esta abordagem reflete o reconhecimento do Reino Unido de que a sua influência pós-Brexit dependerá da prestação de serviços e conhecimentos especializados que outros parceiros não podem facilmente replicar, particularmente em matéria de estruturação financeira complexa e acesso ao mercado de capitais.

O primeiro pilar é a sua instituição financeira de desenvolvimento, a British International Investment (BII). Sucessora renomeada do CDC Group, a BII revelou 1,31 mil milhões de libras em novos compromissos em 2023, com 725 milhões de libras direcionados para empresas africanas, destacando a sua liderança contínua.<sup>31</sup> Isto é complementado por um envolvimento comercial mais amplo, como a Cimeira de Investimento Reino Unido-África, que gerou 6,5 mil milhões de libras em negócios.

Um excelente exemplo da abordagem direcionada da BII é a sua linha de financiamento comercial de 50 milhões de dólares com o Ghana International Bank (GHIB). Esta iniciativa proporciona a partilha de riscos em instrumentos financeiros para expandir a liquidez das PME em sete mercados africanos fronteiriços, abordando diretamente o persistente défice de financiamento comercial do continente<sup>32</sup> Esta abordagem independente cria oportunidades para parcerias entre o Reino Unido e África que enfatizam a viabilidade comercial, contribuindo simultaneamente para os objetivos de desenvolvimento através de mecanismos orientados para o mercado.

O segundo pilar da estratégia do Reino Unido aproveita a vantagem competitiva distinta dos mercados de capitais da cidade de Londres. Através do seu Departamento de Negócios e Comércio (DBT), o Reino Unido está a executar uma iniciativa deliberada para posicionar a Bolsa de Valores de Londres (LSE) como o principal mercado de capitais global para empresas africanas que procuram cotação pública.

Esta estratégia está a ser acelerada por mudanças decisivas nos mercados de capitais do Reino Unido, que criam oportunidades sem precedentes para as empresas africanas. O prazo de 2030 do Mansion House Compact mobilizará cerca de 5% dos 6,0 biliões de libras esterlinas do Reino Unido em pensões e poupanças institucionais para ações não cotadas, incluindo investimentos no estrangeiro.<sup>33</sup>

Simultaneamente, o London Stock Exchange Group (LSEG) obteve a aprovação da FCA em agosto de

<sup>31</sup> Nation. (2024, July 31). UK okays fresh £725m investment for Africa. The Nation Newspaper.

<sup>32</sup> Atkins, F.T.a.J. (2025, May 8). BII launches US\$50mn trade finance package with Ghana International Bank. Global Trade Review (GTR).

<sup>33</sup> Mansion House Accord (2025 – 10% to Private Markets, 5% UK by 2030; Mobilizing £50 billion) Investor Intelligence. (2025, May 14)..

2025 para operar a primeira plataforma PISCES, formalmente conhecida como Private Intermittent Securities and Capital Exchange System. Este mercado regulamentado permite a negociação periódica de ações de empresas privadas, criando um caminho estruturado para que as empresas, incluindo as africanas, tenham acesso à liquidez na faixa média (1 a 5 mil milhões de dólares) sem terem de se listar publicamente.<sup>34</sup>

A iniciativa muda explicitamente dos investimentos tradicionais em recursos para capturar o valor de longo prazo da economia de inovação em expansão de África. O DBT envolve-se ativamente com empresas nas áreas de tecnologia, IA, biotecnologia e tecnologia limpa, aproveitando o sucesso de Londres na cotação de empresas como a Helios Towers e a Airtel Africa para atrair a próxima onda de «unicórnios» tecnológicos, como a Flutterwave.

Estas inovações do mercado de capitais, combinadas com as recentes reformas regulatórias que removeram as barreiras à inovação em tecnologia financeira, posicionam Londres como uma porta de entrada ideal para empresas africanas que buscam estruturas de financiamento complexas e oportunidades de cotação dupla. Ao atrair os futuros campeões corporativos de África, o Reino Unido integra estas empresas ao seu ecossistema jurídico, regulatório e financeiro, criando assim uma poderosa atração gravitacional de longo prazo..

À medida que estas empresas africanas crescem globalmente, as suas ligações com a City de Londres promovem parcerias económicas sustentadas que impulsionam a prosperidade mútua. Esta abordagem demonstra como os serviços financeiros avançados e a experiência no mercado de capitais podem funcionar em conjunto com modelos centrados nas infraestruturas de outros parceiros, oferecendo às empresas africanas múltiplas vias de crescimento e acesso ao capital.

## Conclusão principal

O envolvimento ocidental em África está a passar por uma transformação fundamental, passando de relações dependentes de ajuda para parcerias comercialmente sustentáveis.

Os EUA aproveitam a diplomacia comercial para construir cadeias de abastecimento resilientes; a Europa utiliza financiamento misto através do Global Gateway e do BERD para apoiar a integração regional; e o Reino Unido mobiliza o BII juntamente com os mercados de capitais de Londres para expandir o acesso financeiro e conectar inovadores africanos com investidores internacionais.

Em conjunto, estas estratégias destacam uma recalibração das relações entre África e o Ocidente no sentido de parcerias que combinam viabilidade comercial com impacto no desenvolvimento, enfatizando a transferência de conhecimentos, a partilha de riscos e o desenvolvimento do mercado em detrimento do fornecimento tradicional de capital.

<sup>34</sup> MoneyWeek. (2025, August 20). London Stock Exchange's PISCES: The world's first regulated private stock market. MoneyWeek

## 1.5 Estados do Golfo: crescente envolvimento estratégico

Complementando estes modelos de parceria ocidentais, os Estados do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) representam outra dimensão significativa do panorama de investimento em evolução de África.

Os Estados do Golfo estão a aplicar capital de forma sistemática em toda a África através de uma abordagem coordenada que vai muito além dos empreendimentos comerciais individuais. Os Emirados Árabes Unidos, a Arábia Saudita e o Qatar estão a seguir estratégias económicas de longo prazo destinadas a diversificar as suas economias para além da dependência do petróleo, melhorar a segurança alimentar e energética e reforçar as suas posições nas redes comerciais globais.

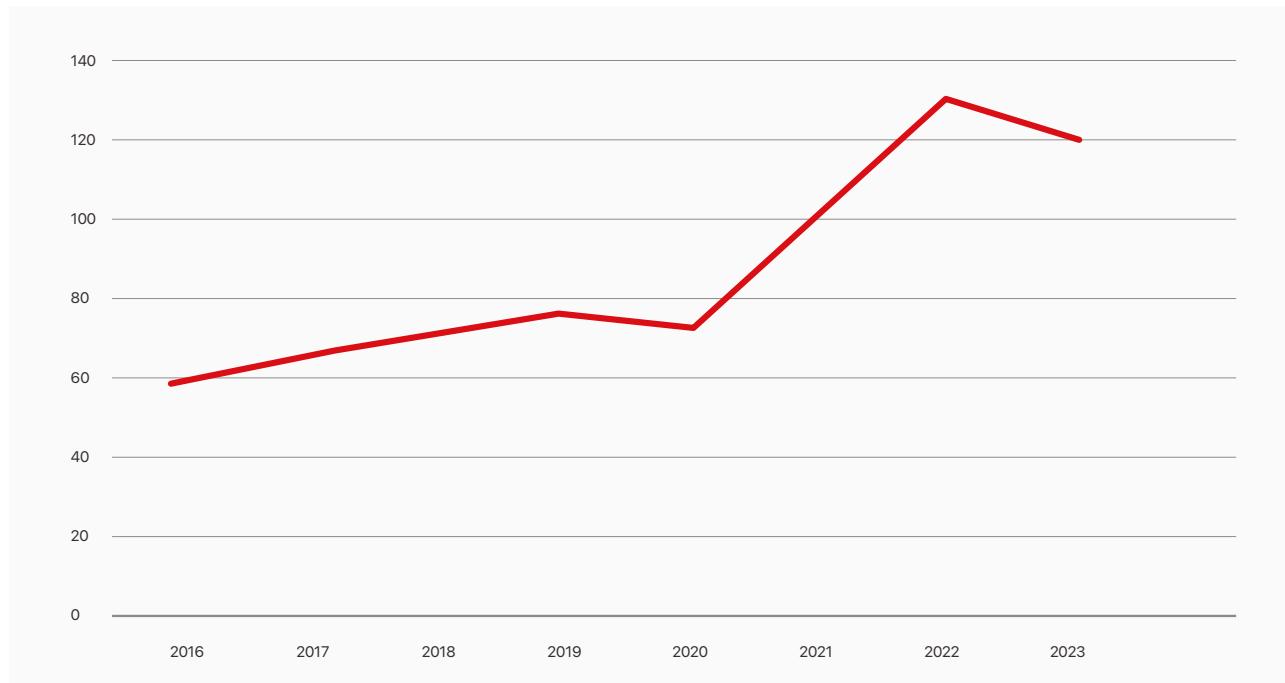
Este envolvimento reflete um planeamento económico estratégico de longo prazo. Os investidores do Golfo estão a construir relações abrangentes que abrangem o desenvolvimento de infraestruturas, cadeias de

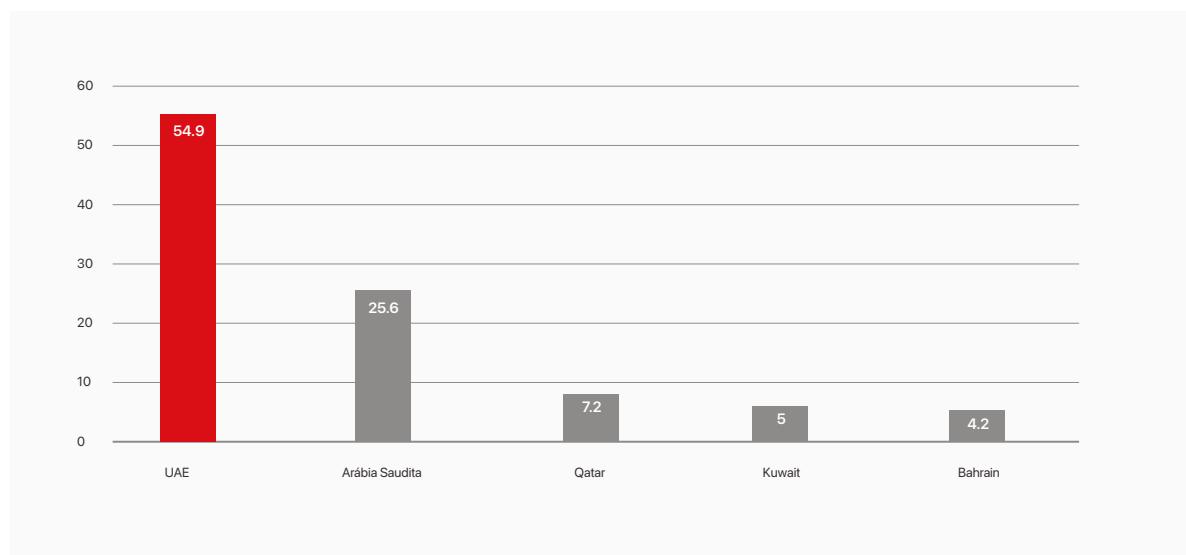
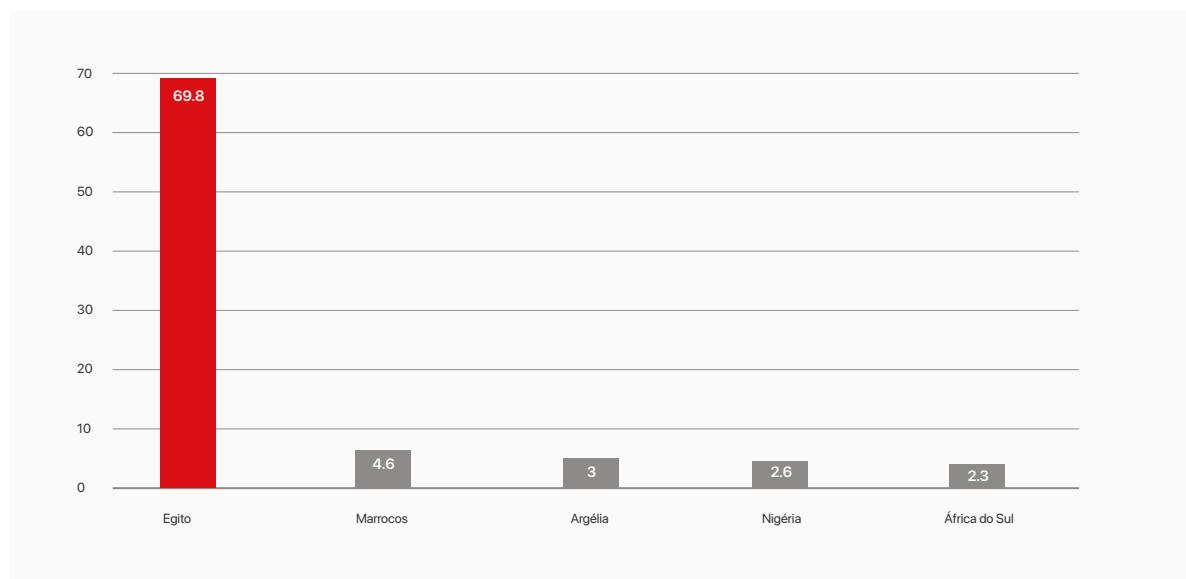
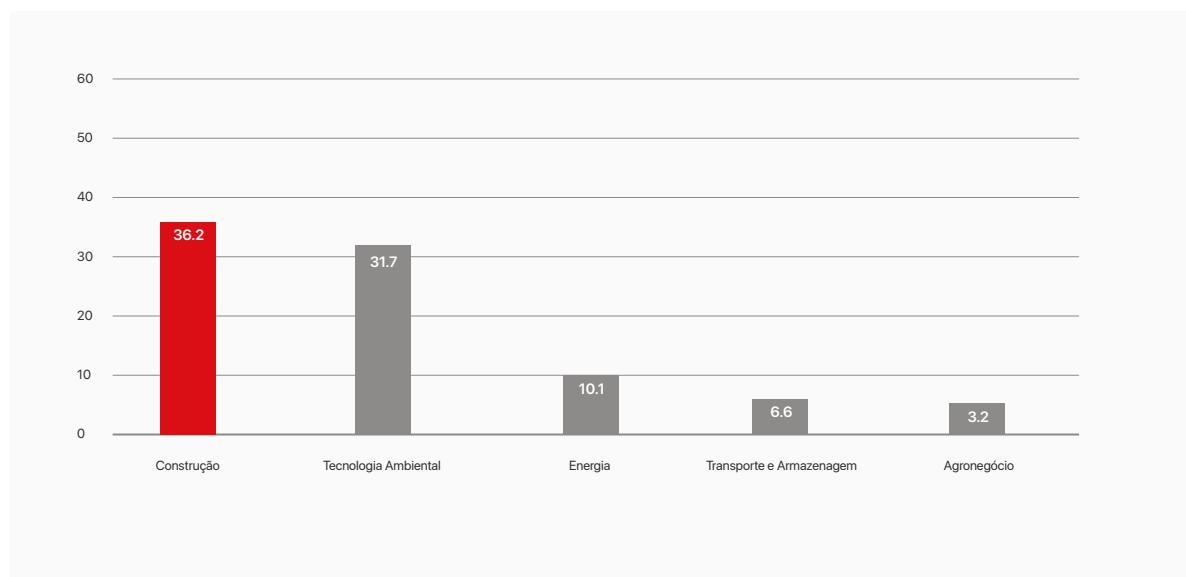
valor agrícolas, redes logísticas e serviços financeiros, criando corredores económicos integrados que servem tanto os interesses estratégicos do Golfo como as prioridades de desenvolvimento africanas. A abordagem do Golfo distingue-se pelo seu modelo de desenvolvimento de ecossistemas.

Em vez de se concentrarem em projetos isolados, estas parcerias criam cadeias de valor completas que geram interdependências benéficas entre as regiões. Os investimentos visam setores críticos, incluindo o desenvolvimento portuário, a produção agrícola, as infraestruturas energéticas e a conectividade digital — áreas em que as necessidades de segurança económica do Golfo se alinham diretamente com os requisitos de desenvolvimento de África.

A esala do compromisso demonstra esta abordagem estratégica. Os Emirados Árabes Unidos, a Arábia Saudita e o Catar anunciaram coletivamente mais de 100 mil milhões de dólares em projetos greenfield

**FIGURA 4:** Comércio total entre os países do GCC e a África em US\$ bilhões, 2016-2023



**FIGURA 5:** Fluxos de IDE do GCC para a África por valor, em US\$ bilhões: Principais 5 países de origem**FIGURA 6:** Fluxos de IDE do GCC para a África por valor, em US\$ bilhões: Principais 5 países de destino**FIGURA 7:** Fluxos de IDE do GCC para a África por valor de CAPEX, 2021-2022: Principais 5 setores

africanos entre 2012 e 2022, com os Emirados Árabes Unidos a representarem 59 mil milhões de dólares, a Arábia Saudita 25 mil milhões de dólares e o Catar 7 mil milhões de dólares, juntamente com outros Estados do Golfo. Este impulso continua a acelerar à medida que os corredores comerciais globais evoluem e as prioridades económicas se realinham.<sup>35</sup>

Este investimento estratégico está a criar uma profunda integração comercial. Dados da Câmara de Dubai mostram que África se tornou um dos três principais destinos para as exportações e reexportações dos membros, com um valor comercial de 16,7 mil milhões de AED apenas no primeiro semestre de 2025.<sup>36</sup> Isto reflete o papel dos EAU como um centro de agregação e reexportação para a integração comercial africana. Operadores dos EAU, como a DP World e o AD Ports Group, estão a desenvolver redes de terminais do Senegal à Somalilândia, conectando as rotas comerciais africanas diretamente às cadeias de abastecimento globais através de centros logísticos do Golfo.

Estes projetos representam um desenvolvimento coordenado de infraestruturas, em vez de ativos isolados. O investimento do Golfo nos corredores comerciais africanos visa reduzir os custos de transação, estabelecer zonas industriais e posicionar a região do Golfo como um parceiro sustentável na transformação económica de África. Esta abordagem cria dependências mútuas que beneficiam ambas as regiões: os Estados do Golfo garantem cadeias de abastecimento diversificadas e novos mercados, enquanto os parceiros africanos ganham acesso a capital paciente, conhecimentos avançados em logística e conectividade com o mercado global.

### A doutrina «Logística em primeiro lugar» dos Emirados

Na vanguarda do envolvimento do Golfo, os EAU desenvolveram uma estrutura centrada na logística para se posicionarem como um nó central nas redes comerciais globais em evolução. Esta estratégia é ancorada por empresas estatais, principalmente a DP World, com sede no Dubai, e o Abu Dhabi Ports Group, que vão além das operações portuárias individuais para criar cadeias de abastecimento integradas e completas que se conectam através dos centros logísticos dos EAU<sup>37</sup>

A carteira de investimentos globais da DP World para 2025 demonstra esta abordagem interligada, com grandes projetos que abrangem a Índia (terminal Tuna Tekra), a América do Sul (Porto de Posorja, Equador), a Europa (London Gateway) e África (porto de Banana na RDC, porto de Ndayane no Senegal). Estes investimentos são estrategicamente concebidos para apoiar corredores económicos, como o corredor Índia-EAU-Médio Oriente-Europa, posicionando os EAU no centro dos fluxos comerciais futuros.

A carteira de investimentos globais da DP World para 2025 demonstra esta abordagem interligada, com grandes projetos que abrangem a Índia (terminal Tuna Tekra), a América do Sul (Porto de Posorja, Equador), a Europa (London Gateway) e África (porto de Banana na RDC, porto de Ndayane no Senegal). Estes investimentos são estrategicamente concebidos para apoiar corredores económicos, como o corredor Índia-EAU-Médio Oriente-Europa, posicionando os EAU no centro dos fluxos comerciais futuros.<sup>38</sup>

A presença dos EAU em África expandiu-se significativamente, com a DP World e o AD Ports

<sup>35</sup> Africa and the Gulf states: A new economic partnership. (2025, June 3). World Economic Forum.

<sup>36</sup> Dubai Chamber of Commerce Highlights Key Export Destinations in First Half of 2025.

<sup>37</sup> Frantz, A. (2025). The UAE's ever-expanding footprint in Africa. IPS

<sup>38</sup> TLME News Service. (2025, August 7). DP World's Global Investment Wave: 2025 in focus. Transport and Logistics ME.

Group a operarem agora 13 portos em oito nações africanas, tendo assinado seis novos acordos apenas nos últimos quatro anos.<sup>39</sup> Esta rede continental abrange a Argélia, o Egito, o Djibuti, a Somalilândia, o Ruanda, Moçambique, Angola e o Senegal, estabelecendo os EAU como um dos principais investidores estrangeiros diretos em África. A abordagem dos EAU combina duas estratégias complementares: projetos de infraestruturas transformadores e em grande escala e parcerias bilaterais profundas e abrangentes.

O porto de águas profundas de Ndayane, no Senegal, um projeto totalmente novo no valor de 1,1 mil milhões de dólares, exemplifica a abordagem em matéria de infraestruturas, representando o maior investimento privado da história do Senegal e estando posicionado para se tornar o principal centro logístico da África Ocidental.<sup>40</sup>

Complementando estes ativos emblemáticos, existem acordos abrangentes como o Acordo de Parceria Económica Abrangente (CEPA) entre os EAU e Angola.<sup>41</sup> Esta parceria combina uma concessão de 20 anos para o AD Ports Group no Porto de Luanda com um compromisso de investimento de 6,5 mil milhões de dólares que abrange finanças públicas, agricultura, saúde, educação, inteligência artificial, alfândegas, mineração e cooperação militar, demonstrando a abordagem de parceria abrangente e de longo prazo dos EAU.

**FIGURA 8:** Mapa mostrando os Estados do Golfo



<sup>39</sup> Frantz, A. (2025). The UAE's ever-expanding footprint in Africa. IPS

<sup>40</sup> Intelligence, F. (2025, April 22). Ndayane is a 'transformational' project. The Financial Times Ltd.

<sup>41</sup> Ecofin Agency. (n.d.). U.A.E, Angola sign 44 agreements in \$6.5 billion investment pledge.

<sup>42</sup> Tenev, M., & Tenev, M. (2025, July 11). Diversification nations: The Gulf way to engage with Africa. ECFR.

<sup>43</sup> Ponou, A. (n.d.). Côte d'Ivoire: La SIR offre à Saudi Aramco son premier contrat uest-africain. sikafinance.com.

## **Liderança da Arábia Saudita na transição energética**

Simultaneamente, o Reino da Arábia Saudita está a implementar uma estratégia africana multifacetada, impulsionada pelo seu ambicioso plano Vision 2030. Este plano enfatiza a diversificação económica para além das exportações de petróleo bruto para novos mercados e produtos de valor acrescentado, posicionando o Reino como um parceiro estratégico na transição energética de África.

O envolvimento do reino em África concentra-se em duas áreas principais: garantir a segurança alimentar e de recursos a longo prazo através de investimentos no agronegócio e na mineração e estabelecer novos mercados para produtos energéticos de valor acrescentado.<sup>42</sup> Além disso, a Arábia Saudita está a alavancar os seus investimentos internos em energias renováveis, particularmente através de entidades como a ACWA Power, para exportar capital e conhecimentos tecnológicos para os mercados africanos.

Um marco significativo é o contrato inaugural da Saudi Aramco na África Ocidental com a Société Ivoirienne de Raffinage (SIR) da Costa do Marfim.<sup>43</sup> Este acordo representa uma expansão estratégica do mercado para além das esferas tradicionais e sinaliza uma intenção clara de desenvolver a presença energética do Reino em todo o continente.

Ao combinar o avanço da energia renovável doméstica com investimentos internacionais em energia e infraestruturas, a Arábia Saudita está a estabelecer-se como um parceiro de longo prazo na industrialização e transição energética de África, criando oportunidades para as instituições financeiras africanas participarem através de cofinanciamento, soluções monetárias e estruturas de distribuição regional.

## **A diplomacia financeira de alto risco do Qatar**

O Qatar expandiu significativamente o seu envolvimento em África através de compromissos financeiros substanciais que representam uma evolução estratégica na sua abordagem continental. A promessa de investimento de 103 mil milhões de dólares da Al Mansour Holdings do Qatar em seis nações africanas: República Democrática do Congo (21 mil milhões de dólares), Moçambique (20 mil milhões de dólares), Zâmbia (19 mil milhões de dólares), Zimbábue (19 mil milhões de dólares), Botsuana (12 mil milhões de dólares) e Burundi (12 mil milhões de dólares), demonstra a dimensão deste compromisso.<sup>44</sup>

Os investimentos estão diretamente alinhados com a Visão Nacional 2030 do Catar, que visa construir uma economia baseada no conhecimento, garantindo ao mesmo tempo o acesso aos recursos, ao potencial agrícola e ao capital humano de África. Esta expansão financeira baseia-se na presença já existente do Catar em setores-chave, como telecomunicações, banca e energia, em mercados como a Nigéria, o Quénia, a África do Sul e a Zâmbia.<sup>45</sup>

---

<sup>42</sup>Tenev, M., & Tenev, M. (2025, July 11). Diversification nations: The Gulf way to engage with Africa. ECFR.

<sup>43</sup>Ponou, A. (n.d.). Côte d'Ivoire: La SIR offre à Saudi Aramco son premier contrat uest-africain. sikafinance.com.

<sup>44</sup>Favour, E. (2025, August 30). Why Qatar's Al Mansour Holdings is investing \$103bn in six African nations - Finance in Africa. Finance in Africa.

<sup>45</sup>Rising Gulf investments in Africa: Unlocking opportunities and navigating challenges - African Export-Import Bank. (2024, December 16). African Export-Import Bank.

## Renovando a Rota do Incenso

Outros Estados do CCG, como o Kuwait, Omã e Bahrein, embora em menor escala, também estão a expandir o seu envolvimento em África através de alocações de fundos soberanos, empreendimentos agroindustriais e parcerias de infraestruturas. Esta tendência indica que o envolvimento do Golfo com África está a tornar-se uma estratégia verdadeiramente regional, em vez de uma estratégia liderada por alguns casos isolados.

A abordagem do Golfo cria interdependências benéficas, em vez de dependências unilaterais. Os investimentos no agronegócio africano atendem às necessidades de segurança alimentar do Golfo, enquanto os investimentos portuários posicionam centros como Jebel Ali como nós críticos nas redes comerciais globais. Isso cria relações mutuamente benéficas que vinculam os interesses económicos do Golfo à estabilidade económica e à produtividade africanas.

A concorrência não se limita, portanto, à África, mas ao lugar da África nos novos corredores económicos globais que passam cada vez mais pelo Médio Oriente, criando novas alternativas às tradicionais rotas comerciais entre o Oriente e o Ocidente.



### Conclusão principal

Os Estados do Golfo estabeleceram-se como investidores sistemáticos e de longo prazo em África. A estratégia centrada na logística dos Emirados Árabes Unidos, a liderança da Arábia Saudita na transição energética, as parcerias financeiras em grande escala do Qatar e os papéis cada vez mais importantes do Kuwait, Omã e Bahrein demonstram coletivamente que as relações entre o Golfo e África evoluíram de empreendimentos oportunistas para parcerias económicas estruturais.

Esta transformação cria oportunidades para as instituições financeiras africanas servirem como intermediárias essenciais, estruturando capital, gerindo riscos e garantindo que estes fluxos de investimento gerem um crescimento económico sustentável e inclusivo.

## 1.6 Parcerias asiáticas no desenvolvimento económico e de infraestruturas

Enquanto os Estados do Golfo se concentram na aplicação de capital em grande escala, os parceiros asiáticos estão a seguir uma abordagem complementar que enfatiza a especialização tecnológica, a transferência de conhecimento e o reforço das capacidades institucionais.

O envolvimento asiático com África reflete diversas prioridades estratégicas e modelos de parceria. Parceiros de longa data, como a China, continuam a investir substancialmente em infraestruturas, enquanto o Japão, a Coreia do Sul, Singapura e a Índia estão a expandir a sua presença com conhecimentos especializados de alto valor, desenvolvimento de ecossistemas e estruturas de parceria de longo prazo concebidas para apoiar objetivos de desenvolvimento sustentável.

Em vez de competir principalmente em escala de capital, esses parceiros asiáticos diferenciam-se por meio de capacidades especializadas: tecnologia de fabricação avançada, experiência em infraestrutura digital e mecanismos sofisticados de financiamento ao desenvolvimento.

### Diplomacia de corredor do Japão

O Japão está a seguir uma estratégia deliberada de «diplomacia de corredor», com o objetivo de fornecer às nações africanas alternativas estratégicas às iniciativas lideradas pela China. Esta abordagem foi formalmente articulada na 9.ª Conferência Internacional de Tóquio sobre o Desenvolvimento Africano (TICAD9), realizada recentemente.

Na TICAD 9, foi feito um importante anúncio sobre uma Iniciativa da Região Económica do Oceano Índico-África. Esta iniciativa é uma resposta estratégica direta à crescente influência da China e está explicitamente enquadrada no conceito mais amplo da política externa japonesa de «Indo-Pacífico Livre e Aberto» (FOIP), que promove a cooperação entre os países vizinhos nas áreas da segurança, do comércio e dos negócios.<sup>46</sup>

O ponto central desta iniciativa é o desenvolvimento do Corredor de Nacala, uma rede logística estratégica que liga a Zâmbia e o Maláui, países sem litoral, ao porto de Nacala, em Moçambique.<sup>47</sup> Este corredor oferece rotas de exportação eficientes para os mercados asiáticos de minerais críticos como o cobre e o cobalto, essenciais para a eletrificação global, e constitui uma alternativa às rotas atlânticas.

O modelo japonês enfatiza parcerias colaborativas, exemplificadas pela joint venture entre a DP World dos Emirados Árabes Unidos e a Itochu Corporation do Japão. Esta parceria combina a experiência em infraestrutura portuária da DP World com a experiência comercial da Itochu em commodities e bens de consumo para expandir as capacidades logísticas que apoiam a expansão dos negócios japoneses na África Subsaariana.<sup>48</sup>

Para além das parcerias com o setor privado, o governo japonês está a conceder empréstimos no valor de 5,5 mil milhões de dólares em coordenação com o Banco Africano de Desenvolvimento e comprometeu-se a apoiar a formação de 30 000 especialistas em

<sup>46</sup> Harici. (2025, August 20). Japan pledges to strengthen African ties through new Indian Ocean economic partnership.

<sup>47</sup> Times, J. (2025, August 16). Japan to accelerate development of logistics network in Africa. The Japan Times.

<sup>48</sup> DP World. (2025, August 22). Japan's Itochu partners with DP World to strengthen logistics and trade in sub-Saharan Africa. Japan's Itochu partners with DP world to strengthen logistics and trade in sub-Saharan Africa.

inteligência artificial em África nos próximos três anos, sublinhando o seu compromisso com o desenvolvimento do capital humano.<sup>49</sup>

O retorno do Japão ao compromisso de investimento maciço de US\$ 30 bilhões ao longo de três anos da TICAD 8<sup>50</sup>, que incluiu uma Iniciativa de Crescimento Verde de US\$ 4 bilhões, reforça ainda mais a sua crescente ambição económica no continente.

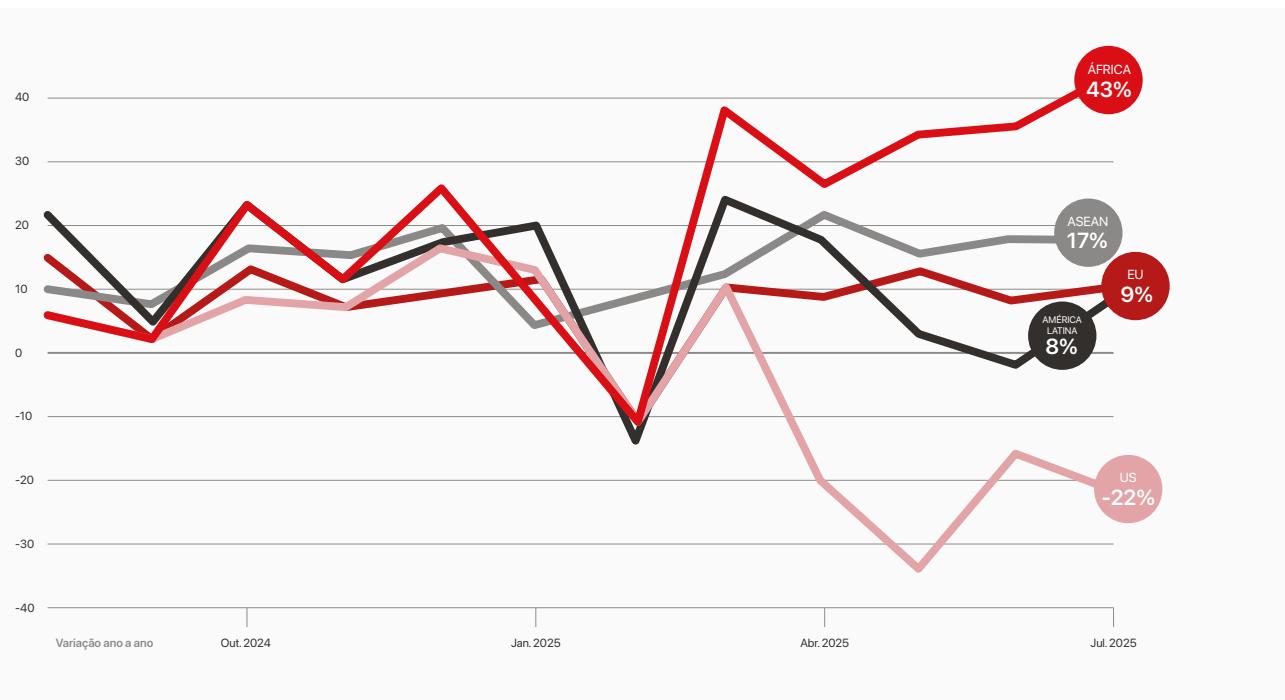
### Cingapura como porta de entrada estratégica

Cingapura está se posicionando como uma ponte para as empresas africanas acessarem os mercados do Sudeste Asiático e um centro para os investimentos de Cingapura na África.

Esta estratégia liderada pelo governo, executada através da Enterprise Singapore e da Singapore Cooperate Enterprise (SCE), centra-se na exportação da experiência de Singapura em desenvolvimento de infraestruturas, planeamento urbano, inovação digital e serviços financeiros.<sup>51</sup> O modelo de Singapura revelou-se altamente atrativo para os líderes africanos que procuram modelos para o seu próprio desenvolvimento, como a parceria do Ruanda com empresas de Singapura para desenvolver o plano diretor do centro de Kigali.<sup>52</sup>

A integração financeira é outro pilar desta estratégia. Um acordo entre o Afreximbank e a Enterprise Singapore visa facilitar um maior acesso ao financiamento para as empresas de Singapura que operam em África. Simultaneamente, a Africa Finance Corporation (AFC) está a colaborar ativamente com empresas de investimento estatais de Singapura, como a Temasek, para atrair capital a longo prazo.

**FIGURA 9:** Variação nas Vendas de Exportação da China por Destino



**FONTE:** Cálculos da Bloomberg com base na Alfândega da China

<sup>49</sup> Africanews, "Japan Unveils \$5.5B Plan, AI Training to Boost Africa Ties," August 21, 2025

<sup>50</sup> African Business, "Hopes for Renewed Japan Africa Cooperation as TICAD9 Looms," August 2025; Ministry of Foreign Affairs (Japan), Through TICAD8: Japan deepens its partnerships in Africa, October 5, 2022

<sup>51</sup> Thomas, D. (2025, August 18). Singapore-Africa ties primed for take-off. African Business.

<sup>52</sup> Thomas, D. (2025, August 18). Singapore-Africa ties primed for take-off. African Business.

O sucesso desta estratégia de «porta de entrada» é demonstrado pela sua natureza recíproca, com um número crescente de empresas africanas, incluindo TymeBank, Sasol e Sonangol, a escolher Singapura como sede operacional na Ásia.

### **A viragem estratégica da Coreia do Sul**

A Coreia do Sul intensificou significativamente o seu envolvimento em África, evoluindo de uma representação comercial mínima (menos de 2% do comércio total entre 2000 e 2011) para uma parceria económica estratégica<sup>53</sup>

Esta viragem foi formalizada na Cimeira Coreia-África inaugural, em junho de 2024, onde a Coreia do Sul anunciou um compromisso financeiro de 10 mil milhões de dólares em ajuda oficial ao desenvolvimento até 2030 e um adicional de 14 mil milhões de dólares em financiamento à exportação para apoiar as empresas coreanas que operam em África. As principais iniciativas incluem um empréstimo concessionário de 2,5 mil milhões de dólares com a Tanzânia para o desenvolvimento de níquel e lítio, parcerias na Konza Technopolis Smart Cit, no Quénia, e o Projeto K-Ricebelt para a melhoria da segurança alimentar.

Da mesma forma, o Quadro de Investimento Energético Coreia-África, no valor de 600 milhões de dólares, em parceria com o Banco Africano de Desenvolvimento (AfDB), e a Iniciativa de Cooperação Coreia-África para a Alimentação e a Agricultura, no valor de 85 milhões de dólares, promovem a transferência de tecnologia e a produtividade agrícola em 27 países africanos.<sup>54</sup>

A abordagem da Coreia do Sul enfatiza o crescimento partilhado e a sustentabilidade, aproveitando a sua experiência em desenvolvimento para construir parcerias. Esta estratégia, implementada por meio de órgãos como a Agência de Cooperação Internacional da Coreia (KOICA) e o Fundo de Cooperação para o Desenvolvimento Económico (EDCF), posiciona a Coreia do Sul como um parceiro fundamental para as nações africanas que buscam construir economias baseadas no conhecimento.

### **Envolvimento abrangente da China**

A China mantém a sua posição como o maior e mais estabelecido parceiro asiático de África. As exportações chinesas para África aumentaram 25% em relação ao ano anterior, atingindo US\$ 122 bilhões nos primeiros sete meses de 2025, superando todo o ano de 2024 e aproximando-se de US\$ 200 bilhões anuais pela primeira vez.<sup>55</sup>

Este crescimento reflete vários fatores: diversificação dos mercados ocidentais, imenso apetite da África por infraestruturas e bens industriais, preços competitivos da China e política de Pequim de conceder acesso isento de impostos à maioria das nações africanas. O investimento da Iniciativa Belt and Road (BRI) reforça esta relação comercial, com a África a atrair 39 mil milhões de dólares em contratos de construção e investimentos no primeiro semestre de 2025. A Nigéria garantiu a maior fatia, com US\$ 21 bilhões em negócios, principalmente para infraestrutura de processamento de petróleo e gás<sup>56</sup>

O envolvimento tecnológico da China é extenso, com empresas chinesas a construir aproximadamente 70%

<sup>53</sup> Reuters. (2024, June 5). South Korea, African countries sign agreements on minerals, exports.

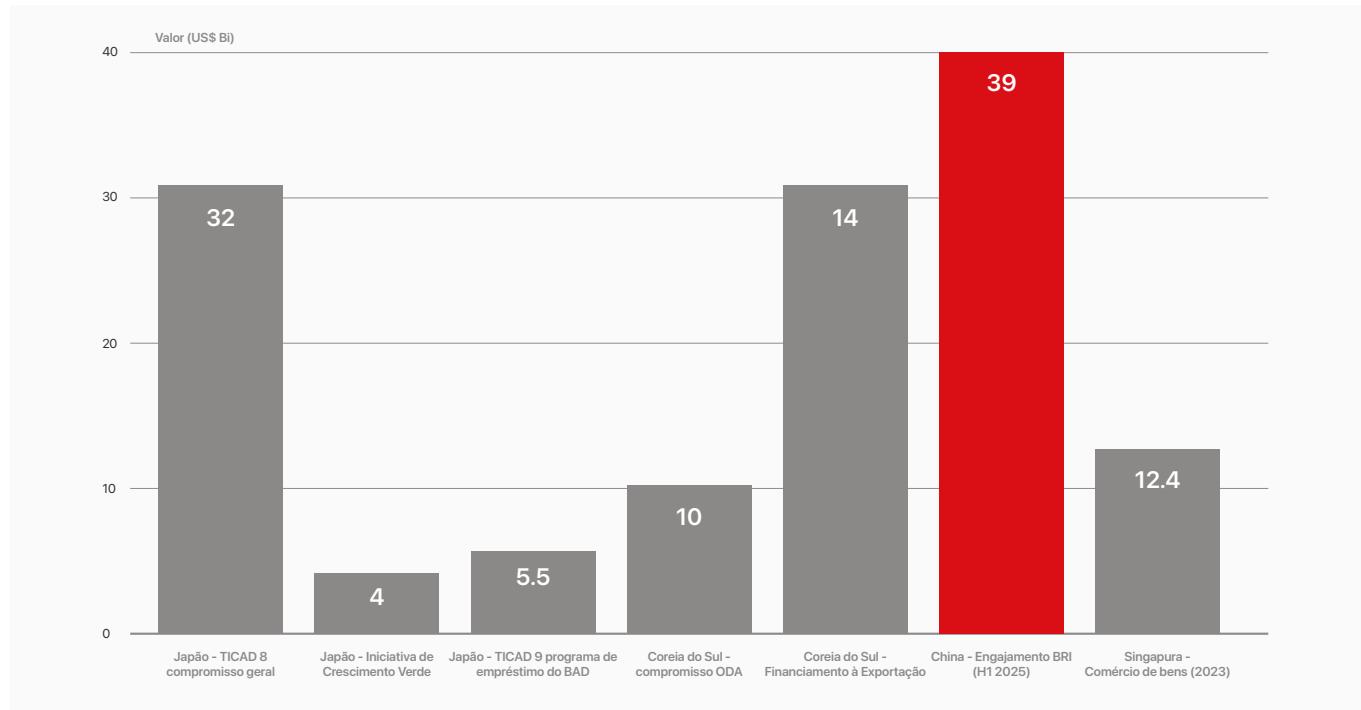
<sup>54</sup> African Development Bank (AfDB), Korea-Africa Summit Outcomes Report, 2024.

<sup>55</sup> UNCTAD, World Investment Report 2025, and China Customs Data, July 2025.

<sup>56</sup> Jha, P. (2025, July 23). Africa tops China's Belt and Road investments. Semafor.

das redes 4G de África e a liderar a implantação do 5G. Esta «Rota da Seda Digital» estende-se a centros de dados, projetos de cidades inteligentes e investimentos de capital de risco em startups africanas de tecnologia financeira e logística, posicionando a China para influenciar os padrões tecnológicos continentais<sup>57</sup>

**FIGURA 10:** Compromissos Asiáticos com a África (2019 - 2025)



## Cooperação Sul-Sul da Índia

A Índia posicionou-se estrategicamente como um parceiro africano distinto, com base no comércio em rápido crescimento que ultrapassou US\$ 100 bilhões em 2024-2025 e um investimento acumulado de mais de US\$ 75 bilhões, estabelecendo a Índia entre os cinco maiores investidores do continente.

Ao contrário do modelo chinês, impulsionado pelo Estado e com forte ênfase em infraestruturas, a abordagem da Índia é predominantemente liderada pelo setor privado, com foco em uma parceria impulsionada pela demanda que prioriza a capacitação em áreas cruciais como saúde, educação e transformação digital. Esta filosofia, codificada nos «Princípios de Kampala», enfatiza a criação de capacidades locais e o alinhamento com os objetivos

de desenvolvimento da própria África, com a oferta da Índia de partilhar a sua Infraestrutura Pública Digital (DPI) de baixo custo e à escala da população a representar a sua proposta de valor mais distinta.<sup>58</sup>

Geopoliticamente, a Índia oferece às nações africanas alternativas aos modelos chinês e ocidental dentro das estruturas de cooperação Sul-Sul. Este papel inclui a liderança diplomática para o Sul Global, defendendo nomeadamente a adesão permanente da União Africana ao G20.<sup>59</sup> A Índia utiliza cada vez mais parcerias trilaterais, particularmente com os Emirados Árabes Unidos, combinando capacidades tecnológicas com financiamento do Golfo para o desenvolvimento africano.

<sup>57</sup> Rojo, J. V. (2024, April 23). China's technological footprint in Africa: A patent network analysis. Rojo | South African Journal of Business Management

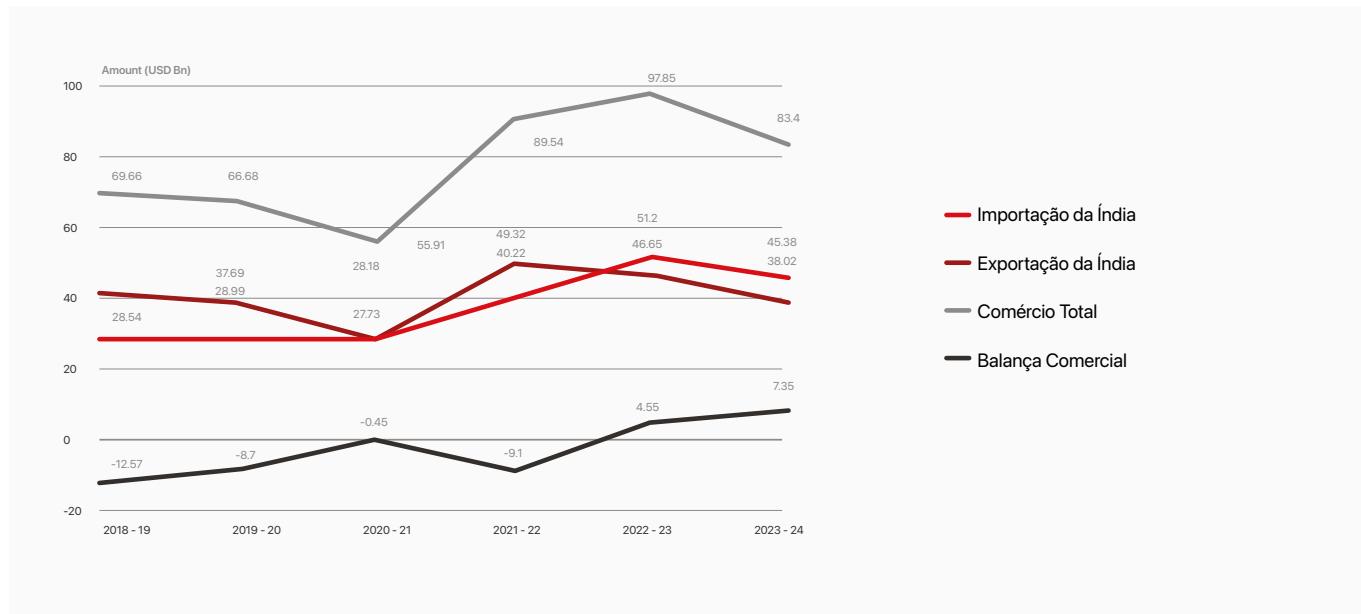
<sup>58</sup> Chakrabarty, M. (2017, April 7). India and China in Africa: Difference lies in scale. orfonline.org.

<sup>59</sup> Kureth, A. (2024, April 30). India-Africa ties strengthen – CIS Reports. CIS Reports.

Apesar das ambições políticas, a estratégia da Índia para a África enfrenta desafios de implementação, evidenciados pelo estancamento do Corredor de Crescimento Ásia-África (AAGC) e pelo atraso de quase uma década na convocação da quarta Cimeira do Fórum Índia-África.

No entanto, a vantagem competitiva mais singular e duradoura da Índia é o seu «dividendo da diáspora». Os cerca de 3 milhões de pessoas de origem india em África estão profundamente integrados no tecido económico e social dos seus países de acolhimento, servindo como um poderoso instrumento de soft power que atua como uma ponte cultural e um catalisador económico, reduzindo significativamente os riscos de investimento para o envolvimento do setor privado indiano.

**FIGURA 11:** Ministério do Comércio, Governo da Índia



### 💡 Conclusão principal

As parcerias asiáticas proporcionam diversas capacidades tecnológicas, programas de transferência de conhecimento e modelos de desenvolvimento alternativos.

A abordagem Sul-Sul da Índia, enraizada no dinamismo do setor privado e na infraestrutura digital, a estratégia de corredor do Japão, as parcerias tecnológicas da Coreia do Sul, os serviços de gateway financeiro de Cingapura e o envolvimento abrangente da China oferecem coletivamente às nações africanas opções estratégicas ampliadas. Essas relações fortalecem a autonomia africana, incorporando o continente a uma rede multipolar que apoia o crescimento sustentável e inclusivo por meio de diversas formas de especialização, acesso a capital e conectividade de mercado.

## Navegando num panorama multipolar

O envolvimento abrangente de diversos parceiros globais cria um ambiente de investimento dinâmico e multipolar que oferece às nações africanas mais opções estratégicas. Em vez de dependerem de um único modelo, os países africanos podem agora aceder a capacidades complementares de diferentes parceiros com base nas suas prioridades de desenvolvimento específicas e requisitos de projeto.

O panorama atual apresenta abordagens de investimento distintas, mas cada vez mais complementares. O modelo chinês, centrado nas infraestruturas, proporciona projetos de grande escala apoiados pelo Estado que colmatam lacunas críticas de conectividade em todo o continente. Esta abordagem oferece rapidez e escala em áreas onde o financiamento tradicional tem sido insuficiente, embora exija uma gestão cuidadosa da sustentabilidade da dívida.

Os Estados do Golfo, liderados pelos Emirados Árabes Unidos, implementam estratégias de orientação comercial através de entidades operacionais como a DP World, com foco em ativos estratégicos, tais como portos e redes logísticas. Este modelo oferece uma rápida mobilização de capital com menos condições de governação, criando opções atrativas para os governos que procuram uma rápida mobilização de capital.

Os parceiros ocidentais, incluindo os Estados Unidos, a Europa e o Reino Unido, enfatizam investimentos direcionados que combinam a mobilização do setor privado com padrões de governança e sustentabilidade ambiental. Embora essa abordagem possa envolver prazos de desenvolvimento mais longos devido a avaliações de impacto abrangentes,

ela fornece acesso a tecnologias avançadas e mercados de capitais globais.

As potências médias asiáticas contribuem com conhecimentos especializados em transferência de tecnologia, partilha de conhecimentos e capacitação, oferecendo aos parceiros africanos acesso a modelos de desenvolvimento comprovados e capacidades técnicas que complementam investimentos em infraestruturas de maior escala.

Esta convergência de capital global, combinada com a ascensão da estrutura da Zona de Comércio Livre Continental Africana (AfCFTA), cria uma oportunidade geracional para a transformação estrutural de África. A AfCFTA fornece o plano arquitetônico para a integração continental, desde cadeias de valor farmacêuticas regionais a centros integrados de processamento agrícola e redes de infraestruturas digitais. No entanto, a sustentabilidade e o sucesso desta transformação dependerão, em última análise, da capacidade de África mobilizar os seus próprios recursos a par destas parcerias internacionais.

Embora o capital global forneça um importante financiamento catalisador, a base mais resiliente para o desenvolvimento de África reside na mobilização do capital interno do continente. Esta abordagem cria poderosos efeitos multiplicadores: cada dólar de capital interno mobilizado pode potencialmente atrair até dez vezes o montante em investimento. Esta realidade exige uma mudança fundamental na forma de pensar o financiamento do desenvolvimento: de modelos de financiamento externo para mobilizações de capital interno reforçadas por parcerias globais estratégicas.



## Um novo paradigma de financiamento do desenvolvimento: da ajuda às autoestradas de investimento



**A sinergia entre o interesse internacional e a capacidade interna, amplificada pela multiplicação estratégica do capital, prepara o terreno para uma transformação fundamental na forma como África financia o seu desenvolvimento.**

A arquitetura do financiamento do desenvolvimento está a passar por uma transformação fundamental que vai muito além dos mecanismos tradicionais de financiamento. À medida que o panorama económico de África é remodelado por diversas parcerias globais, o modelo tradicional de fluxos de ajuda de cima para baixo, do Norte para o Sul, está a evoluir para um ecossistema sofisticado e multifacetado, focado em parcerias de investimento, instituições lideradas por africanos e mobilização de capital doméstico.

Esta mudança representa uma estratégia proativa para construir um ecossistema financeiro mais resiliente e autossuficiente, capaz de financiar os ambiciosos objetivos de desenvolvimento do continente.

## 2.1 O paradoxo do capital africano: desbloquear os recursos financeiros internos

**No centro deste novo paradigma está a resposta ao desafio financeiro mais premente de África: a mobilização dos seus próprios recursos de capital doméstico.**

No centro deste novo paradigma está a resposta ao desafio financeiro mais premente de África: a mobilização dos seus próprios recursos de capital doméstico.

A escala desse capital retido é substancial. Embora o país africano médio possua ativos financeiros domésticos equivalentes a 85% do seu PIB, menos de 15% são aplicados em investimentos de desenvolvimento. Esse paradoxo se estende ao capital da diáspora, onde US\$ 54 bilhões em remessas anuais para a África Subsaariana muitas vezes contornam investimentos produtivos de longo prazo, fluindo em vez disso para o consumo doméstico, com impacto ainda mais corroído pelos altos custos de transação.

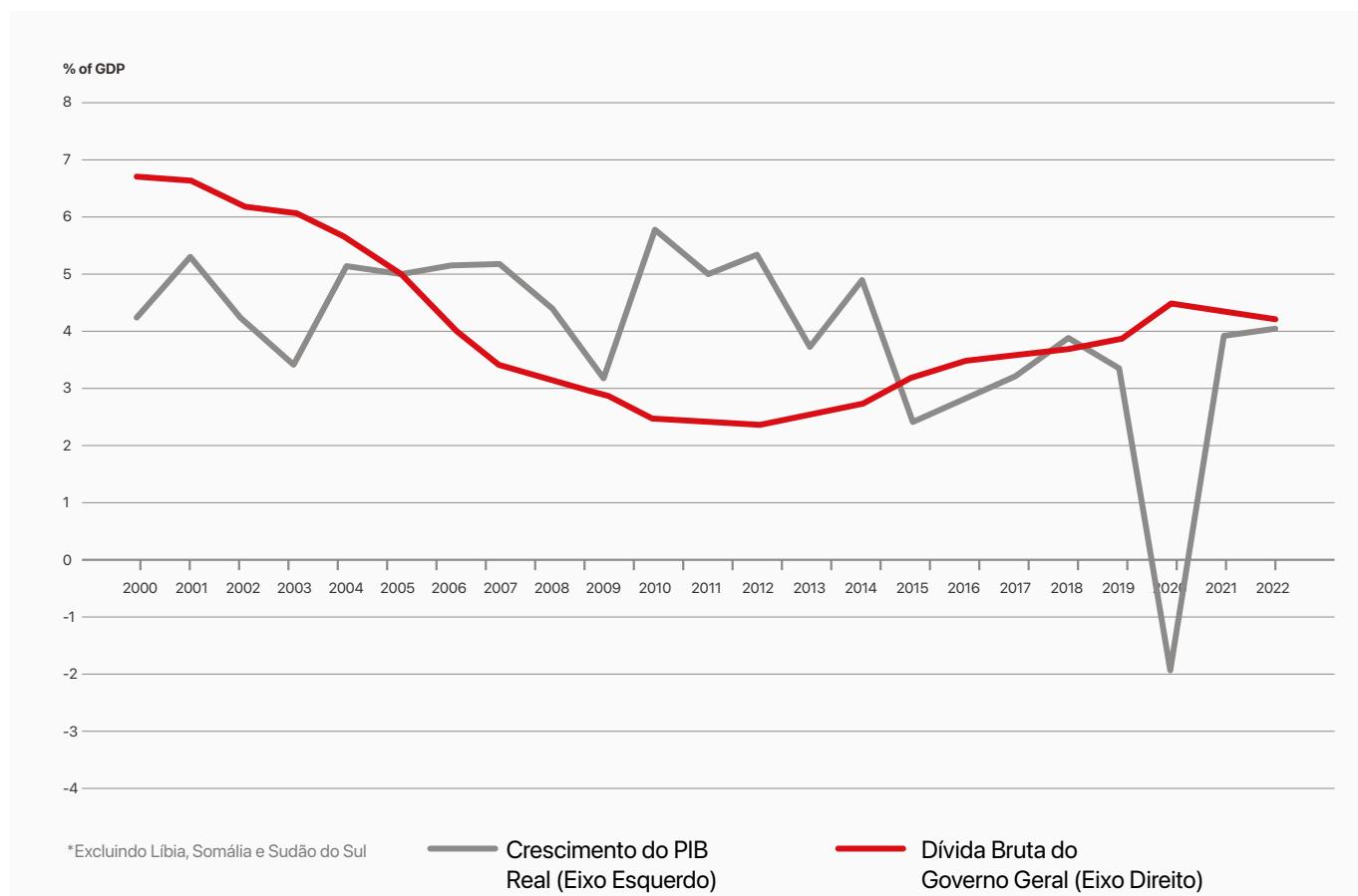
O cerne do paradoxo do capital africano não reside na escassez de capital, mas na má alocação sistemática. Uma parte substancial dos ativos financeiros domésticos é absorvida por empréstimos soberanos, em que os títulos do governo — considerados seguros e líquidos, com tratamento regulatório favorável — atraem bancos comerciais e investidores institucionais que preferem, de forma esmagadora, títulos

do Tesouro e obrigações em detrimento do financiamento de infraestruturas a longo prazo. Isto cria um efeito de crowding-out, em que a dívida soberana absorve o crédito que, de outra forma, poderia financiar o setor privado e projetos de desenvolvimento.

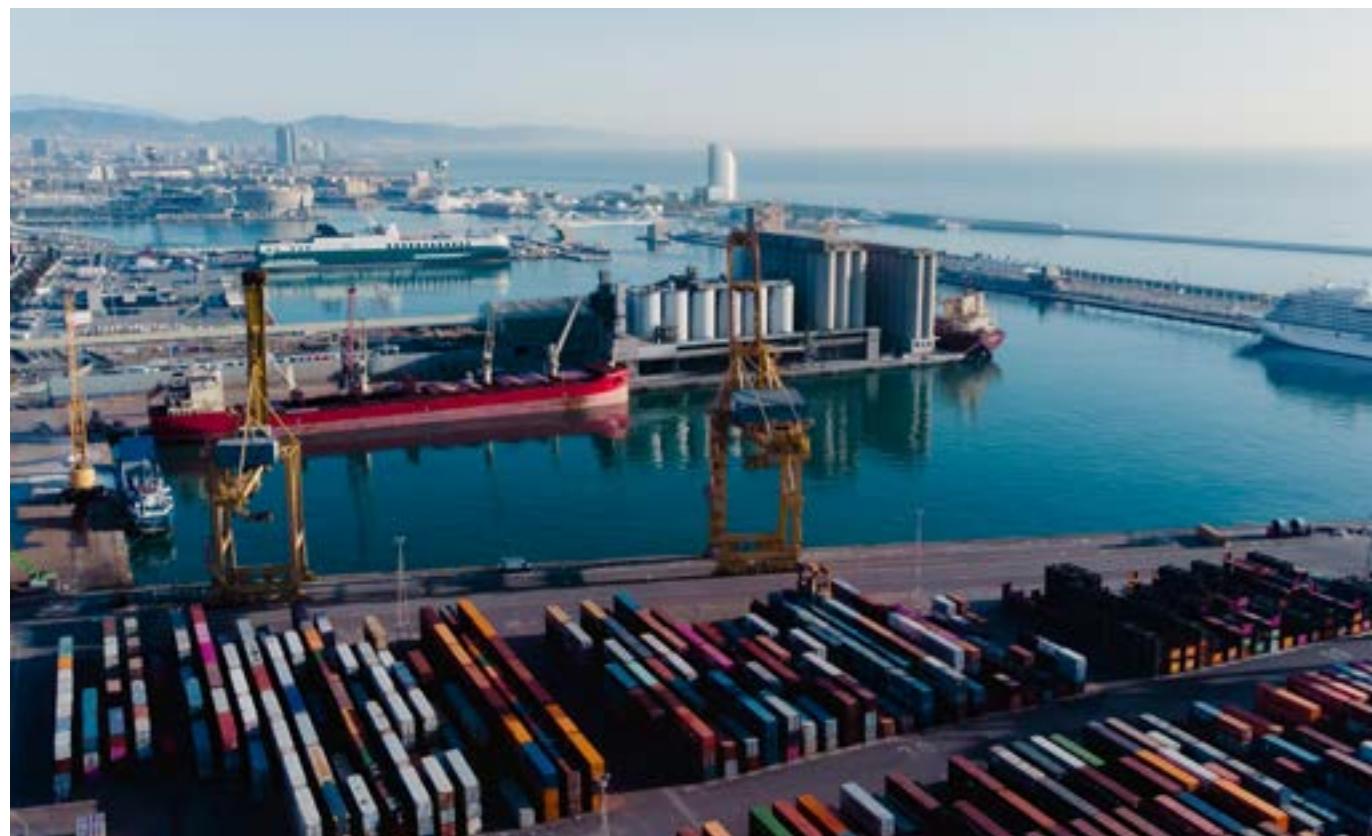
O Banco Europeu de Investimento (BEI) demonstra esta tendência: entre 2010 e 2023, as participações dos bancos africanos na dívida soberana interna aumentaram de 10,3% para 17,5% do total dos ativos, enquanto o crédito ao setor privado caiu de 42% para 38%.<sup>60</sup>

Para desbloquear esta liquidez retida, tanto o capital institucional doméstico como as poupanças da diáspora requerem instrumentos financeiros inovadores, mecanismos de mitigação de risco específicos e quadros regulamentares favoráveis que possam redirecionar o capital para infraestruturas, PME e projetos de resiliência climática. O impacto potencial é transformador quando o capital doméstico serve de base para atrair investimento internacional através dos efeitos multiplicadores discutidos anteriormente.

<sup>60</sup> European Investment Bank, Is crowding out of private sector credit inhibiting Africa's growth? (Luxembourg: EIB, 23 November 2022).

**FIGURA 12:** Crescimento na África vs Dívida Pública

FONTE: FMI WEO (Abril de 2022)



## Contexto económico: a pandemia como catalisador estrutural

### Para compreender o paradoxo do capital em África, é necessário examinar o contexto económico que moldou os atuais padrões de alocação financeira.

Antes da pandemia da COVID-19, as economias africanas apresentavam trajetórias de crescimento robustas. O Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) classificava consistentemente a África como a segunda região com crescimento mais rápido do mundo, depois da Ásia, demonstrando o dinamismo económico subjacente do continente.<sup>61</sup>

A pandemia provocou então um choque estrutural acentuado que remodelou este panorama. África sofreu a sua pior recessão em mais de 50 anos, com o PIB a contrair-se cerca de 2,1% em 2020. Para além do impacto económico imediato, isto também representou um enorme revés para o desenvolvimento. O declínio simultâneo do comércio, das remessas e do IDE empurrou cerca de 30 a 40 milhões de africanos para a pobreza extrema, comprometendo significativamente o progresso em direção ao ODS 1 (Sem Pobreza).<sup>62</sup>

O padrão de recuperação revela desafios estruturais persistentes. O crescimento regional recuperou para aproximadamente 3,3% em 2021, mas a recuperação

tem sido desigual e frágil.<sup>63</sup> O crescimento moderou-se em 2022-2023, permanecendo abaixo das tendências pré-pandémicas em muitos países devido ao aperto monetário global, aos elevados custos do serviço da dívida, às pressões inflacionárias e às incertezas geopolíticas.<sup>64</sup>

As previsões atuais sugerem um fortalecimento modesto, com o Banco Mundial a projetar um crescimento regional de cerca de 3,5% em 2025, à medida que o consumo e o investimento se recuperam gradualmente. No entanto, o FMI e o AfDB observam que os ganhos continuam desiguais e vulneráveis a choques externos.<sup>65</sup> Esta dinâmica de resiliência a curto prazo, a par de fragilidades estruturais persistentes, sublinha uma necessidade crítica: embora África possa servir como motor de crescimento global, a concretização deste potencial em grande escala requer o desbloqueio de recursos financeiros internos para infraestruturas, resiliência climática e criação de emprego que promovam os objetivos de desenvolvimento sustentável.



<sup>61</sup> African Development Bank. (2020). African Economic Outlook

<sup>62</sup> African Development Bank. African Economic Outlook 2021 (noting a 2.1% GDP contraction in 2020); World Bank. "The COVID-19 pandemic is estimated to have pushed between 30 and 40 million people into extreme poverty in 2020.

<sup>63</sup> World Bank. "Sub-Saharan Africa exits recession, but recovery remains fragile," Africa's Pulse / press release, Oct. 6, 2021 (regional growth ≈ 3.3% in 2021).

<sup>64</sup> World Bank. Africa overview (growth projection: ~3.5% in 2025); IMF, Regional Economic Outlook: Sub-Saharan Africa (growth and downside risks); African Development Bank, African Economic Outlook 2025

<sup>65</sup> World Bank. Africa overview (growth projection: ~3.5% in 2025); IMF, Regional Economic Outlook: Sub-Saharan Africa (growth and downside risks)

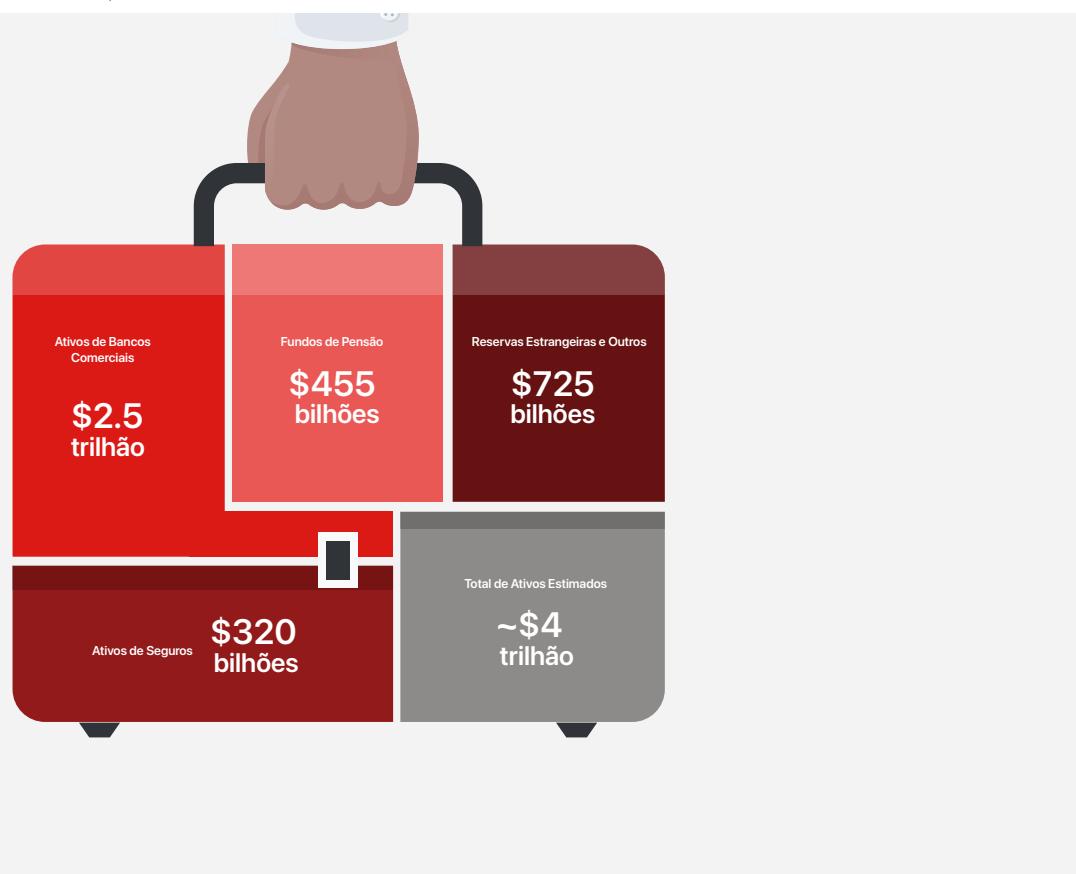
## O motor económico inexplorado de África: dos ativos domésticos ao desenvolvimento

Este contexto económico revela por que razão a mobilização de capital interno se tornou central para a estratégia de desenvolvimento de África.

O potencial económico de África vai muito além dos seus recursos naturais. O continente é impulsionado pela população jovem que mais cresce no mundo e pela adoção acelerada de tecnologias que estão a remodelar fundamentalmente os mercados. Fundamentalmente, a trajetória de crescimento futuro de África depende cada vez mais dos recursos dentro das suas próprias fronteiras — especificamente, da base de capital doméstico substancial, mas subutilizada, do continente.

A escala dos recursos financeiros domésticos disponíveis é notável. A Africa Finance Corporation (AFC) estima que o continente detém mais de US\$ 4 trilhões em ativos financeiros domésticos. Esse pool de capital abrange ativos de bancos comerciais, fundos de pensão e seguros em rápido crescimento, bancos públicos de desenvolvimento e reservas estrangeiras.<sup>66</sup> Somente os fundos de pensão representam aproximadamente US\$ 455 bilhões, enquanto as seguradoras e os bancos públicos de desenvolvimento detêm pools adicionais de capital.<sup>67</sup>

**FIGURA 13:** Visualizando os US\$ 4 Trilhões em Ativos Domésticos da África



**FONTE:** Corporação Financeira da África Relatório sobre o estado das infraestruturas em África 2025

<sup>66</sup> Africa Finance Corporation. State of Africa's Infrastructure Report, 2025

<sup>67</sup> Mawdsley, Emma. "Development Finance in Africa: New Geographies, Actors and Approaches." African Affairs, 2021.

Apesar desta riqueza interna, um paradoxo persistente compromete o potencial de desenvolvimento de África: uma desconexão fundamental entre o capital disponível e os projetos de desenvolvimento financeiráveis. Embora os ativos financeiros internos de África representem aproximadamente 85% do seu PIB, menos de 15% são canalizados para infraestruturas produtivas essenciais para o crescimento sustentável. Isto não se deve à falta de capital, mas sim a uma má alocação<sup>68</sup> impulsionada por duas questões estruturais:

- 1. O «porto seguro» da dívida soberana:** os bancos comerciais aplicam predominantemente a sua liquidez substancial em títulos do Tesouro de curto prazo, que oferecem retornos previsíveis e um tratamento regulatório favorável em termos de capital. Esta preferência cria um efeito de crowding-out, em que os empréstimos soberanos absorvem capital que, de outra forma, poderia financiar o desenvolvimento de infraestruturas de longo prazo.

O fenómeno está bem documentado pelo Banco Europeu de Investimento (BEI), que observa uma crescente exposição dos ativos bancários à dívida soberana em detrimento do crédito ao setor privado.<sup>69</sup> Embora um mercado obrigacionista interno robusto seja uma ferramenta vital para financiar serviços públicos essenciais e gerir as finanças nacionais, o atual desequilíbrio em muitas economias limita inadvertidamente o acesso do setor privado ao capital a longo prazo. O objetivo estratégico é promover um ecossistema financeiro mais diversificado, onde as necessidades de financiamento público e privado possam ser satisfeitas.

- 2. O desequilíbrio entre ativos e passivos:** Existe um desequilíbrio estrutural no sistema financeiro. Os bancos comerciais detêm passivos de curto prazo (depósitos de clientes) e hesitam em investir em ativos de infraestrutura de longo prazo. Por outro lado, investidores institucionais, como fundos de pensões e seguros, detêm passivos de longo prazo, mas muitas vezes são obrigados pela regulamentação a investir em títulos públicos líquidos de curto prazo.

Este quadro regulamentar impede o alinhamento natural do capital de longo prazo com as necessidades de desenvolvimento de longo prazo, criando ineficiências que limitam tanto os retornos institucionais como o desenvolvimento de infraestruturas. O resultado é um sistema em que aqueles que estão em melhor posição para financiar o desenvolvimento de longo prazo (fundos de pensões, companhias de seguros) são proibidos por regulamentação de o fazer, enquanto aqueles com fontes de financiamento de curto prazo (bancos) estão relutantes em assumir compromissos de longo prazo.

<sup>68</sup> African Business. "Africa can fund infrastructure with \$4 trillion of own assets: AFC." 9 June 2025. African Business.

<sup>69</sup> European Investment Bank. Is crowding out of private sector credit inhibiting Africa's growth? Luxembourg: EIB, 2022

**TABELA 1:** Lacunas estruturais nos sistemas financeiros africanos (mercados prioritários da UBA)

País	Ativos bancários (% do PIB)	Crédito privado (% do PIB)	NPLs (% empréstimos brutos)	Capitalização de mercado (% do PIB)	Inclinação institucional para a dívida soberana	Reforma/instrumento selecionado
Nigéria	16.4 (2021)	22.3 (2023)	4.9 (novembro de 2024))	29.5 (2024)	Pensões ~63% FGN (dezembro de 2024)	Garantias InfraCredit
Quénia	32.9 (2021)	31.6 (2023)	16.3 (junho de 2024)	12.0 (2024)	Pensões ~52% no Governo do Quénia (2023)	Obrigações verdes e de infraestruturas
Gana	26.8 (2021)	14.3 (2023)	21.8 (dezembro de 2024)	9.1 (2024)	Pensões ~80% no Governo do Gana (2023)	Co-financiamento do GIIF
Senegal	31.2 (2021)	31.4 (2023)	8.7 (2023)	16.4 (2021)	Elevada exposição soberana	PAPSS, aprofundamento do mercado BRVM
Costa do Marfim	24.1 (2021)	22.4 (2023)	8.7 (2023)	10.8 (2024)	Elevada exposição soberana	Securitização BRVM, unidade PPP
Camarões	20.6 (2020)	17.4 (2023)	19.0 (2022)	—	Bancos da CEMAC, elevadas participações soberanas	Reforma do mercado da dívida da CEMAC
Uganda	24.0 (2021)	15.5 (2023)	5.3 (2023)	—	Pensões ~78% em títulos do governo	25-yr bond issuance
Tanzânia	29.5 (2021)	16.7 (2024)	6.8 (2022)	9.5 (2021)	Elevada exposição a títulos do governo	Lei PPP, obrigações infra
Zâmbia	21.3 (2021)	12.5 (2024)	8.8 (2023)	8.0 (2024)	Inclinação do governo entre bancos/pensões	Reestruturação da dívida, reformas das obrigações
República Democrática do Congo	27.0 (2021)	7.2 (2023)	5.0 (2022)	—	Os bancos preferem títulos soberanos	Pagamentos digitais, títulos

**FONTES:** AFC; Banco Mundial (WDI, GFDD, Global Findex); FMI (Relatórios de Consulta do Artigo IV); Comissão Bancária da UEMOA; CEMAC/BEAC; BRVM; Reguladores nacionais (PenCom Nigéria, RBA Quénia, NPRA Gana, URBRA Uganda); Dr. Nashwa J. Saleh, CFA Institute Research Foundation & AFC. Nota: Esta tabela harmoniza indicadores de vários conjuntos de dados e anos de referência (2021-2024).

## Arquitetando um novo ecossistema financeiro

Resolver este desfasamento requer reformas políticas coordenadas que permitam aos investidores institucionais participar no financiamento de infraestruturas, mantendo simultaneamente padrões adequados de gestão de risco. Isto envolve a criação de instrumentos que satisfaçam tanto os requisitos regulamentares como os objetivos de desenvolvimento, estabelecendo simultaneamente mecanismos de partilha de risco que tornem os projetos de infraestruturas atraentes para os investidores institucionais nacionais. Isto requer a arquitetura de um ecossistema financeiro inovador através de um quadro abrangente que aborde a política governamental, a regulamentação financeira, a bancabilidade dos projetos e a infraestrutura de crédito.

### **Pilar 1: Disciplina fiscal e gestão estratégica de ativos**

Os governos devem liderar reduzindo a sua dependência do endividamento interno. Isso envolve buscar a disciplina fiscal e gerenciar estratégicamente os ativos estatais por meio de programas credíveis de privatização e comercialização para criar novas oportunidades de investimento bancávei para o setor privado.

---

### **Pilar 2: Incentivar a diversificação do setor financeiro**

Os reguladores financeiros devem criar estruturas que incentivem os bancos comerciais e os fundos de pensões a diversificar as suas carteiras de investimento para além da dívida soberana. Isto inclui políticas que recompensem o investimento em setores produtivos de longo prazo da economia real.

---

### **Pilar 3: Aumentar a viabilidade financeira dos projetos**

Os reguladores financeiros devem criar estruturas que incentivem os bancos comerciais e os fundos de pensões a diversificar as suas carteiras de investimento para além da dívida soberana. Isto inclui políticas que recompensem o investimento em setores produtivos de longo prazo da economia real.

---

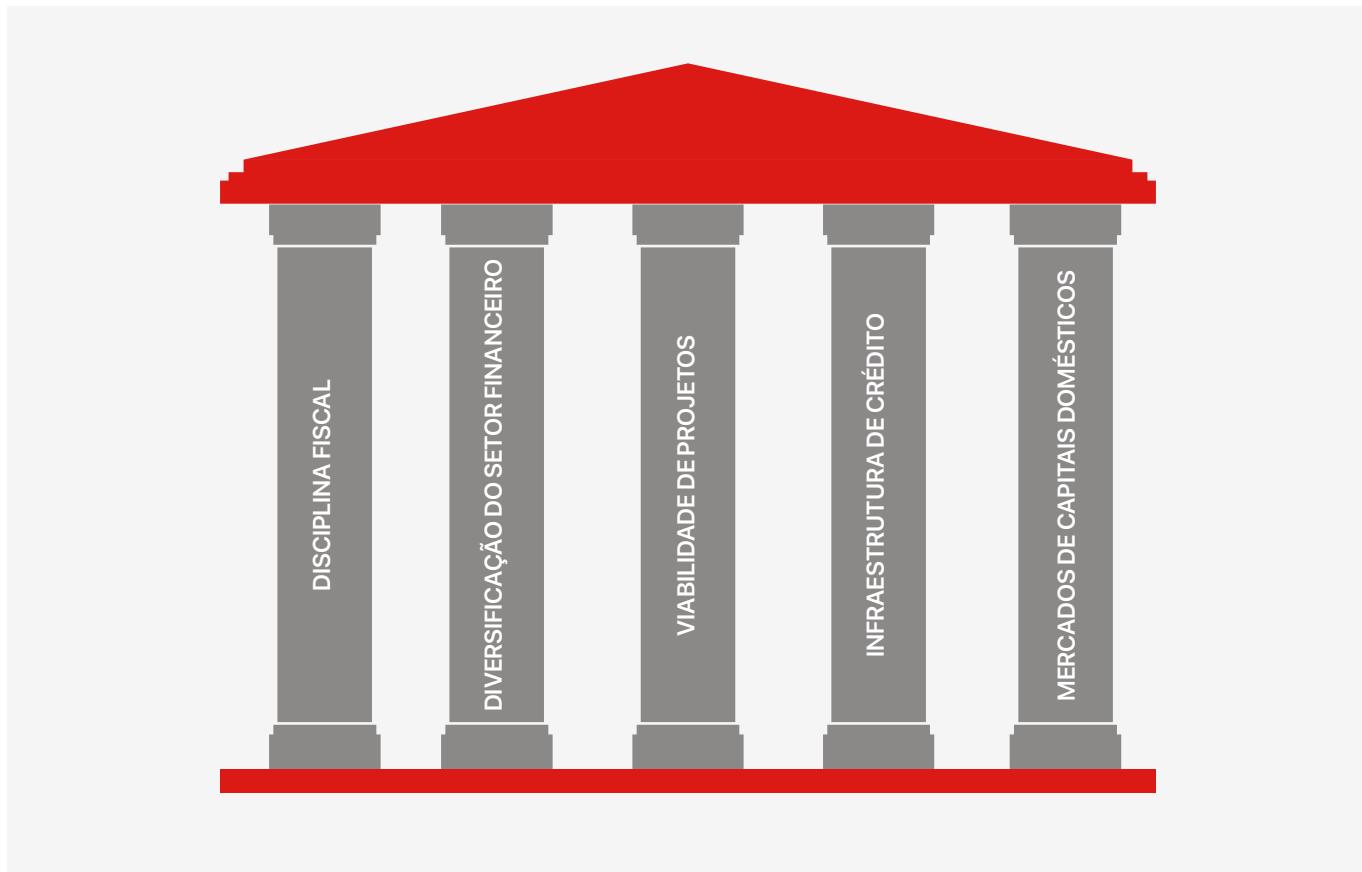
### **Pilar 4: Construir a infraestrutura fundamental do crédito**

Para combater a aversão ao risco sistémico, é necessário reforçar as bases da economia de crédito. Isto inclui reformas nas agências de crédito para melhorar a avaliação de risco; reformas no registo e na propriedade de terrenos para desbloquear garantias e capacitar os empréstimos às PME; e sistemas universais de gestão de identidade para simplificar o KYC, reduzir a fraude e diminuir o custo da inclusão financeira.

---

### **Pilar 5: Aprofundar os mercados de capitais domésticos**

Com estas bases estabelecidas, inovações financeiras direcionadas podem prosperar. Como visto na Nigéria, veículos de garantia de crédito como o InfraCredit podem reduzir o risco da dívida de infraestruturas para fundos de pensões. No Quénia, a criação de novas classes de ativos, como títulos verdes, pode atrair capital doméstico. Estas iniciativas de aprofundamento do mercado são o passo final e crucial para canalizar as vastas poupanças domésticas do continente para um crescimento sustentável e de longo prazo.



Vários países africanos, onde o Grupo UBA opera, já estão a ser pioneiros nas reformas políticas e inovações financeiras necessárias. Esses sucessos fornecem um plano claro para o continente.

## Estudos de caso em reforma política e inovação:

### Nigéria: Redução do risco da dívida de infraestruturas

Para combater a aversão ao risco, a Nigéria ampliou com sucesso iniciativas como a Infrastructure Credit Guarantee Company (InfraCredit). A InfraCredit, criada em 2017 pela Nigeria Sovereign Investment Authority (NSIA) e pela GuarantCo, catalisou a emissão de obrigações de infraestruturas, fornecendo garantias de longo prazo que tornam estes instrumentos acessíveis aos investidores institucionais nacionais.<sup>70</sup>

No final de 2022, a InfraCredit facilitou 128 mil milhões de nairas (cerca de 278 milhões de dólares) em financiamento de obrigações de infraestruturas para dez emitentes de infraestruturas, oferecendo prazos até 20 anos e alcançando uma sobre-subscrição de até 60%.<sup>71</sup> No seu Relatório para Investidores do primeiro trimestre de 2025, a InfraCredit regista 31,2 mil milhões de nairas em garantias emitidas e financiadas, juntamente com uma mobilização significativa de capital (~19 mil milhões de nairas através de emissões de direitos).<sup>72</sup> Estes desenvolvimentos mostram uma confiança institucional crescente e uma mudança para investimentos em infraestruturas de longo prazo.

### Quénia: aprofundamento dos mercados de capitais

O Quénia tornou-se líder na utilização dos seus mercados de capitais para financiar objetivos de desenvolvimento específicos. A emissão de obrigações verdes e obrigações de infraestruturas inovadoras através da Bolsa de Valores de Nairobi conseguiu atrair com sucesso um grupo crescente de investidores nacionais que pretendem financiar projetos sustentáveis.

O lançamento do primeiro título verde certificado do Quénia em outubro de 2019, emitido pela Acorn Holdings. O título, no valor de 4,3 mil milhões de xelins quenianos (~40 milhões de dólares), foi cotado a 12,25% e classificado como B1 — um nível acima da classificação soberana B2 — e atraiu forte interesse institucional.<sup>73</sup>

### Gana: Cofinanciamento em grande escala

Através do seu Fundo de Investimento em Infraestruturas (GIIF), o Gana criou um veículo dedicado para atuar como investidor âncora e cofinanciador de projetos críticos. Em parceria com bancos nacionais e IFDs internacionais, o GIIF colmata a lacuna de viabilidade para projetos de grande escala, demonstrando um modelo bem-sucedido de colaboração público-privada.

Criado pelo Parlamento do Gana em 2014 ao abrigo da Lei 877, o GIIF é um veículo de investimento estatal com a missão de mobilizar, gerir e investir em projetos de infraestruturas em todos os setores económicos e sociais. Iniciou as suas operações em 2015 com um capital âncora de 325 milhões de dólares e, desde então, comprometeu-se com 13 projetos de infraestruturas que abrangem transportes, TIC, energia e infraestruturas sociais, com um custo total de 3,6 mil milhões de dólares e um rácio de alavancagem estimado em 10x.<sup>74</sup>

Os instrumentos de investimento do GIIF incluem dívida, capital, financiamento mezanino e subfundos fora do balanço (por exemplo, habitação acessível, estradas com portagem), apoiados por um sistema de gestão ambiental e social alinhado com as normas

<sup>70</sup> PIDG / IFC. InfraCredit Nigeria facility overview and case study. PIDG, accessed 2025.

<sup>71</sup> InfraCredit Nigeria. 2022 Annual Report.

<sup>72</sup> InfraCredit Nigeria. Q1 2025 Investor Report.

<sup>73</sup> PIDG. "GuarantCo celebrates redemption of the first green bond issued in East Africa." Press release, 23 October 2024.

<sup>74</sup> Ghana Infrastructure Investment Fund. GIIF Investor Presentation, June 2024.

internacionais.<sup>75</sup> O novo Conselho de Administração do GIIF, composto por oito membros, empossado em julho de 2025, tem a tarefa de ampliar ainda mais esses esforços para impulsionar o investimento e atrair capital<sup>76</sup>

## Desafios e oportunidades

O défice de financiamento de infraestruturas reflete um desafio fundamental: embora África possua poupanças internas substanciais, a arquitetura financeira existente não consegue canalizar eficazmente esses recursos para projetos de desenvolvimento a longo prazo. Esta liquidez retida representa tanto uma limitação como uma oportunidade. A chave reside na criação de sistemas de intermediação sofisticados que possam mobilizar o capital interno de forma segura e lucrativa.



**A transformação de África requer capital, parceria e inovação colaborativa trabalhando em conjunto. Na UBA, não nos limitamos a fornecer financiamento; sentamo-nos à mesa com governos, instituições de desenvolvimento e empresas para co-criar arquiteturas financeiras que convertem visões nacionais em realidades bancáveis. A nossa abordagem é comprovada pela nossa presença global, parcerias estratégicas com instituições como o Banco Africano de Desenvolvimento e projetos marcantes, incluindo a nossa parceria AfCFTA de 6 mil milhões de dólares. Este modelo colaborativo colmata o fosso entre os recursos internos de África e as necessidades de infraestruturas.**



**Oliver Alawuba,**  
Diretor-geral do Grupo, United Bank for Africa



## Conclusão principal

Desbloquear o capital interno de África requer engenharia financeira sofisticada, em vez de novas fontes de financiamento. Através de reformas regulatórias direcionadas que permitem a titularização, o desenvolvimento do mercado secundário para dívida de infraestruturas e mecanismos inovadores de partilha de riscos, as instituições africanas podem redirecionar os fluxos de capital existentes para projetos de desenvolvimento transformadores. A oportunidade não reside em encontrar novos fundos, mas em construir a arquitetura para utilizar os recursos existentes de forma eficaz.

<sup>75</sup> Ghana Infrastructure Investment Fund. GIIF Environmental & Social Management System, Oct. 2019.

<sup>76</sup> APO Group. "GIIF Board Inaugurated," 9 July 2025.

### **Reforma em destaque: a atualização da Fitch aumenta a confiança**

Em abril de 2025, a Fitch Ratings elevou a classificação soberana de longo prazo da Nigéria em moeda estrangeira de B– para B (perspetiva estável). A medida refletiu a implementação contínua de reformas pelo governo, incluindo a unificação da moeda, uma política monetária mais restritiva, a remoção dos subsídios aos combustíveis e o fim da monetização do défice pelo Banco Central.

Esta subida sinaliza aos investidores que a Nigéria está empenhada em reformar a credibilidade — melhorando o clima de investimento, reduzindo os riscos percebidos e fortalecendo as bases para mobilizar capital nacional e internacional para infraestruturas e setores produtivos.

**FONTE:** Fitch Ratings, 11 de abril de 2025; Bloomberg, abril de 2025.

## 2.2 O catalisador da AfCFTA: a construção de um mercado único de US\$ 3,4 trilhões

A criação da Zona de Comércio Livre Continental Africana (AfCFTA) marca um momento crucial na história económica do continente, representando uma mudança fundamental dos modelos de financiamento externo para a autonomia estratégica. Este quadro abrangente vai além da redução de tarifas, servindo como o principal instrumento para alcançar a transformação socioeconómica de longo prazo de África.

Ao posicionar a AfCFTA como elemento central da Agenda 2063 da União Africana e principal veículo para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, os líderes africanos elevaram-na de um acordo comercial a um imperativo de desenvolvimento.<sup>77</sup> A AfCFTA é também um caminho estratégico para o crescimento económico inclusivo através da integração comercial de valor acrescentado, sinalizando um passo decisivo para a criação de um mercado interno e a redução da vulnerabilidade externa.

Esta abordagem aborda diretamente os riscos inerentes à dependência externa. Os acordos comerciais preferenciais com parceiros externos têm demonstrado repetidamente a sua fragilidade, sujeitos a restrições ou suspensões unilaterais que desestabilizam o progresso económico. A AfCFTA, por outro lado, representa uma resposta interna concebida para isolar as economias africanas dos choques globais, promovendo simultaneamente a autossuficiência através da integração do mercado continental.

Ao integrar 54 países com uma população combinada superior a 1,3 mil milhões de pessoas e um PIB de 3,4 biliões de dólares, a AfCFTA cria um dos maiores blocos económicos do mundo. O FMI projeta que a implementação bem-sucedida poderá impulsionar os fluxos comerciais intra-africanos em 53%, aumentando o PIB real per capita em 10%, demonstrando os retornos económicos substanciais disponíveis através do desenvolvimento continental coordenado.

### Progressos no comércio intra-africano

Desde o seu lançamento operacional, o comércio intra-africano tem demonstrado um crescimento consistente, apesar das condições económicas globais voláteis, fornecendo uma confirmação baseada em evidências de que o acordo está a remodelar os padrões comerciais continentais.

O comércio intra-africano totalizou US\$ 168 bilhões em 2021, crescendo robustamente 11% para atingir US\$ 186 bilhões em 2022, quando representou 13,6% do comércio global total do continente.<sup>78</sup> Em 2023, o comércio continuou a expandir-se 3,2%, atingindo 192 mil milhões de dólares, embora o crescimento tenha desacelerado devido a complexidades de implementação e ventos contrários na economia global, incluindo conflitos geopolíticos e instabilidade macroeconómica que causaram a contração do comércio total de mercadorias de África.

Apesar destes desafios, a quota do comércio intra-africano no comércio total do continente aumentou para aproximadamente 15% em 2023, demonstrando

<sup>77</sup> Can the African Continental Free Trade Area be a catalyst for the triple nexus of humanitarian, development, and peace challenges in Africa? | United Nations Economic Commission for Africa. (2025, January 21).

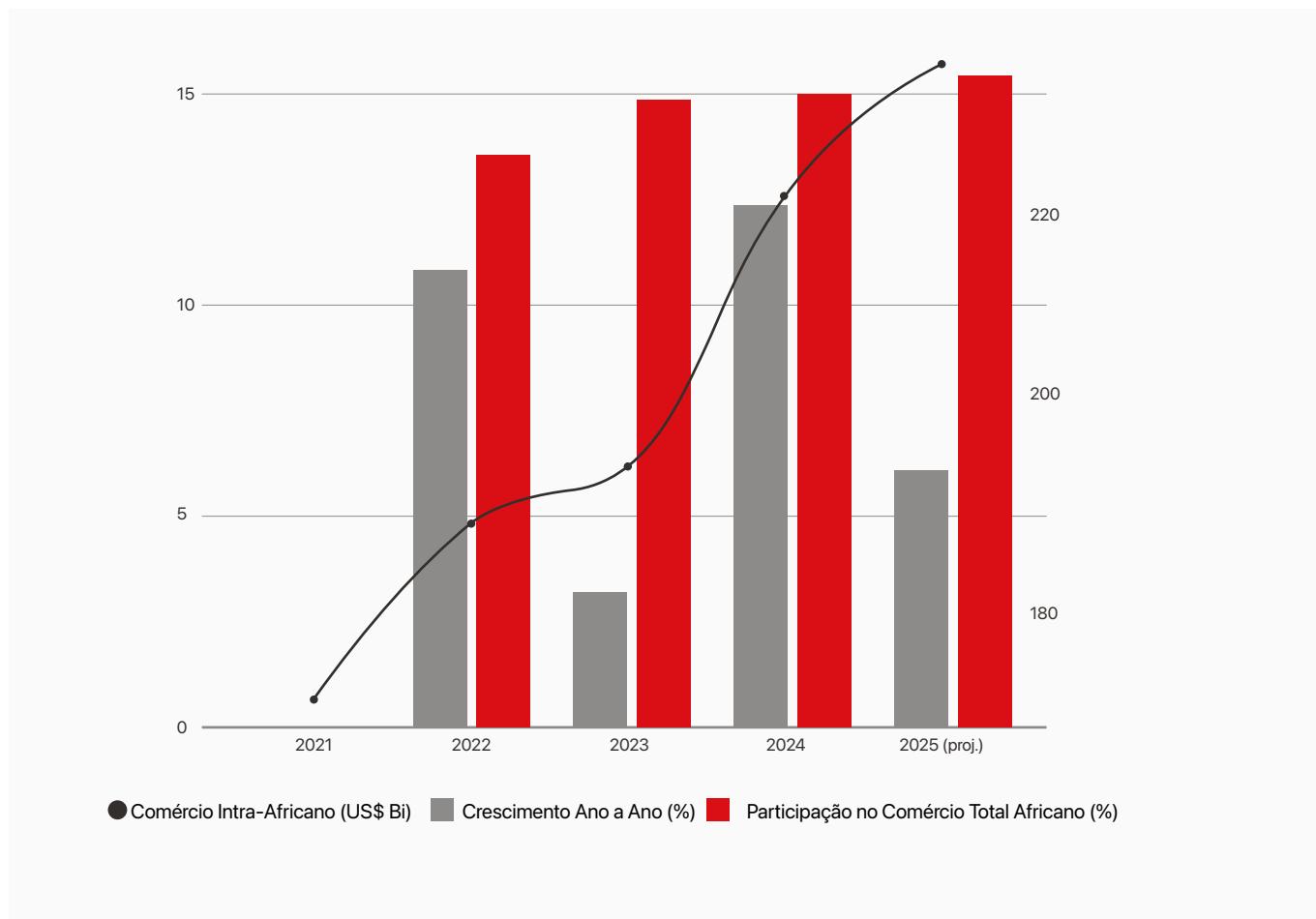
<sup>78</sup> Afreximbank. (2024). African Trade Report 2024: Climate Implications of the AfCFTA Implementation. In Afreximbank.

uma resiliência crescente e importância estratégica. Este aumento da quota durante um período de contração do comércio global ilustra a eficácia da AfCFTA na criação de relações comerciais mais estáveis e centradas na região.

As projeções para 2025 indicam uma forte recuperação. De acordo com o Relatório de Comércio Africano 2025 do Afreximbank, o comércio intra-africano deverá crescer 12,4%, atingindo um valor estimado de 220,3 mil milhões de dólares. Esta aceleração projetada sugere que, à medida que mais países operacionalizam os protocolos da AfCFTA e superam os obstáculos iniciais de implementação, o ritmo da integração comercial deverá aumentar significativamente.<sup>79</sup>

A trajetória de US\$ 168 bilhões para uma projeção de US\$ 220,3 bilhões em quatro anos representa um aumento acumulado de 31%, demonstrando a capacidade da AfCFTA de gerar um crescimento comercial substancial, mesmo com as relações comerciais globais enfrentando uma incerteza crescente.

**FIGURA 14:** Desempenho e Projeções do Comércio Intra-Africano, 2021-2025



<sup>79</sup> Musumba, V (2025, June 26). AfreximBank launches 2025 Report on African Trade in a Shifting Global Financial landscape - African Export-Import Bank. African Export-Import Bank. <https://www.afreximbank.com/afreximbank-launches-2025-report-on-african-trade-in-a-shifting-global-financial-landscape/>

## Impulsionando a transformação estrutural

Um dos principais objetivos da AfCFTA é catalisar a transformação estrutural, fazendo com que as economias africanas deixem de ser fornecedoras de matérias-primas e passem a ser produtoras integradas de bens e serviços de alto valor. O acordo foi concebido para reduzir a dependência das exportações voláteis de commodities e fortalecer a resiliência por meio da industrialização e de indústrias de valor agregado.<sup>80</sup>

A indústria transformadora já representa a maior parte das exportações intra-africanas, com 46%, seguida pelos alimentos (21%) e combustíveis (20%). Isto indica que já existe uma base significativa de comércio industrial no continente, que a AfCFTA está prestes a expandir drasticamente.

As projeções da Comissão Económica das Nações Unidas para África (ECA) sugerem que, com a sua plena implementação, a AfCFTA poderá impulsionar as exportações no setor industrial em 48% (acrescentando 165,6 mil milhões de dólares ao valor atual) e no setor agroalimentar em 60% (acrescentando 58,6 mil milhões de dólares) até 2045. O crescimento será impulsionado pelo desenvolvimento de cadeias de valor regionais em setores-chave, como agroprocessamento, automóvel, farmacêutico e energias renováveis.

## A Iniciativa de Comércio Guiado (GTI) em ação: uma prova de conceito

Para traduzir o quadro jurídico da AfCFTA em comércio comercialmente significativo, o Secretariado lançou a Iniciativa de Comércio Guiado (GTI) em outubro de 2022. Atuando como um piloto no mundo real, a GTI

testa quadros operacionais, institucionais e jurídicos, combinando empresas para o comércio ao abrigo de novas regras preferenciais. Padroniza procedimentos, reduz custos e demonstra a viabilidade prática da AfCFTA.<sup>81</sup>

A GTI tem demonstrado uma rápida expansão e um forte compromisso político. Começando com sete países — Camarões, Egito, Gana, Quénia, Maurícia, Ruanda e Tanzânia —, expandiu-se desde então para incluir 37 dos 54 Estados-Membros em outubro de 2024, incluindo grandes economias como a Nigéria e a África do Sul.

O verdadeiro impacto da GTI é melhor ilustrado pelas histórias de sucesso tangíveis que surgiram, que fornecem evidências poderosas do potencial do acordo para promover o comércio de valor acrescentado.

Estes exemplos são significativos porque mostram uma clara mudança do padrão histórico de exportação de matérias-primas para o comércio intra-africano de produtos transformados e manufaturados. Trata-se do cumprimento direto de um dos principais objetivos da AfCFTA e um sinal promissor da transformação estrutural que se pretende impulsionar.

These examples are significant because they showcase a clear shift away from the historical pattern of exporting raw commodities and toward the intra-African trade of processed and manufactured goods. This is a direct fulfilment of one of the AfCFTA's core objectives and a promising sign of the structural transformation it is intended to drive.

<sup>80</sup> Mene, W. (2025b, January 29). Intra-African trade and its potential to accelerate progress toward the SDGs. Brookings. <https://www.brookings.edu/articles/intra-african-trade-and-its-potential-to-accelerate-progress-toward-the-sdgs/>

<sup>81</sup> AFCFTA Update November 2024. (2024, November 1). International Trade Administration | Trade.gov. <https://www.trade.gov/market-intelligence/afcfta-update-november-2024>

## Os projetos-piloto da Iniciativa de Comércio Orientado

**Ruanda** aproveitou com sucesso a GTI para exportar produtos processados e de valor acrescentado, incluindo café embalado para a Argélia e o Gana, e desde então diversificou as suas remessas para incluir chá, óleo de abacate e mel.

**A Tanzânia** demonstrou uma subida na cadeia de valor ao comercializar café com a Argélia e fibra de sisal com a Nigéria. Um exportador de sisal da Tanzânia, a AJA Ltd, registou um aumento de seis vezes nas suas exportações mensais — de um para seis contentores — após participar num workshop de formação da AfCFTA. Esta expansão criou diretamente 50 novos empregos a tempo parcial, com uma percentagem significativa ocupada por mulheres (80%) e jovens (60%).

**A África** do Sul fez o seu primeiro envio ao Quénia ao abrigo da AfCFTA, que incluiu produtos manufaturados, como frigoríficos e maquinaria, simbolizando um passo crucial no aprofundamento do comércio industrial regional.

**A Nigéria** também começou a negociar no âmbito da GTI, com as suas remessas inaugurais incluindo produtos de alta tecnologia, como cartões inteligentes e cabos industriais destinados aos mercados do Egito, Argélia, Uganda, Camarões e Quénia.

**FONTE:** Mene, W. (29 de janeiro de 2025). O comércio intra-africano e o seu potencial para acelerar o progresso em direção aos ODS. Brookings.

## Projeções de longo prazo e impacto económico

As previsões e o impacto económico a longo prazo da AfCFTA são convincentes e otimistas, sublinhando o seu potencial transformador. Ao criar um mercado único de bens e serviços em 54 países com uma população combinada de mais de 1,3 mil milhões de pessoas e um PIB de 3,4 biliões de dólares, o prémio económico é imenso. O FMI estima que a implementação bem-sucedida poderia impulsionar os fluxos comerciais intra-africanos em 53% e aumentar o PIB real per capita em 10%.<sup>82</sup>

A implementação total da AfCFTA deverá aumentar o rendimento regional em cerca de 450 mil milhões

de dólares (um ganho de 7% acima da base de referência) até 2035 e aumentar as exportações totais de África em 560 mil milhões de dólares até 2035, com a maior parte dos ganhos provenientes da facilitação do comércio e de reformas políticas para reduzir a burocracia, digitalizar os processos alfandegários e facilitar os fluxos de serviços e investimentos.<sup>83</sup> O mesmo modelo prevê a saída de dezenas de milhões de pessoas da pobreza à medida que a integração se aprofunda e as cadeias de valor se expandem.

Isto implica que os investimentos em «infraestruturas soft» — os sistemas, processos e regulamentos que regem o comércio — produzirão um retorno

<sup>82</sup> International Monetary Fund. World Economic Outlook Update. January 2024.

<sup>83</sup> World Bank Group. (2023). The African Continental Free Trade area. In World Bank. <https://www.worldbank.org/en/topic/trade/publication/the-african-continental-free-trade-area>

económico muito maior do que o foco exclusivo na redução de tarifas. Para os decisores políticos, isto significa dar prioridade à modernização dos portos, fronteiras e regimes aduaneiros. Para os investidores, aponta para a logística, o financiamento do comércio e as soluções digitais como as oportunidades mais imediatas e escaláveis.

A Comissão Económica das Nações Unidas para África (ECA) fornece projeções complementares. A ECA estima que a AfCFTA aumentará o valor do comércio intra-africano entre 15% e 25% (equivalente a 50-70 mil milhões de dólares) até 2040. Uma análise mais recente da ECA projeta um aumento ainda mais significativo de 45% no comércio intra-africano até 2045, o que aumentaria o valor do comércio transfronteiriço do continente em US\$ 275,7 bilhões.<sup>84</sup>

Em conjunto, estas projeções traçam um quadro consistente de um continente à beira de uma grande expansão económica impulsionada por uma integração mais profunda. Elas sublinham a imensa escala da oportunidade e, ao mesmo tempo, destacam que o caminho para concretizar esses ganhos reside no trabalho diligente e prático de tornar o comércio em toda a África mais rápido, mais barato e mais simples.

### **A espinha dorsal financeira: PAPSS e a revolução nos pagamentos transfronteiriços**

Para que a visão da AfCFTA de um mercado único integrado e sem barreiras se torne realidade, é indispensável uma infraestrutura financeira eficiente e robusta. O Sistema Pan-Africano de Pagamentos

e Liquidações (PAPSS), desenvolvido pelo Banco Africano de Exportação e Importação (Afreximbank) em colaboração com o Secretariado da AfCFTA, é a espinha dorsal financeira desta nova arquitetura.

Historicamente, o comércio entre os países africanos tem sido paradoxalmente ineficiente. Mais de 80% das transações de pagamentos intra-africanas tinham de ser encaminhadas através de bancos correspondentes fora do continente, normalmente em Nova Iorque, Londres ou Paris. Isto significava que uma empresa no Gana que pagasse a um fornecedor na Zâmbia veria o seu pagamento convertido de cedis para dólares americanos, enviado para os Estados Unidos e, em seguida, convertido novamente para kwachas antes de chegar ao destinatário<sup>85</sup>. Este sistema custava à África cerca de 5 mil milhões de dólares anuais em taxas de transação.

PO PAPSS foi concebido como uma solução direta. Ele fornece uma infraestrutura continental, de propriedade africana e governada por africanos, que permite pagamentos transfronteiriços instantâneos ou quase instantâneos (em 120 segundos) diretamente em moedas locais. Um comerciante na Nigéria agora pode pagar um fornecedor no Quénia em nairas, e o fornecedor receberá os fundos em xelins quenianos momentos depois, evitando completamente a necessidade de moedas intermediárias não africanas e bancos estrangeiros.<sup>86</sup>

<sup>84</sup> United Nations Economic Commission for Africa. Economic Report on Africa 2025. Addis Ababa: UNECA, 2025.

<sup>85</sup> Lidibe. (2022, December 7). Pan-African Payment and Settlement System Launched by President Akufo-Addo Foreseeing \$5 billion Annual Savings for Africa - African Export-Import Bank.

<sup>86</sup> UBA Group. (2025, August 14). Now, Africa trade begins! Alawuba says as UBA launches PAPSS transaction on LEO Chatbot. Africa's Global Bank. <https://www.ubagroup.com/now-africa-trade-begins-alawuba-says-as-uba-launches-papss-transaction-on-leo-chatbot/>

**FIGURA 15:** Participantes do Sistema Pan-Africano de Pagamentos e Liquidação

**\*Participantes do Sistema Pan-Africano de Pagamentos e Liquidação**  
\*em março de 2025

### BANCOS CENTRAIS



### SISTEMAS DE COMPENSAÇÃO



### BANCOS COMERCIAIS



### PARCEIROS ESTRATÉGICOS



**FONTE:** Análise FXC Intelligence, Sistema Pan-Africano de Pagamentos e Liquidações

Desde o seu lançamento comercial em janeiro de 2022, o PAPSS tem-se concentrado na construção da sua rede, integrando bancos centrais e comerciais em todo o continente. O ritmo desta expansão demonstra uma crescente adesão institucional ao sistema.

A rede de bancos centrais participantes cresceu significativamente desde a fase piloto inicial na Zona Monetária da África Ocidental (WAMZ). No final de 2024, a rede incluía 15 bancos centrais, incorporando centros económicos importantes como a Nigéria, Gana, Quénia, Zâmbia, Zimbábue e Egito. A inclusão de instituições como o Banco Central do Egito, onde o PAPSS está sediado, é estrategicamente importante para ligar o Norte de África ao resto do continente.<sup>87</sup>

A adesão de bancos comerciais, que servem como interface principal para empresas e indivíduos, também foi rápida. Em meados de 2024, o número de bancos comerciais conectados à rede PAPSS ultrapassou 150, com relatos de mais de 115 em fase de conexão. Essa massa crítica de instituições financeiras participantes é essencial para garantir ampla acessibilidade e utilidade para os comerciantes em todo o continente.<sup>88</sup>

### Navegando pelo caminho a seguir

A AfCFTA passou de um acordo negociado para uma realidade operacional, demonstrando progressos tangíveis na promoção do desenvolvimento

sustentável e no crescimento do comércio intra-africano.

No entanto, o caminho para um mercado único totalmente integrado e sem barreiras está repleto de desafios que exigem ações concertadas e estratégicas. A fase inicial de implementação tem sido inestimável, não só para facilitar o comércio, mas também para revelar os gargalos críticos que devem ser resolvidos. Para concretizar este potencial, é necessária uma vontade política sustentada para eliminar as barreiras não tarifárias persistentes, harmonizar procedimentos alfandegários complexos e acelerar a integração técnica de todos os bancos comerciais em plataformas como o PAPSS. Esta é a base crítica que transformará a política em prosperidade.

As instituições financeiras que aproveitam a infraestrutura da AfCFTA com soluções inovadoras de financiamento comercial e capital de giro serão fundamentais para concretizar sua promessa. O UBA, com sua rede em 20 países africanos, desempenha um papel de liderança ao facilitar transações transfronteiriças sem interrupções. Sua parceria com a AfCFTA para estabelecer um fundo de US\$ 6 bilhões para financiamento de PMEs ressalta o papel fundamental das instituições financeiras africanas na formação de um crescimento inclusivo e sustentável.<sup>89</sup>



### Conclusão principal

O progresso da AfCFTA, impulsionado por iniciativas como a GTI e a PAPSS, está a remodelar o panorama económico de África. Ao fornecer soluções financeiras inovadoras e estabelecer parcerias estratégicas, as instituições financeiras são fundamentais para concretizar o potencial do mercado único, impulsionar o crescimento sustentável e promover os objetivos de desenvolvimento de África.

<sup>87</sup> Ghana Pan African Payments Settlement System (PAPSS) update. (2023, December 27). International Trade Administration | Trade.gov.

<sup>88</sup> Ingham, L. (2025, March 13). The Pan-African Payment and Settlement System's continued growth. FXC Intelligence. <https://www.fxcintel.com/research/analysis/pan-african-payment-and-settlement-system-march-25>

<sup>89</sup> United Bank for Africa. (2024, March 5). AFCFTA - UBA UAE. UBA UAE. <https://www.ubuae.com/afcta/>

## 2.4 Instituições multilaterais: da concessão de subsídios à criação de mercados

Em simultâneo com o aumento do financiamento liderado por África, os bancos multilaterais de desenvolvimento (BMD) transformaram fundamentalmente o seu papel.

Eles evoluíram de tradicionais concedentes de subsídios para sofisticados intermediários financeiros focados em "criar mercados". Isso representa uma mudança de paradigma, passando do simples fornecimento de financiamento direto para a criação ativa das condições, instrumentos e mecanismos de partilha de risco necessários para mobilizar capital privado em grande escala.<sup>90</sup>

Esta evolução é demonstrada pela atividade recorde da Corporação Financeira Internacional (IFC) no seu ano fiscal de 2024. A IFC comprometeu-se a financiar 14,2 mil milhões de dólares em 45 países africanos, mobilizando com sucesso mais 5,7 mil milhões de dólares de investidores parceiros.<sup>91</sup>

Da mesma forma, o Banco Africano de Desenvolvimento (AfDB) viu a sua base de capital aumentar para 318 mil milhões de dólares e gerou mais de 225 mil milhões de dólares em juros de investimento através do seu Fórum de Investimento em África, uma plataforma explicitamente concebida para ligar o capital privado a projetos financiáveis.<sup>92</sup> Isto prova um apetite significativo por projetos africanos quando estes são estruturados com a arquitetura financeira adequada

Este novo papel de criação de mercado para os MDBs cria oportunidades poderosas para os bancos africanos servirem como parceiros essenciais de implementação, fornecendo a experiência do mercado local e a gestão de risco necessárias para o sucesso dessas transações complexas de financiamento misto.



<sup>90</sup> Center for International Cooperation. (2025, April 22). 6 Ways Multilateral Development Banks Can Unlock Financial Resources for Low-Income Countries | Center on International Cooperation.

<sup>91</sup> IFC invests record financing in 45 African countries in fiscal year 2024. (n.d.). IFC.

<sup>92</sup> Africa Newsroom, APO Group – Africa Newsroom, & African Development Bank Group (AfDB). (2025, August 13). Africa50 sets new benchmark in infrastructure financing, surpasses \$1.4B in managed assets. APO Group - Africa Newsroom.

## 2.5 Financiar a transformação: desbloquear o capital interno de África

A AfCFTA representa uma oportunidade multimilionária para transformar o panorama industrial e comercial de África. A concretização desta visão requer um plano de financiamento igualmente ambicioso. Este conjunto de capital representa a melhor oportunidade de África para construir um modelo de financiamento resiliente e alinhado com a sua agenda de transformação estrutural.

A base de capital interno de 4 biliões de dólares da África está a evoluir rapidamente de uma alocação pesada em títulos do governo para investimentos em infraestruturas, com os ativos dos fundos de pensões a crescerem 15-40% ao ano nos principais mercados e novos quadros regulatórios a desbloquearem milhares de milhões para projetos de desenvolvimento.<sup>93</sup>

Os investimentos em infraestruturas da Nigéria aumentaram 54% em 2024, o consórcio KEPFIC do Quénia mobilizou 113 milhões de dólares para infraestruturas e a África do Sul aumentou os limites de alocação para infraestruturas para 45%,<sup>94</sup> demonstrando que o capital doméstico pode gerar retornos superiores, ao mesmo tempo que resolve o défice anual de infraestruturas do continente, que se situa entre 93 e 170 mil milhões de dólares.

A importância vai além dos volumes de financiamento. Esta mudança representa a transição de África para um desenvolvimento autofinanciado, reduzindo a dependência externa e criando retornos sustentáveis

para as instituições locais e os beneficiários. Com os volumes comerciais da AfCFTA a atingirem 220,3 mil milhões de dólares em 2024,<sup>95</sup> e a infraestrutura de pagamentos transfronteiriços a avançar rapidamente, a mobilização de capital doméstico torna-se fundamental para capturar as oportunidades económicas do acordo.

As histórias de sucesso do Fundo de Dívida de Infraestrutura da Nigéria (retornos totais de 227,9%),<sup>96</sup> o modelo de consórcio de pensões do Quénia e a enorme alocação institucional da África do Sul provam que o capital africano pode impulsionar o desenvolvimento continental, ao mesmo tempo que proporciona retornos de investimento competitivos.

### Fundos de capital doméstico em todo o continente

A mobilização de capital doméstico em África atingiu uma escala notável, com o valor de 4 biliões de dólares validado por uma análise abrangente dos fundos de pensões, ativos de seguros, bancos comerciais e fundos soberanos.<sup>97</sup>

**O crescimento dos fundos de pensões acelera nos principais mercados**, com os ativos da Nigéria a atingirem ₦23,32 biliões (15,5 mil milhões de dólares) em março de 2025, o que representa um crescimento de 17,05% em relação ao ano anterior.<sup>98</sup> O Quénia demonstra um impulso ainda mais forte, com ativos de pensões de 2,23 biliões de xelins quenianos (17,3 mil milhões de dólares), crescendo 28,5% ao ano,<sup>99</sup>

<sup>93</sup> AFC's 2025 report urges Africa to channel \$4 trillion in domestic capital toward Infrastructure-Led industrial transformation. (n.d.). Africa Global Funds.

<sup>94</sup> Jeremiah, U. (2025, March 12). Pension Funds' investment in infrastructure grows by 54.1% to N242.2bn. Vanguard News.

<sup>95</sup> MEO. (2025, August 4)

<sup>96</sup> Onisegwu. (2024, March 28). The Chapel Hill Denham Nigeria Infrastructure Debt Fund ("NIDF") records N20.4 billion Profit for FY2023 – a 98% Year-on-Year Growth. - Chapel Hill Denham. Chapel Hill Denham

<sup>97</sup> AFC Champions Shift of \$4 Trillion in Domestic Savings into Africa's Infrastructure Transformation. 06.2025

<sup>98</sup> Owoseni, O. (2025, June 13). Nigeria's pension fund assets reach N23.32 trillion in March 2025, posting modest monthly growth amid robust yearly gains. TV360.

<sup>99</sup> Progress of retirement benefits schemes in Kenya - 2024, & Cytonn Weekly #21/2024. (n.d.).

<sup>100</sup> How big are African pension funds? - African Capital Markets News. (2017, November 30). African Capital Markets News. /

enquanto o Gana alcançou um crescimento de 39,5%, atingindo 86,23 mil milhões de cedis ganenses (5,4 mil milhões de dólares). Esta rápida expansão reflete a melhoria na aplicação das contribuições, as reformas regulatórias e a formalização económica em todos os mercados africanos.

**A concentração do mercado continua a ser um desafio**, com 90% dos ativos de pensões africanos concentrados em apenas quatro países: África do Sul (500 mil milhões de dólares), Nigéria, Namíbia (12,1 mil milhões de dólares) e Botsuana (9,7 mil milhões de dólares). A África do Sul domina os mercados de pensões continentais com ativos que representam 88% do PIB, seguida pela Namíbia com 103% de penetração no PIB. No entanto, os mercados mais pequenos mostram um forte potencial de crescimento, com os ativos de pensões da Tanzânia a crescerem 17% ao ano e o NSSF do Uganda a gerir 22 biliões de UGX com uma cobertura em expansão.<sup>101</sup>

O setor de seguros contribui com mais de US\$ 150 bilhões em capital institucional adicional, com o mercado de seguros continental avaliado em US\$ 92,9 bilhões e um crescimento projetado de 6,03% CAGR para US\$ 160,9 bilhões até 2033.<sup>102</sup> A África do Sul é responsável por 70% dos prémios de seguros continentais, enquanto o Quénia lidera a África Oriental com 2,14% de penetração de seguros. Os ativos bancários comerciais de US\$ 2,5 trilhões são dominados por instituições sul-africanas como o Standard Bank (US\$ 170 bilhões em ativos em 20 países) e campeões regionais como o UBA Group, em expansão na África Ocidental.<sup>103</sup>

### **Reformas regulatórias desbloqueiam a aplicação de capital institucional**

As reformas políticas de vários governos africanos têm sido fundamentais para facilitar o desbloqueio da base de capital doméstico.

**Nigéria:** lidera a evolução regulatória com a Comissão Nacional de Pensões (PENCOM) a finalizar a revisão para aumentar significativamente o limite de investimento em infraestruturas de 5% para os fundos de pensões, reduzindo simultaneamente os requisitos dos projetos domésticos de 75% para 60%.<sup>103</sup> Com os ativos dos fundos de pensões a excederem agora os 19 biliões de nairas (aproximadamente 100 mil milhões de dólares) em 2025, a PENCOM introduziu um quadro que permite alocações em infraestruturas e capital privado.<sup>104</sup>

Isto permitiu a criação de veículos especializados, como o Fundo de Dívida de Infraestruturas da Nigéria, que agrupa projetos em instrumentos investíveis, proporcionando características de rendimento e risco adequadas aos fundos de pensões, ao mesmo tempo que aborda diretamente o défice de infraestruturas do país.

Os atuais investimentos em infraestruturas de 214,325 mil milhões de nairas em 2024 representam um crescimento de 54,1% em relação a 2023, demonstrando o impacto imediato da clareza regulatória. A implementação da Estrutura Multifundos e a expansão das classes de ativos, incluindo obrigações de infraestruturas, REITs e fundos de capital privado, criam oportunidades de investimento mais amplas.

---

<sup>101</sup> URBRA (2024, March 4). PENSIONS SECTOR GROWS TO UGX 22 TRILLION AS MORE UGANDANS SAVE VOLUNTARILY - URBRA - UGANDA RETIREMENT BENEFITS REGULATORY AUTHORITY

<sup>102</sup> Africa Insurance Market Size & Growth Forecast to 2033. (n.d.). <https://www.imarcgroup.com/africa-insurance-market>

<sup>103</sup> Ojoko, I., & Ojoko, I. (2025, August 26). Nigeria to expand pension investment scope in infrastructure and private equity. Nairametrics.

<sup>104</sup> Ooreofe (2024, September 6). Leveraging pension funds for infrastructure development in Nigeria: Roundtable June 2023 - Chapel Hill Denham.

**Quénia:** O Governo do Quénia defendeu uma abordagem inovadora de consórcio através da criação do Consórcio de Investimento dos Fundos de Pensões do Quénia (KEPFIC). Isto permite que 24 planos de pensões com ativos agregados de 500 mil milhões de xelins quenianos mobilizem 250 milhões de dólares ao longo de cinco anos para investimentos em infraestruturas.<sup>105</sup>

A Autoridade de Benefícios de Aposentadoria (RBA) permitiu que os fundos de pensões alocassem até 10% dos ativos em infraestrutura. Essa reforma, juntamente com, liberou mais de US\$ 1 bilhão para projetos de energia, transporte e industriais, reunindo riscos em vários esquemas.<sup>106</sup> Até agora, US\$ 113 milhões já foram aplicados em projetos de habitação e infraestrutura rodoviária, gerando taxas de subscrição excedentes de 157%.<sup>107</sup>

**Gana:** mantém uma abordagem mais conservadora com investimentos em infraestruturas canalizados através de REITs e títulos hipotecários dentro dos limites existentes de 30% para obrigações corporativas, ao mesmo tempo que implementa restrições ao investimento offshore devido a preocupações cambiais.<sup>108</sup> Os ativos totais de pensões de 78,2 mil milhões de GHS continuam a crescer, com 73% geridos por gestores de fundos privados, embora a alocação em infraestruturas continue limitada em comparação com os seus pares regionais.

**A integração regional acelera** através da parceria BRVM-Africa50 da WAEMU, lançando novas ferramentas de financiamento de infraestruturas em 8 Estados-Membros,<sup>109</sup> enquanto os países da CEMAC abordam lacunas significativas em infraestruturas com o apoio do Banco Mundial. O calendário de reformas de 2020-2024 mostra um movimento consistente no sentido de limites mais elevados de alocação em infraestruturas e processos de aprovação simplificados em todos os mercados de pensões africanos.

**TABELA 2:** Limites de Investimento em Ativos de Pensão e Infraestrutura Africanos

Country	Limite de infraestruturas	Ativos de pensões	Alterações recentes	Impacto
Nigéria	5% (em análise)	15,5 mil milhões de dólares	Expandir limites, reduzir requisitos domésticos	Crescimento de 54,1% no investimento em infraestruturas
Quénia	10% (dívida em infraestruturas)	17,3 mil milhões de dólares	Modelo de consórcio KEPFIC	113 milhões de dólares mobilizados para projetos
Gana	Através de REITs/MBS	5,4 mil milhões de dólares	Restrições offshore implementadas	Alocação direta limitada para infraestruturas
Tanzânia	Financiamento direto de projetos	~3,6 mil milhões de dólares	Projetos de infraestrutura permitidos	135 milhões de dólares Investimento na ponte Kigamboni
África do Sul	45%	500 mil milhões de dólares	Aumento em relação aos limites anteriores (2023)	\$400+ million deployed via AOFSA

<sup>105</sup> Pooling pensions in Kenya. (n.d.). IFC. 2023.

<sup>106</sup> African Financial Markets Initiative. (2025, April 10). African domestic frontier funds: Regulatory reforms and the drive for local capital. African Development Bank Group.

<sup>107</sup> The Kenya Pension Funds Investment Consortium – A consortium of prominent Kenyan retirement benefit funds. (n.d.).

<sup>108</sup> Reuters. (2024, November 19). Ghana blocks pension funds from offshore investment on currency concerns, sources say. CNBC Africa.

<sup>109</sup> Ecofin Agency. (n.d.). BRVM and Africa50 partner to fund infrastructure in WAEMU. <https://www.ecofinagency.com/news/1505-46833-brvm-and-africa50-partner-to-fund-infrastructure-in-waemu>

<sup>110</sup> Onisegwu. (2024, March 28). The Chapel Hill Denham Nigeria Infrastructure Debt Fund ("NIDF") records N20.4 billion Profit for FY2023 – a 98% Year-on-Year Growth. – Chapel Hill Denham. Chapel Hill Denham.

## Financiamento de infraestruturas em ação

O Fundo de Dívida de Infraestrutura da Nigéria demonstra um desempenho excepcional, com mais de 104 mil milhões de nairas (mais de 65 milhões de dólares) em ativos sob gestão, gerando um retorno total de 227,9% desde o seu início em 2017 e um rendimento de dividendos de 24%.<sup>111</sup> Os 26 projetos de infraestrutura do fundo em 10 subsetores geraram uma receita total de 22,1 mil milhões de nairas em 2023 (crescimento de 87,5% em relação ao ano anterior), enquanto a carteira de empréstimos para infraestrutura atingiu 85,8 mil milhões de nairas, com um crescimento anual de 37,2%. Os investimentos recentes incluem uma linha de crédito de 19,41 mil milhões de nairas para armazenamento de GPL e expansão da banda larga em 10 estados nigerianos.

O modelo de consórcio KEPFIC do Quénia provou ser escalável, mobilizando US\$ 113 milhões em 24 fundos membros, com ativos combinados sob gestão no valor de US\$ 5,2 bilhões. O título do projeto de desenvolvimento rodoviário Lot 3 do consórcio alcançou uma subscrição superior em 157% por 88 fundos de pensões e duas seguradoras, mantendo 100% de garantia do capital e dos juros através da GuarantCo.<sup>111</sup> O pipeline de negócios para 2023 inclui 19 oportunidades avaliadas em mais de 2,5 mil milhões de dólares nos setores das telecomunicações, transportes, energia e saúde.

Os investidores institucionais da África do Sul alcançam uma escala massiva através dos 2,3 bilhões de rands (mais de 142 mil milhões de dólares) em ativos sob gestão da GEPF e do limite de alocação de infraestruturas de 45%.<sup>112</sup> A Public Investment

Corporation gere a maior base de ativos de África, com investimentos em infraestruturas que abrangem energias renováveis (mais de 2000 MW contribuindo para a rede nacional), transportes (operações da autoestrada N3TC) e projetos transfronteiriços através de um compromisso de 40 milhões de dólares da Africa50 e da participação da PAIDF.

O financiamento transfronteiriço de infraestruturas através do Fundo Pan-Africano de Desenvolvimento de Infraestruturas apresenta um forte desempenho, com o Fundo I a alcançar um aumento de 36% no valor em USD e o Fundo II a atingir um aumento de 84% em relação à avaliação da carteira de 471,8 milhões de dólares. Os projetos abrangem mais de 8 países africanos, incluindo a Central Eólica do Lago Turkana no Quénia, o sistema de cabos submarinos MainOne e o Aeroporto Internacional de Lanseria, abastecendo 30 milhões de pessoas em 10 países apenas através da carteira de energia.

A transformação do capital interno de África valida a capacidade do continente para o desenvolvimento autofinanciado através da mobilização estratégica de 4 biliões de dólares em ativos institucionais. O desempenho excepcional dos investimentos em infraestruturas. Desde os retornos de 227,9% da Nigéria até aos projetos do consórcio sobre-subscritos do Quénia e ao financiamento positivo do fluxo de caixa da Tanzânia, demonstra que o capital interno pode simultaneamente colmatar as lacunas de infraestruturas e gerar retornos superiores para os beneficiários de pensões.

<sup>111</sup> USAID Invest “Mobilizing Kenyan Pension Funds to Invest in Local Infrastructure,” USAID INVEST, Medium, 2023.

<sup>112</sup> Treasury publishes final amendments to Regulation 28 of the Pension Funds Act | South African Government. (2022, July 5).

## 2.6 Serviços financeiros digitais: desagregação e mobilização de capital a partir da base

**O pilar final deste novo paradigma financeiro aproveita a revolução digital de África para democratizar a formação de capital.**

O ecossistema de tecnologia financeira da África está a passar por um crescimento explosivo, com as empresas de tecnologia financeira quase a triplicarem de 450 em 2020 para 1263 em 2024. Esta expansão baseia-se na fundação de dinheiro móvel do continente, onde a África Subsaariana lidera globalmente. Em 2024, 40% dos adultos da região mantinham contas de dinheiro móvel, uma tecnologia que, para muitos, representa o seu único ponto de entrada nos serviços financeiros formais.<sup>113</sup> Esta infraestrutura digital generalizada está a criar mais oportunidades para uma mobilização sofisticada de capital ao nível do retalho.

Em mercados como o Quénia, onde mais de 80% dos adultos utilizam serviços de dinheiro móvel, estas plataformas dominam a concessão de crédito formal, com 86% dos mutuários formais a utilizarem

prestadores de dinheiro móvel.<sup>114</sup> A Nigéria, que acolhe 28% das empresas de tecnologia financeira de África, demonstra como as plataformas digitais transformam o comportamento individual em matéria de poupança e investimento.

A transformação digital permite abordagens inovadoras para a agregação de capital, convertendo milhões de poupanças de pequena escala em fundos de investimento substanciais. Com a expansão da cobertura 4G e os mercados de serviços digitais projetados para atingir US\$ 712 bilhões até 2030, o capital de varejo pode ser reunido de forma eficiente em fundos de investimento significativos para financiamento de infraestrutura e desenvolvimento, criando uma participação financeira verdadeiramente inclusiva.<sup>115</sup>



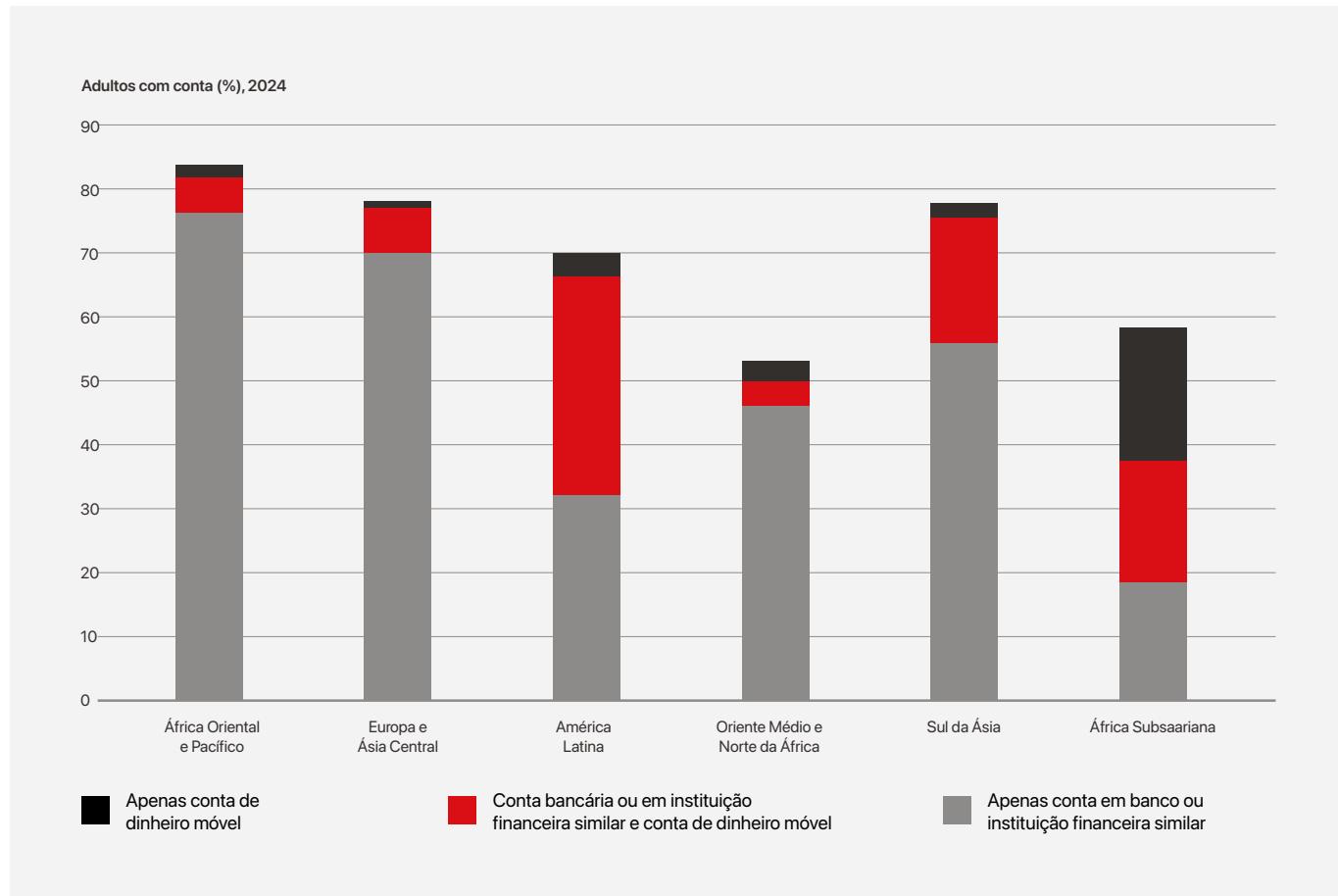
<sup>113</sup> Africa News Agency. (2025, February 27). Fintech in Africa: Rapid growth but persistent challenges.

<sup>114</sup> Fintechnews Africa. (2025, August 19). Mobile money drives surge in financial inclusion. Fintech News Africa.

<sup>115</sup> International Finance Corporation & Google. (2024). e-Economy Africa 2024: Africa's \$712 billion digital potential

Essa democratização cria ciclos virtuosos em que populações inteiras participam e se beneficiam do desenvolvimento econômico nacional, ao mesmo tempo em que oferece aos investidores institucionais novas classes de ativos e oportunidades de distribuição de risco.

**FIGURA 16:** Comparação da Penetração de Contas Financeiras por Região (2024)



**FONTE:** Base de Dados Global Findex 2025

## 2.7 Construindo rodovias globais ágeis de investimento para o crescimento

Juntos, estes pilares criam a base para o que pode ser denominado «autoestradas de investimento», corredores financeiros integrados que canalizam eficientemente o capital de diversas fontes para projetos de desenvolvimento.

Essas autoestradas de investimento representam uma infraestrutura financeira que conecta o capital institucional doméstico, as poupanças da diáspora, as contribuições digitais de retalho e o financiamento de parcerias internacionais por meio de plataformas simplificadas e habilitadas por tecnologia. Ao contrário do financiamento tradicional de projetos, esses sistemas criam uma arquitetura financeira permanente capaz de combinar continuamente a oferta de capital com a demanda de desenvolvimento em vários setores e regiões geográficas.

### Componentes arquitetónicos

As autoestradas de investimento integram vários elementos críticos. Os mecanismos de agregação e distribuição de risco permitem que os projetos tenham acesso a diversas fontes de financiamento, ao mesmo tempo que proporcionam aos investidores retornos adequados ajustados ao risco. As plataformas digitais facilitam a contribuição contínua de capital de fontes de retalho, institucionais e internacionais através de interfaces padronizadas e sistemas de conformidade

regulamentar.

A integração transfronteiriça permite que o capital flua eficientemente pelos mercados africanos, apoiando as cadeias de valor regionais e a implementação da AfCFTA. Estruturas padronizadas de avaliação e monitorização de projetos garantem qualidade consistente e medição de impacto em diversas oportunidades de investimento.

### Excelência operacional

As autoestradas de investimento mais complexas incorporam alocação de capital em tempo real, monitorização automatizada da conformidade e precificação dinâmica de riscos que se ajusta às condições do mercado e ao desempenho do projeto. Esses sistemas permitem a rápida aplicação de capital quando surgem oportunidades, mantendo rigorosos padrões de due diligence e medição de impacto.

As instituições financeiras africanas como a UBA, com a sua presença continental e parcerias internacionais, estão numa posição única para arquitetar e operar estas vias de investimento, combinando a experiência do mercado local com o acesso ao mercado de capitais global para criar modelos escaláveis e replicáveis em todo o continente.



### Conclusão principal

A confluência de reformas regulatórias que aumentam os limites de alocação de infraestrutura, as oportunidades comerciais em expansão da AfCFTA, a transformação digital e modelos de investimento comprovados criam potencial para que o capital doméstico impulse a transformação continental.

No entanto, a concretização deste potencial requer uma evolução regulamentar contínua, o reforço dos quadros de investimento transfronteiriço e o reforço das capacidades institucionais para expandir modelos de sucesso em todos os mercados africanos.

As evidências demonstram que África possui o capital e a capacidade para financiar o seu próprio desenvolvimento, com os ativos institucionais domésticos representando o principal catalisador para a transformação económica do continente impulsionada pela infraestrutura. O desafio (e a oportunidade) reside na construção de autoestradas de investimento que possam canalizar esses recursos para a transformação do continente, gerando retornos sustentáveis para todas as partes interessadas.



## PART III:

# Revolução do financiamento comercial: financiar o futuro comercial de África

**Se as infraestruturas constituem o esqueleto da economia africana, o comércio é a sua força vital.**

A transformação estrutural do continente depende não só da construção de ativos de longo prazo, mas também do financiamento do fluxo diário de bens e serviços. A Zona de Comércio Livre Continental Africana (AfCFTA) criou a maior zona de comércio livre do mundo em termos de população, mas esta oportunidade histórica só pode ser concretizada se as artérias do comércio forem adequadamente financiadas. Para as instituições financeiras africanas, isto representa tanto uma responsabilidade profunda como uma oportunidade comercial sem precedentes.

## 3.1 O panorama do financiamento do comércio: dinâmica e oportunidades do mercado

O mercado africano de financiamento comercial é caracterizado por uma lacuna persistente e significativa entre a procura e a oferta de financiamento. O Banco Africano de Desenvolvimento (AfDB) e a Câmara de Comércio Internacional (ICC) estimam que essa lacuna seja de pelo menos US\$ 81 bilhões anuais, um valor que provavelmente cresceu em meio à recente volatilidade global.<sup>116</sup> Fechar essa lacuna poderia aumentar os volumes comerciais em 8% a 16% somente na África Ocidental, de acordo com a IFC.

Este défice não está distribuído de forma uniforme; afeta de forma desproporcional as pequenas e médias empresas (PME), que representam a maioria das empresas e do emprego em todo o continente, mas enfrentam as taxas de rejeição

mais elevadas para os pedidos de financiamento comercial. Esta lacuna não é um sinal de risco não bancável, mas sim uma barreira de mercado impulsionada por riscos elevados percebidos, assimetria de informação e custos operacionais da prestação de serviços a transações de menor dimensão.

O acesso continua desigual. Em toda a África, apenas cerca de 40% do comércio de mercadorias é intermediado por bancos, contra 60-80% globalmente, refletindo a capacidade limitada de risco, os custos de conformidade e a retirada de alguns bancos correspondentes. Nas quatro maiores economias da África Ocidental (Costa do Marfim, Gana, Nigéria, Senegal), apenas 25% do comércio de mercadorias é apoiado pelo financiamento comercial bancário.<sup>118</sup>

<sup>116</sup> International Trade and Forfaiting Association (ITFA). Sustainable Trade Finance and African Trade (2022).

<sup>117</sup> Afreximbank. African Trade Report 2025. Jun. 26, 2025: "Africa faces about US\$100 billion annual trade finance gap.

<sup>118</sup> IFC & WTO. Trade Finance in West Africa: A Study of Côte d'Ivoire, Ghana, Nigeria, and Senegal. Oct. 2022:

As fricções estruturais também são importantes. A «redução do risco» e os custos de conformidade reduziram o alcance dos bancos correspondentes em várias regiões, complicando os fluxos transfronteiriços. O acompanhamento do BIS/CPMI mostra um declínio plurianual nas relações correspondentes (2011-2022) em muitos corredores, com as jurisdições africanas entre as que sofrem pressão; o FMI também destaca impactos desproporcionais para os Estados pequenos e frágeis.<sup>119</sup> No entanto, o financiamento comercial continua a ser um dos ativos de crédito mais seguros. Os dados do ICC Trade Register continuam a mostrar taxas de incumprimento muito baixas: da ordem dos 0,01-0,10% para cartas d'ência de crédito e ~0,18-0,36% para empréstimos de importação/exportação, com elevadas recuperações, o que demonstra que uma partilha de riscos bem estruturada pode expandir a oferta de forma responsável.<sup>120</sup>

As instituições multilaterais estão a aumentar o apoio, mas as lacunas persistem. O Programa Global de Financiamento do Comércio da IFC forneceu US\$ 120 bilhões em garantias ao longo de 20 anos, com cerca de 40% da atividade na África, ajudando os bancos locais a aceder a capacidade de confirmação e prazos mais longos. Novas facilidades de risco compartilhado (por exemplo, o programa IFC-HSBC de US\$ 1 bilhão) destacam a oportunidade de mobilizar mais balanços privados para o comércio africano.<sup>122</sup>



## Conclusão principal

O défice de financiamento comercial de África, de 80 a 100 mil milhões de dólares americanos por ano, não só está a limitar o comércio, como também a suprimir o PIB e o potencial de exportação. Colmatar este défice poderia aumentar o comércio regional em até 16%, mas o sucesso depende da partilha de riscos, de inovações em matéria de conformidade e da mobilização da liquidez interna para o financiamento transfronteiriço.

<sup>119</sup> BIS/CPMI. Correspondent Banking Chartpack (2011–2022). May 2023 (SWIFT data)

<sup>120</sup> IFC & WTO. Trade Finance in West Africa: A Study of Côte d'Ivoire, Ghana, Nigeria, and Senegal. Oct. 2022.

<sup>121</sup> International Finance Corporation. "Global Trade Finance Program (GTFP)." Updated Mar. 2025

<sup>122</sup> Reuters. "HSBC, World Bank's IFC launch \$1 bln trade finance programme for emerging markets." Dec. 12, 2024.

### 3.2 Facilitação do comércio da AfCFTA

A Zona de Comércio Livre Continental Africana (AfCFTA) é uma virada de jogo para o comércio regional e o financiamento comercial. O objetivo é eliminar as tarifas sobre 90% dos produtos, conectando um mercado de 1,3 bilhão de pessoas com um PIB combinado de US\$ 3,4 trilhões.<sup>123</sup> As estimativas sugerem que a implementação total poderia impulsionar o comércio intra-africano em cerca de 40%, com alguns modelos indicando um aumento de 16% (≈16 mil milhões de dólares) quando os cortes tarifários são combinados com reformas de facilitação do comércio.<sup>124</sup> O Banco Mundial projeta que ajudar na redução das barreiras tarifárias e não tarifárias poderia se traduzir em 450 mil milhões de dólares em ganhos de renda e tirar 30 milhões de africanos da pobreza até 2035.<sup>125</sup>

Além disso, a implementação da AfCFTA está associada a benefícios de crescimento em todo o sistema: o Banco Mundial prevê que ela poderia aumentar as exportações totais de África em 32% e impulsionar o investimento estrangeiro direto em 111-159% até 2035, especialmente ao permitir a escala industrial e aumentar a competitividade.<sup>126</sup> Em um cenário, um aumento de US\$ 560 bilhões nas exportações ligadas à manufatura e à criação de empregos para os impactos mais profundos e de longo prazo da integração regional.<sup>127</sup>

No entanto, estas previsões otimistas dependem da disponibilidade de financiamento comercial robusto. Sem instrumentos financeiros como cartas de crédito, garantias, SCF e soluções transfronteiriças de capital de giro, as empresas, especialmente as PME e os exportadores, não terão as ferramentas necessárias para expandir-se para novos mercados. Este aumento na procura exige que os bancos africanos ampliem as suas ofertas e desenvolvam uma arquitetura financeira transfronteiriça inovadora.



#### Conclusão principal

A promessa da AfCFTA de US\$ 450 a 560 bilhões em ganhos com exportações e receitas depende de mais do que cortes tarifários; ela requer uma arquitetura financeira capaz de financiar o aumento do comércio intra-africano. O financiamento comercial, como cartas de crédito, garantias e instrumentos da cadeia de suprimentos, deve se expandir rapidamente para que a África possa converter a integração em transformação estrutural.

<sup>123</sup> World Bank. "Making the most of the African Continental Free Trade Area." June 30, 2022.

<sup>124</sup> IMF staff analysis. Quantitative assessment of 90% tariff elimination: intraregional trade boost ~16%, ~US\$16 billion

<sup>125</sup> World Bank. Making the Most of the African Continental Free Trade Area: Leveraging Trade and Foreign Direct Investment to Boost Growth and Reduce Poverty. June 30, 2022.

<sup>126</sup> Brookings Institute. The future of African trade in the AfCFTA era. February 2024

<sup>127</sup> Analysis of the effects of the African Continental Free Trade Area (AfCFTA) on the labor market in the Central African Economic and Monetary Community (CEMAC) IM Yaya. International Journal of Manpower. April 2025.

### 3.3 Transformação do financiamento comercial digital

As plataformas digitais estão a tornar-se rapidamente a infraestrutura da revolução do financiamento comercial em África, e o PAPSS (Sistema Pan-Africano de Pagamentos e Liquidações) está na vanguarda.

#### PAPSS: Construindo a espinha dorsal da liquidação digital

O PAPSS, conforme mencionado acima, é um sistema de liquidação bruta em tempo real (RTGS) para o comércio transfronteiriço em moedas locais africanas, contornando os dispendiosos corredores do dólar. Em poucos anos, foi integrado a 15 bancos centrais e 150 bancos comerciais e agora está ativo em vários corredores.<sup>128</sup> A África deve economizar cerca de US\$ 5 bilhões anualmente em conversão de moeda forte e custos de transação. Nos sistemas bancários correspondentes, um comércio intracontinental de US\$ 200 milhões pode custar de 10 a 30% para ser liquidado, o que cai para cerca de 1% através do PAPSS.<sup>129</sup>

#### PACM: Resolvendo os atritos de liquidez e moeda

Em meados de 2025, o PAPSS introduziu o African Currency Marketplace (PACM), desenvolvido pela Interstellar. O PACM permite a troca ponto a ponto de moedas africanas em tempo real, baseada em livros de ordens, libertando milhares de milhões em «capital retido» (por exemplo, vendas de bilhetes que as companhias aéreas têm dificuldade em repatriar). Os primeiros a adotar, incluindo a Kenya Airways e empresas de resseguros, já começaram a fazer liquidações em moedas locais, facilitando a liquidez e reduzindo drasticamente os atrasos nas liquidações.<sup>130</sup>

#### A Ponte Digital Sul-Sul: Integrando PAPSS e Buna

A transformação digital do financiamento do comércio não se limita a África.

Uma iniciativa paralela e igualmente ambiciosa está a ser desenvolvida no mundo árabe com a plataforma de pagamentos Buna, operada pelo Fundo Monetário Árabe. Tal como o PAPSS, o Buna é um sistema de pagamentos transfronteiriços multimoeda concebido para promover o comércio regional e reduzir a dependência do dólar americano para liquidação. A visão da plataforma é tornar as transações transfronteiriças tão simples, eficientes e seguras como os pagamentos domésticos, eliminando assim uma barreira estrutural significativa ao comércio intra-regional.<sup>131</sup>

Uma pedra angular desta visão é a promoção estratégica das moedas regionais. Ao permitir a compensação e liquidação diretas em moedas como o dirham dos Emirados, o riyal saudita, a libra egípcia e o dinar jordaniano.

Reconhecendo o imenso potencial de um corredor comercial digital unificado, a PAPSS e a Buna assinaram um Memorando de Entendimento para criar um gateway de pagamentos entre África e a região árabe.<sup>132</sup> Esta colaboração histórica estabelecerá a interoperabilidade entre os dois sistemas, permitindo transações fluidas, de baixo custo e seguras em moedas locais para empresas e bancos em ambas as regiões.

<sup>128</sup> Reuters. Africa pioneer's non-dollar payments systems. June 2025

<sup>129</sup> FinTech Futures. PAPSS to save Africa over \$5 billion annually. Jan. 2022.

<sup>130</sup> Afreximbank Press Release. PAPSS African Currency Marketplace launches, eliminating \$5 billion trade bottleneck. Jul. 2025.

<sup>131</sup> Arab Monetary Fund, Buna Real-Time Gross Settlement Overview, The Asian Banker, November 2023; "Banks Go Live on Buna's PvP Service," AMF, November 2023; Overview of Buna Across the Middle East and Africa, The Fintech Times, 2024.

<sup>132</sup> PAPSS, "PAPSS Announces Collaboration with Buna to Build a Payment Gateway Between Africa and the Arab Region," Press Release, April 26, 2022.

**FIGURA 17:** O Impacto do Sistema Pan-Africano de Pagamentos e Liquidação

	Antes do PAPSS	Depois do PAPSS
✓ Acessibilidade	Fronteiras financeiras e redução de volumes em pagamentos	Sistemas de pagamento integrados para a integração econômica
🏛️ Liquidez	Demanda por moeda estrangeira	Pagamentos intra-africanos domesticados e redução dos requisitos de liquidez dos bancos comerciais para pagamentos transfronteiriços
฿ Custo	Dependência de redes de bancos correspondentes e fatores externos, aumentando os custos de	Pagamentos transfronteiriços instantâneos em moedas locais africanas, o que, por sua vez, economizará US\$ 5 bilhões em custos anuais de transações
⌚ Velocidade	Atrasos nos pagamentos transfronteiriços em todo o	Transações para serem concluídas em menos de 120 segundos
👎 Indigeneidade	O comércio intra-africano representa apenas 16% do comércio total da África	Aumento nas compras de produtos fabricados na África por consumidores africanos
👁️ Confiança	Falta de confiança	Maior proteção para compradores e vendedores
❤️ Valor	Desvalorização da moeda	Aumento do valor das moedas africanas
⚙️ Procedimentos	Sistemas de pagamento regionais dispares	Procedimentos de KYC e AML harmonizados

**FONTE:** Análise FXC Intelligence, Sistema Pan-Africano de Pagamentos e Liquidações

A integração da PAPSS e da Buna representa um momento crucial no comércio Sul-Sul. Ao criar um balcão único para pagamentos inter-regionais, esta parceria irá:

- Reduzir os custos de transação e os tempos de liquidação para o comércio.
- Aumentar a liquidez, permitindo a liquidação direta em moedas locais.
- Fortalecer os laços económicos e promover novas relações comerciais entre as duas regiões.
- Oferecer uma alternativa poderosa às redes bancárias correspondentes tradicionais, dando às empresas africanas e árabes maior controlo sobre as suas transações financeiras.

No entanto, uma diferença arquitetónica fundamental na fase inicial do PAPSS é a sua dependência do dólar americano como moeda de compensação e liquidação, o que limita a sua capacidade de eliminar totalmente o risco de flutuações cambiais externas. Isto contrasta com o modelo da Buna, que foi concebido desde o início para liquidar em várias moedas regionais e internacionais.

O memorando de entendimento estratégico assinado entre a Buna e a PAPSS é, portanto, um passo significativo, criando uma ponte potencial entre estes dois grandes blocos regionais e facilitando a interoperabilidade e a partilha de conhecimentos no futuro.

<sup>132</sup> PAPSS, "PAPSS Announces Collaboration with Buna to Build a Payment Gateway Between Africa and the Arab Region," Press Release, April 26, 2022.

**TABELA 3:** Comparação entre Buna e PAPSS – Gateway de Pagamento

Característica	Buna (Sistema de Pagamento Regional Árabe)	PAPSS (Sistema Pan-Africano de Pagamento e Liquidação)
Governação	Fundo Monetário Árabe (via ARPCSO) (Banco de Pagamentos Internacionais).	Banco Africano de Importação e Exportação (Afreximbank) em parceria com a União Africana (Wikipedia).
Modelo	Plataforma RTGS centralizada.	RTGS centralizado concebido para a liquidação transfronteiriça em moeda local (Wikipedia).
Moedas de Liquidação	AED, SAR, EGP, JOD, USD, EUR (The Fintech Times, Payment Components).	Múltiplas moedas locais africanas; compensadas através dos bancos centrais locais com liquidação líquida em conta no banco central (Wikipedia).
Serviços Principais	RTGS, pagamentos instantâneos, compensação multimoeda (The Asian Banker, Payment Components).	Liquidação transfronteiriça em tempo real em moedas locais, encaminhamento de liquidação de bancos locais, liquidação líquida através de bancos centrais (Wikipedia).
Interoperabilidade	Memorandos de Entendimento (MoUs) com PAPSS, NPCI Índia, integração Mastercard (PAPSS, PYMNTS. com).	Memorando de Entendimento (MoU) com o Buna e expansão entre os bancos centrais e bancos comerciais africanos (PAPSS, Wikipedia).
Funcionalidades de Conformidade	Monitorização integrada de AML/CFT e sanções (PYMNTS.com, <a href="https://www.google.com/search?q=vixio.com">https://www.google.com/search?q=vixio.com</a> ).	Validação central pelos sistemas bancários; supervisão reforçada através da visibilidade do banco central (International Bar Association, Wikipedia).
Estrutura de Liquidez	Liquidação pré-financiada via RTGS; horário de funcionamento alargado (PYMNTS.com, The Asian Banker).	Liquidação líquida entre bancos centrais com o Afreximbank como agente de liquidação; depende das reservas do banco central (Wikipedia).

### Um ecossistema mais amplo: plataformas de comércio digital

Para além da PAPSS e da Buna, plataformas como a TWIN (Trade Worldwide Information Network) utilizam tecnologias de blockchain e de registo distribuído para simplificar a documentação comercial, reduzir atrasos e diminuir custos, criando transparência digital e conectividade essenciais para o financiamento comercial escalável.<sup>133</sup>

Outras inovações incluem portais digitais de comércio único (por exemplo, Africa Trade Gateway) que unificam o desembaraço aduaneiro, KYC/due diligence (via MANSA), dados comerciais e instrumentos financeiros, construindo corredores comerciais digitais contínuos através das fronteiras.<sup>134</sup>

### Conclusão

A PAPSS e as plataformas digitais emergentes estão a redefinir o futuro do financiamento comercial de África. Ao permitir a liquidação instantânea em moeda local e poupar até 5 mil milhões de dólares americanos anualmente, elas fornecem a infraestrutura para um financiamento transfronteiriço inclusivo e de baixo custo. Esta espinha dorsal digital é a melhor oportunidade de África para ultrapassar as restrições herdadas e democratizar o comércio.

<sup>133</sup> Tony Blair Institute. The Trade Worldwide Information Network (TWIN). Oct. 2024.

<sup>134</sup> GTR Africa / Afreximbank. Summary of digital trade integration (Africa Trade Gateway, MANSA). 2023. <https://www.gtrreview.com/news/africa/africa-gets-single-portal-for-trade-services>

### 3.4 Financiamento da cadeia de abastecimento e capital de giro

O financiamento da cadeia de abastecimento (SCF) em África está a crescer rapidamente, mas a partir de uma base baixa. Entre 2021 e 2022, os mercados de SCF cresceram aproximadamente 40%, atingindo US\$ 41 bilhões, superando em muito a Ásia, com um crescimento de 28%, embora isso continue sendo uma fração dos volumes globais.<sup>135</sup> No entanto, o défice de financiamento comercial do continente ainda se situa na faixa de US\$ 80 a 120 bilhões, e as taxas de rejeição dos pedidos de financiamento comercial das PME continuam altas em muitos mercados, ressaltando a necessidade de partilha de riscos e digitalização.<sup>136</sup>

Apesar deste impulso, as PME africanas continuam a enfrentar elevadas taxas de rejeição de financiamento comercial (até 40%), o que obriga muitas delas a recorrer a alternativas dispendiosas ou a crédito informal. Estão a ser implementadas soluções para resolver esta situação, tais como os 250 mil milhões de dólares americanos da IFC em comércio e SCF a nível global ao longo de duas décadas, com grande enfoque nos mercados emergentes. Além disso, instrumentos como uma linha de financiamento comercial de US\$ 1 bilhão da IFC-HSBC direcionarão capital para mercados africanos emergentes, amortecendo as lacunas de capital de giro no comércio transfronteiriço.<sup>137</sup> A plataforma AfTRAF do Afreximbank mostra como é a escala na prática: até 2023, ela havia incorporado 513 bancos africanos e desembolsado US\$ 17,5 bilhões, contribuindo para uma redução mensurável da lacuna.<sup>138</sup>

Juntamente com infraestruturas de liquidação em tempo real, como a PAPSS, estas ferramentas reduzem os atritos de liquidação, desbloqueiam o capital de giro mais rapidamente e atraem poupanças locais para ativos comerciais de curto prazo que correspondem aos mandatos institucionais.



<sup>135</sup> UNCTAD. Africa's rise as a global supply chain force. 2023.

<sup>136</sup> African Development Bank & Afreximbank. Trade Finance in Africa: Trends Over the Past Decade. 2020.

<sup>137</sup> Reuters. IFC-HSBC launch US\$1bn trade finance program. Dec. 2024.

<sup>138</sup> Afreximbank. Annual Trade Development Effectiveness Report 2023. July 2024.

### 3.5 Financiamento de commodities: alavancando a vantagem dos recursos da África

As economias africanas continuam significativamente dependentes das exportações de commodities, mas o investimento em infraestruturas ligadas às commodities continua a diminuir, limitando as oportunidades de valorização e avanço da cadeia de exportação.

Análises recentes indicam que a diminuição da disponibilidade de financiamento de projetos está a exacerbar essa dependência, limitando a capacidade de África de ir além das exportações de matérias-primas.<sup>139</sup> A escala do risco no comércio de commodities reflete-se em instituições especializadas como a African Trade and Investment Development Insurance (ATIDI), que já segurou mais de US\$ 88 bilhões em commodities e riscos políticos desde a sua criação, demonstrando uma demanda substancial por mitigação de riscos neste setor.<sup>140</sup>

As bolsas de commodities fornecem poderosas ferramentas de transformação estrutural. A Bolsa de Commodities da Etiópia (ECX) exemplifica esse potencial, tendo revolucionado o comércio de café por meio de sistemas de liquidação T+1, mecanismos de transparéncia de preços e acesso ao mercado digital para 2,4 milhões de pequenos agricultores. Isso demonstra como mercados estruturados podem simultaneamente aumentar a liquidez, melhorar a descoberta de preços e expandir a inclusão.<sup>141</sup>

Modelos semelhantes em outros setores de commodities africanos poderiam gerar um valor significativo, reduzindo a dependência de mecanismos internacionais de preços voláteis e melhorando a renda dos pequenos agricultores por meio do acesso direto ao mercado.



<sup>139</sup> Global Trade Review (GTR). "Is project finance in Africa in decline?" Feature analysis, 2023.

<sup>140</sup> African Business. "ATI rebrands to ATIDI to reflect expanding African operations," May 1, 2024 (cumulative supported trade & investment > US\$88 billion).

<sup>141</sup> UN Trade & Development (UNCTAD). "Africa's \$3.4 trillion opportunity: Turning vulnerabilities into resilience," Feb. 10, 2025

### 3.6 Democratização do comércio das PME

As pequenas e médias empresas representam a espinha dorsal das economias africanas, sendo responsáveis por aproximadamente 80% do emprego no setor privado em muitos mercados, mas as restrições financeiras persistentes limitam a sua capacidade de expansão transfronteiriça.

A última análise da UNCTAD sobre o desenvolvimento económico em África revela que cerca de um terço das empresas africanas identificam o acesso limitado a instrumentos financeiros como um grande obstáculo à expansão.<sup>142</sup>

Nos mercados da CEDEAO, o financiamento do comércio cobriu apenas 25% do comércio de mercadorias em 2021, indicando uma margem significativa para o financiamento baseado em recebíveis, factoring e plataformas de partilha de risco destinadas a PME e empresas de média capitalização.<sup>143</sup>

A perspetiva da inclusão digital é importante: o Inquérito sobre Acesso Financeiro do FMI documenta a rápida adoção do dinheiro móvel e das redes de agentes, o que reduz os custos de integração e permite modelos de avaliação de crédito baseados em dados. A integração destes canais digitais com processos padronizados de conhecimento do cliente, sistemas de faturação digital e mecanismos de garantia de carteira pode aumentar significativamente a participação das PME nas cadeias de valor regionais, especialmente à medida que a implementação da AfCFTA acelera as oportunidades de comércio transfronteiriço.



<sup>142</sup> UNCTAD. Economic Development in Africa Report 2024 (Overview). 2025

<sup>143</sup> International Finance Corporation. Trade Finance in West Africa. 2022

### 3.7 Revolucionar a infraestrutura de liquidação para reduzir a dependência do dólar americano

Para além dos sistemas de pagamento, África está a desenvolver uma infraestrutura monetária abrangente que aborda as bases estruturais da dependência do dólar americano, criando simultaneamente caminhos para uma verdadeira soberania financeira.

As 42 moedas do continente representam atualmente tanto a diversidade monetária de África como o seu desafio fundamental. Ao contrário de regiões com moedas dominantes — o euro na Europa ou o papel do iene na Ásia Oriental —, África carece de âncoras monetárias que possam facilitar o comércio regional eficiente sem requisitos de conversão externa.

#### Integração do mercado de capitais regional

As bolsas de valores africanas são pioneiras em iniciativas de listagem cruzada e plataformas de negociação integradas que permitem uma alocação eficiente de capital além-fronteiras. A integração da Bolsa de Valores de Casablanca com os mercados da África Ocidental, combinada com a expansão da Bolsa de Valores de Joanesburgo para a África Oriental, cria mercados secundários líquidos para títulos de infraestrutura e títulos corporativos.<sup>144</sup>

Esses desenvolvimentos permitem que fundos de pensão e seguradoras diversifiquem seus investimentos nos mercados africanos, mantendo a conformidade regulatória e resolvendo o desequilíbrio entre ativos e passivos discutido anteriormente. Os fundos de pensão da Nigéria, que administraram mais de US\$ 35 bilhões em ativos, agora podem aplicar capital de forma eficiente nos mercados da CEDEAO por meio de estruturas regulatórias padronizadas.

#### Inovação em moeda digital do banco central

As iniciativas de moeda digital do banco central (CBDC) representam o caminho mais promissor da África para a independência monetária. Mais de 75% dos países da África Subsaariana estão envolvidos em pesquisas ou atividades-piloto de CBDC, com o eNaira da Nigéria liderando a implementação prática.<sup>145</sup> Ao contrário dos sistemas de pagamento tradicionais, que ainda exigem conversão de moeda subjacente, as CBDCs permitem a liquidação direta entre pares entre moedas africanas, sem a necessidade de moeda forte intermediária.

O projeto-piloto do cedi digital do Gana, lançado em parceria com o Banco do Gana, demonstra como as CBDCs podem integrar-se à infraestrutura móvel de dinheiro existente para criar uma liquidação transfronteiriça sem interrupções. O Projeto Khokha 2 da África do Sul explora aplicações CBDC por grosso para liquidação interbancária, enquanto a iniciativa da libra digital do Egito visa a integração com corredores de pagamento regionais.<sup>146</sup>

#### Desenvolvimento da União Monetária Regional

A moeda ECO da África Ocidental, com lançamento confirmado para julho de 2027, criará a integração monetária mais ambiciosa de África desde a independência. Atendendo a mais de 400 milhões de pessoas em 11 países da CEDEAO, a ECO representa uma mudança fundamental dos acordos monetários bilaterais para uma união monetária abrangente.<sup>147</sup>

<sup>144</sup> African Securities Exchanges Association. Regional Integration Progress Report 2024.

<sup>145</sup> IMF eLibrary. "Central Bank Digital Currency and Other Digital Payments in Sub-Saharan Africa: A Regional Survey," FinTech Notes, 2024.

<sup>146</sup> African Development Bank. "Digital Currency Innovation Across Africa," 2024.

<sup>147</sup> World Economic Forum. "How the Ecozone, a Common Currency, Could Help West Africa," March 2025.

Esta integração vai além da unificação monetária, abrangendo quadros fiscais coordenados, regulamentações bancárias harmonizadas e mercados de capitais integrados. O Instituto Monetário da África Ocidental (WAMI) estabeleceu critérios de convergência, incluindo metas de inflação abaixo de 5%, déficits fiscais inferiores a 4% do PIB e financiamento do banco central dos déficits governamentais limitado a 10% das receitas fiscais do ano anterior.

O Banco Central Africano, cuja criação está prevista para 2028-2034 ao abrigo dos protocolos da União Africana, proporcionaria a coordenação monetária continental, preservando simultaneamente os acordos monetários regionais.<sup>148</sup> Esta instituição funcionaria de forma diferente dos bancos centrais tradicionais, centrando-se na coordenação em vez da implementação direta da política monetária.

### **Inovação na banca comercial**

Os bancos africanos também estão a desenvolver operações de tesouraria sofisticadas que reduzem a dependência estrutural do dólar americano. As operações de tesouraria continentais do UBA demonstram como as instituições pan-africanas podem gerir exposições multimoedas, ao mesmo tempo que fornecem aos clientes soluções de cobertura que reduzem a dependência do dólar. Estas capacidades permitem que grandes empresas realizem negócios intra-africanos em moedas locais, mantendo padrões adequados de gestão de risco.

### **Impacto económico e cronograma**

Uma maior integração monetária poderia gerar 450 mil milhões de dólares em ganhos de rendimento até 2035, representando um aumento real de 7% no rendimento, o que tiraria 30 milhões de pessoas da pobreza extrema, enquanto as exportações de manufaturados dentro de África poderiam aumentar 110% através da redução dos custos de transação.<sup>149</sup> Até 2030, as uniões monetárias regionais integradas que operam sob estruturas continentais coordenadas criariam infraestruturas para a soberania monetária que permitiriam um envolvimento global mais estratégico, preservando ao mesmo tempo o espaço para políticas internas.



<sup>148</sup> African Union. "AU Financial Institutions Development Timeline," 2024.

<sup>149</sup> African Union. "AfCFTA Economic Impact Assessment," 2024.

### 3.8 Futuro do financiamento do comércio africano

Três mudanças transformacionais definirão a próxima década do financiamento do comércio africano:

- **Padrões de documentação digital.** A adoção da Lei Modelo da UNCITRAL sobre Registos Transferíveis Eletrónicos (MLETR) permitirá que conhecimentos de embarque, notas promissórias e recibos de armazém operem nativamente em formato digital, reduzindo os riscos de fraude e acelerando a liquidação. A Iniciativa de Padrões Digitais da ICC está a harmonizar os dados em mais de 30 documentos comerciais essenciais, enquanto pesquisas da ONU demonstram que medidas de comércio sem papel podem reduzir os custos médios do comércio em 14%.<sup>150</sup>
- **Infraestrutura de pagamento integrada.** Os sistemas de liquidação em tempo real eliminarão os atritos cambiais e bancários correspondentes. A implementação total de sistemas de pagamento continentais pode economizar mais de US\$ 5 bilhões anualmente, melhorando a economia das transações transfronteiriças de pequeno valor.<sup>151</sup>
- **Distribuição de risco aprimorada.** Aumentar a capacidade de seguro de crédito, securitizar ativos comerciais diversificados e expandir a partilha de riscos das instituições financeiras de desenvolvimento irá reciclar a capacidade do balanço patrimonial e apoiar soluções em moeda local. O Programa de Financiamento do Comércio Global da IFC forneceu US\$ 120 bilhões em garantias ao longo de 20 anos, com participação significativa da África, enquanto o Programa de Liquidez do Comércio Global apoiou mais de US\$ 80 bilhões globalmente.<sup>152</sup>

#### Conclusão principal

A transformação do financiamento comercial de África é essencial para o sucesso da AfCFTA, a inclusão das PME e o avanço do comércio digital. A concretização requer o aumento coordenado dos mecanismos de partilha de riscos, da infraestrutura de liquidação digital e do financiamento da cadeia de abastecimento, garantindo simultaneamente o acesso inclusivo das pequenas e médias empresas em todos os mercados regionais.

<sup>150</sup> ICC Digital Standards Initiative (web hub, 2023–25); United Nations Global Survey on Digital & Sustainable Trade Facilitation 2023

<sup>151</sup> Afreximbank/PAPSS releases (2022–2025)

<sup>152</sup> International Finance Corporation. Global Trade Finance Program Performance Reports, 2024.



## Financiamento de infraestruturas e integração transfronteiriça



**África está à beira de uma era económica transformadora, mas enfrenta um paradoxo persistente: um continente com imenso potencial económico limitado por um défice significativo de infraestruturas.**

Durante décadas, esta lacuna, estimada pelo Banco Africano de Desenvolvimento, exigiu um financiamento anual estimado entre 80 e 100 mil milhões de dólares.<sup>153</sup> No entanto, este desafio foi reformulado pela AfCTFA, que transforma as infraestruturas de uma preocupação de desenvolvimento interno num hardware essencial para a integração continental.

A visão de um mercado integrado e sem fronteiras de mais de 1,3 mil milhões de pessoas, concebido para impulsionar o comércio intra-africano dos atuais 13-16% para níveis próximos dos da Ásia (60%) e da Europa (70%), depende fundamentalmente de redes energéticas modernas e interligadas, corredores de transporte eficientes e redes digitais robustas. Esta transformação está a ser liderada por instituições financeiras africanas que evoluíram de recetores passivos de financiamento ao desenvolvimento

para arquitetos ativos da integração económica continental.

O United Bank for Africa exemplifica essa evolução por meio de parcerias estratégicas que mobilizam capital nacional e internacional: mais de US\$ 400 milhões comprometidos com o projeto transformador Julius Nyerere Hydropower Project, na Tanzânia, participação na histórica sindicalização da Dangote Refinery, no valor de US\$ 4 bilhões, e US\$ 135,5 milhões investidos na infraestrutura continental dos Camarões. Estas transações demonstram que o défice anual de financiamento de infraestruturas de 402,2 mil milhões de dólares em África pode ser sistematicamente resolvido através da mobilização de capital nacional, modelos de parceria inovadores e intermediação financeira sofisticada.

<sup>153</sup> African Development Bank. (n.d.). Current challenges. African Development Bank - Annual Meetings.

## 4.1 Uma nova arquitetura financeira para um continente unido

A criação da AfCFTA gerou uma forte procura por uma nova classe de projetos de infraestruturas transfronteiriças que anteriormente careciam de uma lógica comercial convincente em todo o continente.

Historicamente, a viabilidade de grandes infraestruturas era avaliada principalmente através da lente dos retornos económicos nacionais, como a ligação de uma mina doméstica a um porto nacional. A AfCFTA altera este cálculo ao criar um quadro jurídico e económico que torna o comércio transfronteiriço mais previsível e lucrativo.

Esta nova rentabilidade, por sua vez, incentiva e justifica o investimento em infraestruturas explicitamente concebidas para facilitar este comércio. Consequentemente, a AfCFTA funciona não apenas como um acordo comercial, mas como um poderoso catalisador para reorientar as prioridades de investimento para ativos de infraestrutura que geram benefícios regionais. Esta dinâmica revela uma interdependência crítica: o sucesso da integração financeira está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento de infraestruturas físicas e digitais. O continente fez avanços notáveis na criação de uma arquitetura

financeira, exemplificada pelo PAPSS. Este sistema ajuda a resolver o atrito de pagamentos no comércio transfronteiriço, permitindo a liquidação em moedas locais.<sup>154</sup>

No entanto, um pagamento sem interrupções tem utilidade limitada se os bens subjacentes não puderem circular eficientemente através das fronteiras. Se o comércio digital for prejudicado por uma conectividade pouco fiável ou se a produção industrial for limitada por um fornecimento de energia instável.

Os ganhos de eficiência decorrentes de liquidações financeiras quase instantâneas podem ser facilmente anulados por gargalos logísticos num porto congestionado, uma estrada em mau estado ou um posto alfandegário com infraestrutura digital deficiente. Esta relação simbiótica diz que a infraestrutura financeira e a infraestrutura física devem ser desenvolvidas em paralelo. O progresso num domínio cria um caso de negócios convincente para o investimento no outro, estabelecendo um ciclo virtuoso em que os mercados integrados e a infraestrutura que os serve crescem em conjunto.

## O aprofundamento dos mercados de capitais africanos

Juntamente com o setor bancário, os mercados de capitais africanos representam uma vasta reserva de capital de longo prazo para o financiamento de infraestruturas, embora historicamente subutilizada. Felizmente, a integração do mercado de capitais africano acelerou drasticamente, criando uma capacidade substancial de financiamento interno para investimentos em infraestruturas.

<sup>154</sup> Pan-African payment and settlement system. (2022, May 11). International Trade Administration | Trade.gov.



A Associação Africana de Bolsas de Valores (ASEA) engloba 29 bolsas com capitalização de mercado combinada de aproximadamente US\$ 2 trilhões, embora o panorama continue dominado por grandes centros, incluindo a Bolsa de Valores de Joanesburgo (capitalização de mercado de US\$ 1,2 trilhão) e mercados emergentes que demonstram crescente sofisticação.<sup>155</sup>

Um desafio estrutural persistente em muitas das bolsas do continente é a baixa liquidez. O rácio de rotação, que mede o valor das ações negociadas como uma percentagem da capitalização de mercado, continua baixo em muitas jurisdições, indicando que as ações não são negociadas com frequência.<sup>156</sup>

Um instantâneo da atividade do mercado em 2 de setembro de 2025 ilustra essa diversidade: a Bolsa de Valores de Nairobi (NSE) negociou 67,2 milhões de ações de uma capitalização de mercado de 2,76 trilhões de xelins quenianos, e a Bolsa de Valores de Gana (GSE) negociou 2,76 milhões de ações de uma capitalização de mercado de 149,3 bilhões de cedis ganenses.<sup>157</sup> Em contrapartida, a JSE apresenta uma

liquidez muito maior, com uma única ação blue chip como a Absa Group a negociar mais de 1,5 milhões de ações num dia normal.<sup>158</sup>

Apesar destes desafios, o potencial inexplorado é imenso. Mobilizar o capital institucional doméstico — proveniente dos fundos de pensões, seguradoras e fundos soberanos em rápido crescimento do continente — através dos mercados locais de obrigações e ações é a chave para desbloquear uma fonte sustentável de financiamento para infraestruturas.

Esta abordagem oferece uma solução poderosa para um dos riscos mais significativos no financiamento de infraestruturas: o desfasamento cambial. Ao angariar capital de longo prazo em moedas locais para financiar projetos que geram receitas nessas mesmas moedas, os países podem isolar as suas infraestruturas críticas da volatilidade das taxas de câmbio globais, uma importante fonte de dificuldades financeiras para projetos financiados com dívida denominada em moeda estrangeira. O desenvolvimento e a integração contínuos desses mercados de capitais, portanto,

<sup>155</sup> OBG African Stock Exchanges Focus Report,” in collaboration with the African Securities Exchanges Association (ASEA), African Stock Exchanges Focus Report (July 2022)

<sup>156</sup> Charles Amo Yartey and Charles Komla Adjasi, Stock Market Development in Sub-Saharan Africa: Critical Issues and Challenges, IMF Working Paper No. WP/07/209

<sup>157</sup> Market Statistics - Data Services. (2022, January 15). Data Services. <https://www.nse.co.ke/dataservices/market-statistics/>

<sup>158</sup> Johannesburg Stock Exchange. (n.d.). JSE | leading stock market and exchange in Africa. JSE Chatbot. <https://www.jse.co.za/>

continuam sendo uma prioridade estratégica fundamental para alcançar estabilidade financeira de longo prazo e autossuficiência no desenvolvimento de infraestruturas. A sinergia entre bancos comerciais pan-africanos, IFDs continentais como o Afreximbank e empresas estatais nacionais de destaque como a NNPC está a criar um modelo poderoso para as finanças africanas.

O acordo da Refinaria Dangote ilustra perfeitamente essa convergência: o Afreximbank reduziu o risco do projeto e liderou a sindicação, os bancos comerciais forneceram a maior parte da dívida e a NNPC forneceu apoio estratégico em termos de capital e liquidez.<sup>159</sup> Essa estrutura colaborativa, que aproveita os pontos fortes exclusivos de cada tipo de instituição, está a se tornar um modelo repetível para a execução dos projetos de desenvolvimento mais ambiciosos da África.

#### **4.2 O papel dos bancos africanos: de financiadores a parceiros de desenvolvimento**

A ambiciosa agenda de financiamento da integração africana está a ser impulsionada por um grupo de poderosos atores institucionais. Estes arquitetos, que abrangem bancos comerciais pan-africanos, instituições financeiras de desenvolvimento (IFD) continentais e empresas estatais (EE) cada vez mais capazes, estão a fornecer o capital, as plataformas e a visão estratégica necessários para construir um continente mais soberano e interligado em termos financeiros. A sua sinergia está a tornar-se a força dominante na estruturação e execução dos megaprojetos que definem esta nova era.

No centro desta transformação está o surgimento de grupos bancários comerciais verdadeiramente pan-africanos com escala, proeza digital e presença no terreno para financiar a economia real em várias jurisdições. O United Bank for Africa (UBA) é um exemplo por excelência desta tendência. A sua rede expansiva opera em 24 países — 20 em África e em centros financeiros globais importantes, incluindo os Estados Unidos, o Reino Unido, a França e os Emirados Árabes Unidos. Esta presença permite ao banco servir uma base de clientes enorme e em crescimento, com mais de 45 milhões de pessoas e empresas, através de mais de 1000 agências e pontos de contacto com os clientes.

A transformação digital do UBA tem sido um poderoso motor de crescimento, expandindo a sua base de clientes digitais para mais de 32,6 milhões e impulsionando um aumento de 91,9% na receita digital em relação ao ano anterior, para ₦253,0 mil milhões em 2024. Ao mobilizar depósitos de milhões de clientes, o UBA reforça a sua capacidade de financiar grandes projetos, como o Projeto Hidroelétrico Julius Nyerere, e de prestar serviços em todo o continente, como o AfriCash. O impulso digital cria um ciclo virtuoso: uma inclusão financeira mais profunda expande a base de depósitos, o que, por sua vez, alimenta a transformação industrial e infraestrutural de África.<sup>160</sup>

Outros bancos africanos líderes estão a seguir estratégias que complementam o desenvolvimento financeiro mais amplo do continente. O Ecobank, com a sua presença pan-africana, está a apostar no crescimento das fintech e das PME. As suas iniciativas

<sup>159</sup> Musumba, V. (2025, August 4). AfreximBank signs US\$1.35 billion financing as lead arranger in USD 4 billion syndicated facility to refinance Dangote Refinery Construction - African Export-Import Bank. African Export-Import Bank.

<sup>160</sup> United Bank for Africa Plc, FY 2024 Results Presentation, 27 March 2025,

incluem parcerias como a Google Cloud<sup>161</sup> para promover a banca digital impulsionada pela IA e uma linha de crédito de 100 milhões de euros do Banco Europeu de Investimento para expandir o apoio às PME. Entretanto, o plano de infraestruturas de 30 mil milhões de rands do Standard Bank para África e a sua participação em projetos como a Zona Franca de Lagos, na Nigéria, o Projeto Eólico Diaz, na Namíbia, e importantes melhorias rodoviárias no Maláui ilustram a sua capacidade de mobilizar capital significativo para ativos que permitem o crescimento.<sup>162</sup>

### **Aproveitar as parcerias para ganhar escala**

O financiamento moderno das infraestruturas africanas depende cada vez mais de modelos de parceria sofisticados que combinam o apoio político do setor público, o financiamento multilateral do desenvolvimento e a intermediação bancária comercial. Estas estruturas colaborativas aproveitam os pontos fortes complementares das instituições para criar projetos financeiráveis que servem tanto os objetivos comerciais como os de desenvolvimento.

#### **Estrutura de inovação em parcerias:**

**Excelência em parcerias público-privadas:** Os bancos africanos têm demonstrado uma forte capacidade para estruturar transações de PPP em várias jurisdições, combinando parcerias governamentais com a colaboração de instituições financeiras de desenvolvimento e a eficiência do setor privado. A sua experiência regulatória permite arquiteturas de transações complexas que atendem a diversos requisitos legais e de conformidade..

**Inovação em financiamento misto:** Participação estratégica em estruturas de financiamento misto, exemplificada pelo fundo AfCFTA SME de US\$ 6 bilhões da UBA, desenvolvido em parceria com o Secretariado da Zona de Comércio Livre Continental Africana. Esta iniciativa demonstra como instituições financeiras de desenvolvimento, bancos comerciais e investidores de impacto podem colaborar para mobilizar capital em escala sem precedentes.

**Coordenação multilateral:** Estabeleceu relações com instituições como o Banco Africano de Desenvolvimento, a Corporação Financeira Internacional e o Banco Africano de Exportação e Importação, permitindo a estruturação sofisticada de transações que aproveitam fontes de capital concessionais e comerciais.



<sup>161</sup> Ecobank. (n.d.). <https://ecobank.com/group/news-and-media/press-releases?news=20250701075641632ubq22k23xf>

<sup>162</sup> Energy and infrastructure sector. (n.d.). Standard Bank. <https://corporateandinvestment.standardbank.com/cib/global/sector/energy-and-infrastructure>

## 4.3 Evidência em ação: financiamento de corredores económicos críticos

Para compreender o panorama em evolução do financiamento de infraestruturas em África, é essencial ir além das teorias estratégicas e examinar a conceção de transações reais no terreno.

Os três estudos de caso a seguir: um catalisador industrial, um projeto regional de energia e uma iniciativa de obras públicas, ilustram os diversos modelos, atores-chave e perfis complexos de risco-recompensa que caracterizam os negócios modernos de infraestrutura em África.



**ESTUDO DE CASO 1**

**Refinaria Dangote**  
Catalisando a independência energética de África



### Visão geral do projeto

A Refinaria de Petróleo e Complexo Petroquímico Dangote, na Nigéria, é um marco da ambição industrial liderada pelo setor privado no continente.

Com uma capacidade de processamento de 650 000 barris por dia, é a maior refinaria de trem único do mundo, projetada para atingir os objetivos estratégicos de autossuficiência energética da Nigéria e estabelecer o país como um dos principais exportadores de produtos refinados em toda África. Localizada na Zona Franca de Lekki, em Lagos, a instalação de US\$ 19 bilhões começou a operar em fevereiro de 2024, posicionada para suprir 100% das necessidades domésticas da Nigéria e, ao mesmo tempo, criar um poderoso motor para o comércio intra-africano.<sup>163</sup>

### Inovação na arquitetura financeira

Os fundamentos financeiros do projeto são tão monumentais quanto a sua escala física, ilustrando um novo paradigma nas finanças lideradas pela África. Embora a construção inicial tenha sido apoiada por dívidas anteriores, uma transação recente e estrategicamente significativa destaca a maturação dos mercados financeiros do continente.

In August 2025, Dangote Industries Limited (DIL) secured an approximately \$4 billion syndicated Em agosto de 2025, a Dangote Industries Limited (DIL) garantiu uma linha de refinanciamento sindicalizada de aproximadamente US\$ 4 bilhões. O sindicato foi liderado por instituições africanas. O Afreximbank, atuando como o Mandated Lead Arranger, assumiu um compromisso de US\$ 1,35 bilhão, o maior de qualquer instituição individual, incorporando o princípio de "financiar o desenvolvimento da África a partir de dentro". A linha de crédito foi fortemente apoiada por um consórcio de bancos nigerianos, incluindo o UBA, demonstrando uma capacidade robusta de mobilização de capital interno.<sup>164</sup>

<sup>163</sup> Times, P. (2025, August 4). Afreximbank leads \$4 billion refinancing deal for Dangote Refinery with \$1.35 billion contribution. Premium Times Nigeria.

<sup>164</sup> Musumba, V. (2025, August 4). AfreximBank signs US\$1.35 billion financing as lead arranger in USD 4 billion syndicated facility to refinance Dangote Refinery Construction - African Export-Import Bank. African Export-Import Bank.

O modelo de financiamento também mostra uma dinâmica público-privada sofisticada. A Nigerian National Petroleum Company (NNPC) desempenhou um papel fundamental ao garantir um empréstimo de US\$ 1 bilhão, respaldado por seus ativos de petróleo bruto, que faziam parte de sua participação acionária no projeto. Trata-se de um modelo híbrido poderoso, no qual uma empresa estatal fornece intervenção financeira estratégica para reduzir o risco de um projeto nacional de destaque liderado pelo setor privado.

O sucesso da sindicância serve como prova da crescente capacidade do continente para estruturar, liderar e financiar a sua própria transformação industrial, ao mesmo tempo que enfrenta desafios significativos, incluindo o risco cambial.

### **Impacto no desenvolvimento e importância estratégica**

A refinaria aborda vários objetivos de desenvolvimento simultaneamente. Estima-se que ela economize até US\$ 10 bilhões em câmbio estrangeiro anualmente para a Nigéria e crie mais de 135.000 empregos permanentes. Fundamentalmente, sua capacidade de exportação apoia diretamente a estrutura da AfCFTA, construindo cadeias de valor continentais no setor de energia e reduzindo a dependência da África de produtos refinados importados.

Do ponto de vista da inovação financeira, o projeto demonstra como o capital paciente, o financiamento estruturado e as parcerias estratégicas podem mobilizar recursos em grande escala. A participação da UBA reforça um princípio fundamental do novo paradigma: financiar projetos que geram retornos comerciais e resultados de desenvolvimento mensuráveis.



**FONTE:** Benson Ibeabuchi/Bloomberg via Getty Images



## ESTUDO DE CASO 2

**Alimentando uma região:**  
 o projeto hidrelétrico Julius Nyerere

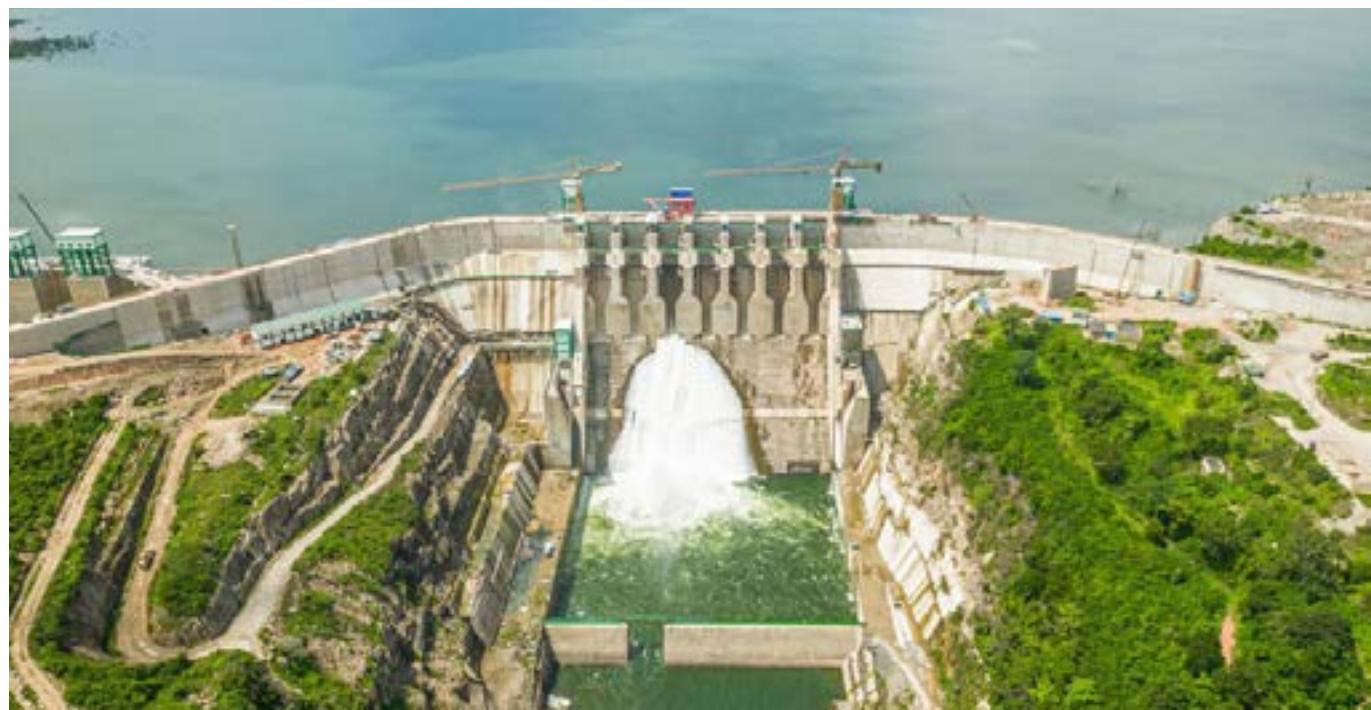
**Visão geral do projeto**

Na Tanzânia, o Projeto Hidrelétrico Julius Nyerere (JNHP) representa um esforço liderado pelo Estado para remodelar fundamentalmente o panorama energético da África Oriental.

Esta barragem hidroelétrica de 2115 megawatts no rio Rufiji é a maior central elétrica da região e a quarta maior barragem do continente. O seu objetivo principal é mais do que duplicar a capacidade instalada de eletricidade da Tanzânia, fornecendo a energia de base estável e acessível necessária para impulsionar a agenda de industrialização do país e apoiar a sua população em crescimento.<sup>165</sup>

**A infraestrutura financeira**

O financiamento deste ambicioso projeto destaca o papel fundamental que os bancos comerciais pan-africanos estão a desempenhar no financiamento de infraestruturas públicas críticas. O United Bank for Africa (UBA) emergiu como um parceiro financeiro fundamental, assumindo um compromisso substancial de mais de 400 milhões de dólares no financiamento do projeto. Isto



FONTE: The Citizen

<sup>165</sup> Ledger, E. (2025, August 22). From Dam to Development: Turning JNHP's Power into Industrial Progress. Tanzania Digest.

incluiu uma provisão inicial de 366 milhões de dólares, posteriormente complementada por um adicional de 40 milhões de dólares.<sup>166</sup>

O envolvimento do UBA foi além da provisão de capital; numa demonstração de profundo compromisso operacional, o banco estabeleceu um escritório comercial moderno e com serviços completos no local remoto do projeto para gerir as complexas necessidades financeiras dos empreiteiros, funcionários e comunidade envolvente.<sup>167</sup> Este nível de apoio por parte de um banco comercial africano foi particularmente notável, dada a relutância inicial de algumas instituições financeiras de desenvolvimento globais, como o Banco Mundial, em apoiar o projeto.

### **Impacto no desenvolvimento e importância estratégica**

O JNHP é visto não apenas como um ativo nacional, mas também como um futuro centro energético regional. O projeto hidroelétrico fornecerá eletricidade limpa a vários mercados da África Oriental, apoiando as aspirações de desenvolvimento industrial da região e contribuindo para os objetivos climáticos. O âmbito regional da instalação está alinhado com os objetivos de integração da AfCFTA e demonstra como o financiamento de infraestruturas pode criar ligações económicas além das fronteiras africanas.

A energia gerada será evacuada através de uma nova linha de transmissão de alta tensão de 400 kV, concebida para integração na rede nacional. Fundamentalmente, os planos incluem o desenvolvimento de interligações, como a linha Isinya-Singida, que ligará a rede da Tanzânia à do Quénia.

Esta infraestrutura é essencial para facilitar o comércio transfronteiriço de eletricidade dentro da Comunidade da África Oriental (EAC) e da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), posicionando a Tanzânia como um importante exportador de energia. O impacto do projeto no desenvolvimento vai além da geração de energia, incluindo a criação de empregos, o desenvolvimento de competências e a transferência de tecnologia. A estrutura de financiamento da UBA incorpora padrões ambientais e sociais que garantem resultados de desenvolvimento sustentável, mantendo a viabilidade comercial.

<sup>166</sup> UBA extends support to Nyerere Hydropower Project | Embassy of Tanzania in Tel Aviv, Israel. (n.d.).

<sup>167</sup> UBA approves additional US\$40m funding for Tanzania Hydro Power project. (2020, December 9). ConstructAfrica.



## ESTUDO DE CASO 3:

**Obras públicas e financiamento privado**

estádios AFCON dos Camarões

**Visão geral do projeto**

O financiamento da infraestrutura dos estádios da Taça das Nações Africanas (AFCON) dos Camarões representa um importante estudo de caso no desenvolvimento de infraestruturas públicas através de parcerias com bancos comerciais.<sup>168</sup>

Os projetos envolveram a construção de duas instalações de classe mundial: um estádio com 60 000 lugares em Yaoundé (o Estádio Olembe) e um estádio com 50 000 lugares em Douala (o Estádio Japoma). Este caso representa um modelo mais tradicional de empréstimos soberanos de bancos comerciais para financiar obras públicas, oferecendo lições importantes para futuras parcerias de infraestruturas.

**A infraestrutura financeira**

A estrutura de financiamento envolveu um acordo de empréstimo abrangente assinado em 2016, no qual um consórcio que incluía o UBA forneceu 48,4 mil milhões de FCFA (aproximadamente 135 milhões de dólares) ao governo camaronês.

Para o Stade Japoma em Douala (50 000 lugares), o UBA concedeu um financiamento de 95 milhões de dólares. Além disso, o UBA financiou o Estádio Yaoundé-Olembe (60 000 lugares).

A participação do UBA demonstrou várias capacidades fundamentais: avaliação do risco soberano



FONTE: MB Media/Getty Images

<sup>168</sup> Business in Cameroon, Economie, Banking, Energy, Comms, Media, Law, Insurance, Public management, Tourism. (n.d.). UBA and BGFI give loan of FCfa 48.4 billion to Cameroon, for two football stadia construction projects - Business in Cameroon. Business in Cameroon.

e fixação de preços para grandes projetos de infraestruturas públicas; financiamento complexo em várias tranches coordenado com parceiros locais e internacionais; estruturação de financiamento de projetos a longo prazo em consonância com os prazos de desenvolvimento de infraestruturas e e es e coordenação transfronteiriça com instituições e quadros regulamentares camaronenses.

A estrutura de financiamento exigiu uma compreensão sofisticada da capacidade fiscal dos Camarões, dos requisitos do torneio CAF e da importância regional mais ampla de sediar a principal competição de futebol da África.

### **Impacto no desenvolvimento e importância regional**

Os projetos dos estádios da AFCON proporcionaram resultados significativos em termos de desenvolvimento, para além do seu objetivo desportivo principal. As instalações criaram milhares de empregos na construção civil, catalisaram o desenvolvimento urbano em torno dos estádios e estabeleceram os Camarões como um centro regional para grandes eventos desportivos.

Os projetos também demonstraram a capacidade africana de fornecer infraestruturas de classe mundial que cumprem as normas internacionais dentro de prazos desafiantes.



**FONTE:** MB Media/Getty Images

## Análise comparativa dos modelos de financiamento de infraestruturas

**TABELA 4:** Análise comparativa dos modelos de financiamento de infraestruturas

Nome e localização do projeto	Objetivo estratégico	Modelo principal	Custo total/ pacote de financiamento	Principais financiadores e organizadores	Instrumentos de financiamento	Principais sucessos / Impacto potencial
Refinaria Dangote, Nigéria	Industrialização e segurança energética	Liderado pelo setor privado	Custo do projeto: cerca de 19 mil milhões de dólares; refinanciamento: cerca de 4 mil milhões de dólares	Afreximbank, NNPC, UBA, Consórcio de Bancos Africanos e Internacionais	Empréstimo sindicalizado, capital próprio, contrato de venda a prazo	Maior refinaria de África; capacidade de exportação regional; consórcio histórico liderado por África
Projeto Hidrelétrico Julius Nyerere, Tanzânia	Industrialização nacional e integração energética regional	Empresa pública	Custo do projeto de US\$ 2,9 bilhões	UBA, Governo da Tanzânia, Afreximbank, outros bancos regionais	Empréstimo para financiamento do projeto, dotação orçamental nacional	Duplica a capacidade elétrica nacional; potencial exportador de energia da África Oriental
Estádio AFCON, Camarões	Obras públicas e prestígio nacional	Soberano/ Setor público	135 milhões de dólares (estádio de Yaoundé e estádio de Douala)	UBA, BGFI Bank, Governo dos Camarões	Empréstimo soberano	Entrega de infraestruturas desportivas de classe mundial para um grande evento continental

## **Garantir a resiliência: agricultura e segurança alimentar**

A agricultura emprega 42% da força de trabalho africana, mas continua a ser 60% menos produtiva do que a média global, criando oportunidades substanciais para a inovação financeira que apoia tanto o aumento da produtividade como a segurança alimentar. Com 120 milhões de africanos a enfrentar uma grave insegurança alimentar (80% em áreas afetadas por conflitos), o financiamento agrícola representa tanto uma oportunidade comercial como um imperativo de desenvolvimento.

O setor de financiamento agrícola exemplifica como instituições financeiras africanas sofisticadas podem abordar simultaneamente oportunidades comerciais e imperativos de desenvolvimento, ao mesmo tempo que promovem a integração continental. O fundo AfCFTA SME de US\$ 6 bilhões da UBA representa mais do que a aplicação de capital, incorporando uma visão estratégica de modernização agrícola como base para a integração económica sustentável. Esta facilidade opera em 20 países, criando mecanismos de financiamento padronizados que apoiam as PME agrícolas, independentemente da sua localização geográfica dentro da rede da UBA.

Ao proporcionar acesso consistente a capital de giro, financiamento comercial e soluções de empréstimo

digital, o fundo aborda uma falha crítica do mercado: a incapacidade histórica dos pequenos agricultores e processadores agrícolas de aceder a capital paciente a taxas comerciais. O âmbito continental desta iniciativa apoia diretamente os objetivos da AfCFTA, permitindo que os produtores agrícolas participem em cadeias de valor regionais, transformando a agricultura de subsistência em empresas comerciais capazes de servir mercados africanos mais amplos.

A estratégia de financiamento agrícola exemplifica a relação simbiótica entre o desenvolvimento de infraestruturas e a integração económica. A modernização agrícola requer infraestruturas físicas, tais como sistemas de irrigação, instalações de armazenamento, fábricas de processamento e redes de transporte, ao mesmo tempo que cria uma procura económica que justifica o investimento em infraestruturas. As plataformas especializadas de financiamento agrícola apoiam, assim, o ciclo virtuoso em que as infraestruturas financeiras e o desenvolvimento físico se reforçam mutuamente, criando bases sustentáveis para a integração económica continental que servem tanto os objetivos comerciais como os de desenvolvimento.



### **Conclusão principal**

As instituições que reconhecem e agem sobre essa transformação estão construindo ativamente a arquitetura financeira que sustenta uma das transformações económicas mais significativas da história moderna, posicionando a África como líder económico global e proporcionando prosperidade sustentável para as gerações atuais e futuras.



# Além do balanço: medindo o impacto sustentável e traçando o futuro

**À medida que África traça o seu caminho rumo a uma maior integração económica, os padrões de sucesso estão a evoluir. A viabilidade financeira de um projeto já não é a única métrica do seu valor.**

Um consenso crescente entre investidores, reguladores e o público exige que as instituições financeiras vão além do balanço para medir, gerir e relatar o impacto tangível das suas atividades no desenvolvimento. Essa mudança de paradigma requer a adoção de estruturas coerentes e rigorosas que vinculem os investimentos financeiros a resultados específicos e mensuráveis nas dimensões ambiental, social e de governança (ESG).

Esta evolução reflete um reconhecimento mais amplo de que as necessidades de financiamento de infraestruturas em África não podem ser satisfeitas através de modelos bancários comerciais tradicionais, divorciados da consideração do impacto no desenvolvimento. As instituições que estão a navegar com sucesso nesta transição são aquelas capazes de demonstrar que as práticas bancárias sustentáveis melhoram, em vez de limitar, o desempenho comercial, criando vantagens competitivas sustentáveis através de uma gestão de risco superior, melhores relações com as partes interessadas e acesso preferencial a mercados de capitais orientados para o impacto.

## 5.1 Envolvimento corporativo e integração ESG

A integração ambiental, social e de governança (ESG) evoluiu de um requisito de conformidade regulatória para um diferencial competitivo fundamental nos mercados financeiros africanos. A adoção de estruturas ESG pelas instituições financeiras africanas demonstra vários níveis de sofisticação e compromisso.

Instituições líderes como a UBA demonstram que a incorporação dos princípios ESG em todas as operações e decisões de empréstimo gera retornos ajustados ao risco superiores, ao mesmo tempo que apoia resultados mensuráveis de desenvolvimento sustentável. A conquista

da UBA de uma redução de 7% nas emissões de gases de efeito estufa, ao mesmo tempo em que expandiu as suas operações, ilustra como a gestão ambiental pode complementar o crescimento dos negócios, em vez de o restringir.

Esta abordagem estratégica permite o acesso à rápida expansão dos mercados globais de obrigações verdes e dos fundos de investimento de impacto, criando fontes de financiamento diversificadas que reduzem a dependência do financiamento tradicional por depósitos, ao mesmo tempo que reforçam a resiliência institucional.

## A mudança para a medição de impacto baseada em dados

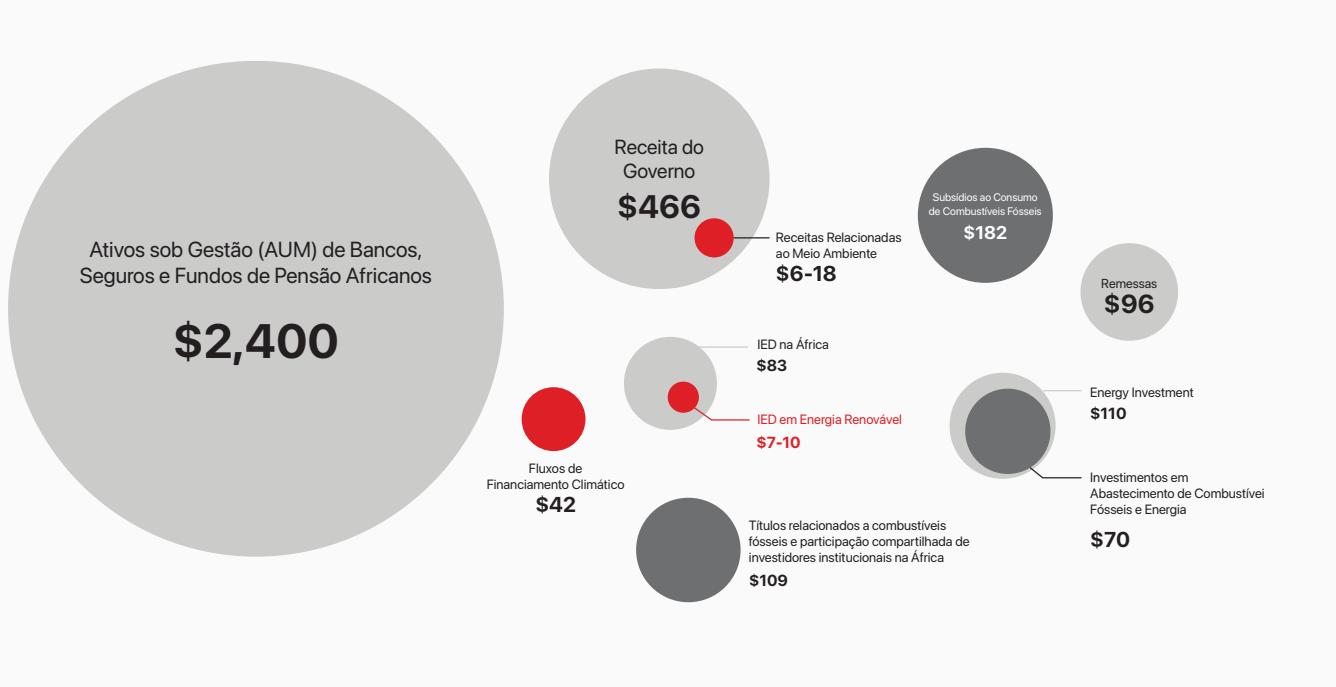
As principais instituições financeiras africanas estão na vanguarda desta mudança, desenvolvendo estruturas robustas alinhadas com normas globais, como a Global Reporting Initiative (GRI), e mandatos locais, como os Princípios Bancários Sustentáveis da Nigéria. Esta abordagem baseada em dados permite-lhes demonstrar a sua contribuição para o desenvolvimento sustentável em termos quantificáveis.

## Gestão ambiental

O panorama do financiamento climático em África apresenta oportunidades substanciais para instituições financeiras africanas sofisticadas. Os fluxos de financiamento climático para África aumentaram 48%, passando de 29,5 mil milhões de dólares em 2019/20 para 43,7 mil milhões de dólares em 2021/22, com o investimento anual a ultrapassar o limiar dos 50 mil milhões de dólares pela primeira vez em 2022.<sup>169</sup>

As características estruturais do financiamento climático africano criam vantagens comparativas específicas para as instituições financeiras continentais capazes de fazer a ponte entre as fontes de capital internacionais e as oportunidades de investimento domésticas. A quota de financiamento internacional de 87% indica requisitos substanciais de divisas e assistência técnica que favorecem as instituições locais com capacidades de parceria internacional e experiência no mercado doméstico. and technical assistance requirements that favour local institutions with international partnership capabilities and domestic market expertise.

**FIGURA 18:** Fluxos de Financiamento Climático em Contexto



**FONTE:** Iniciativa de Políticas Climáticas

<sup>169</sup> Climate Policy Initiative. (2025, September 4). Landscape of Climate Finance in Africa 2024 - CPI.CPI.

O compromisso de 35 milhões de dólares do programa SUNREF do UBA e a carteira mais ampla de financiamento de infraestruturas demonstram como os bancos pan-africanos podem alavancar parcerias internacionais de financiamento climático, ao mesmo tempo que desenvolvem a capacidade nacional para a avaliação e estruturação independentes de projetos climáticos. A presença multijurisdicional do banco permite abordagens de financiamento climático que abordam oportunidades de integração regional, tais como projetos transfronteiriços de energia renovável e infraestruturas de adaptação regional que podem ser menos acessíveis a instituições internacionais sem presença operacional no continente.

A trajetória de crescimento de 48% no financiamento climático continental sugere um impulso de desenvolvimento do mercado que cria vantagens para os bancos africanos que investem em capacidades de financiamento climático. As instituições que desenvolvem experiência em avaliação de riscos climáticos, financiamento de projetos de energia renovável e empréstimos para agricultura sustentável posicionam-se estrategicamente em mercados em rápida expansão, contribuindo ao mesmo tempo para objetivos de desenvolvimento essenciais, incluindo segurança energética, resiliência do sistema alimentar e competitividade industrial.

### **Impacto social**

Na frente social, o foco está na inclusão financeira e no empoderamento. Os principais bancos estão a aumentar drasticamente o financiamento para micro, pequenas e médias empresas (MPMEs) — a força vital da economia do continente. Estão também a implementar políticas deliberadas para aumentar a representação das mulheres na gestão sénior e a fornecer milhares de milhões de dólares em financiamento classificado como tendo um impacto

social direto.

Uma pedra angular deste compromisso é o foco na agricultura, com as instituições frequentemente a comprometerem partes das suas carteiras de empréstimos para o setor que excedem significativamente as médias da indústria, financiando cadeias de valor inteiras, desde o cultivo até ao processamento.

### **Governança e conduta ética**

Esses esforços são sustentados por princípios sólidos de governança. As melhores práticas incluem treinamento obrigatório e abrangente para todos os funcionários sobre combate ao suborno, anticorrupção e conduta ética. Fundamentalmente, a supervisão ESG está a ser elevada ao mais alto nível, com comitês dedicados do Conselho garantindo que a sustentabilidade seja integrada ao núcleo da estratégia corporativa, e não tratada como algo secundário.

Esta abordagem rigorosa à medição ESG está rapidamente a tornar-se uma fonte de vantagem competitiva significativa. Num ecossistema financeiro global em que o capital é cada vez mais alocado com base em critérios de sustentabilidade, as instituições que podem fornecer evidências credíveis e apoiadas por dados do seu impacto positivo são muito mais atraentes para as IFD internacionais, investidores de impacto e fundos socialmente conscientes.

Investir em estruturas ESG robustas está, portanto, a tornar-se uma decisão financeira estratégica que melhora o acesso a capital diversificado e paciente, fortalecendo, em última análise, a resiliência e a capacidade de longo prazo dos bancos africanos para financiar o desenvolvimento do continente.

## 5.2 Mecanismos de financiamento misto: ampliando o investimento de impacto

O mercado global de financiamento misto está a expandir-se rapidamente. Embora as estimativas variem — de US\$ 18 bilhões a US\$ 70 bilhões —, há um consenso de que a mobilização do financiamento misto está a acelerar à medida que as barreiras estruturais caem.<sup>170</sup>

Em 2023, a África atraiu US\$ 10,2 bilhões, marcando um aumento de 40% em relação ao ano anterior, o que reflete a crescente confiança dos investidores nos projetos do continente quando o risco é devidamente reduzido. Inovações em financiamento misto, como garantias de primeira perda, pagamentos baseados em resultados e estruturas de capital catalítico, reduzem os riscos percebidos e mobilizam capital comercial para mercados antes considerados inacessíveis.

Por exemplo, o SDG Loan Fund garantiu uma garantia de US\$ 25 milhões<sup>170</sup> da Fundação MacArthur, que liberou US\$ 1,1 bilhão em capital privado para investimentos alinhados aos ODS — alcançando uma alavancagem de 40:1.

Esses modelos permitem que investidores comerciais participem do financiamento do desenvolvimento, mantendo perfis de risco-retorno aceitáveis, criando fontes de financiamento sustentáveis para o desenvolvimento de infraestruturas e empresas.

### Aplicações de financiamento misto específicas do setor

O setor farmacêutico exemplifica o potencial do financiamento misto para atender às necessidades críticas de desenvolvimento e, ao mesmo tempo, criar oportunidades comerciais.

A Parceria para a Fabricação de Vacinas Africanas (PAVM) da União Africana atraiu mais de US\$ 2,3 bilhões em compromissos de parceiros internacionais, demonstrando como as estruturas políticas podem catalisar o investimento privado em setores estratégicos.<sup>171</sup> As instituições financeiras aproveitam as redes continentais para fornecer financiamento comercial, capital de giro e soluções cambiais que apoiam investimentos na fabricação de produtos farmacêuticos que atendem tanto à segurança sanitária local quanto ao desenvolvimento do mercado de exportação.

Da mesma forma, a garantia de 696 milhões de dólares do AfDB para o Corredor Ferroviário Central, no valor de 3,9 mil milhões de dólares, demonstra como o financiamento misto pode apoiar projetos de infraestruturas transformacionais que abordam múltiplos objetivos de desenvolvimento. O projeto ferroviário apoia o crescimento previsto de 28% no transporte intra-africano de mercadorias até 2030, criando simultaneamente oportunidades comerciais para instituições financeiras capazes de estruturar facilidades de financiamento de projetos complexos e de longo prazo.

<sup>170</sup> BCG. (2025, June 27). The blended finance market: An opportunity for banks. BCG Insights.

<sup>171</sup> Allianz Global Investors. (2023, November 28). SDG Loan Fund mobilizes USD1.1billion of investor capital.

<sup>172</sup> Africa CDC. (2025, February 11). Africa's progress towards sustainable local manufacturing of health products.

## 5.3 Estruturas para a banca sustentável

O desenvolvimento de quadros rigorosos para medir e comunicar o impacto da banca sustentável representa uma capacidade institucional crítica que distingue as instituições financeiras africanas líderes dos bancos comerciais tradicionais. Estes quadros devem demonstrar ligações quantificáveis entre as atividades financeiras e os resultados de desenvolvimento, mantendo simultaneamente os padrões de viabilidade comercial essenciais para a sustentabilidade institucional a longo prazo.

Cada vez mais, as instituições do setor privado africano estão a medir e a gerir ativamente a sua pegada ambiental, estabelecendo metas claras para reduzir as suas emissões operacionais de gases com efeito de estufa. Para além das suas próprias operações, estão a lançar facilidades de financiamento verde dedicadas e a alocar estrategicamente partes significativas das suas carteiras de empréstimos para apoiar as energias renováveis, a eficiência energética e o acesso a energia limpa. Por exemplo, a UBA estabeleceu um programa de financiamento verde multimilionário para acelerar a transição energética do continente.

### Conclusão principal

As instituições financeiras africanas estão a ir além das métricas estreitas de rentabilidade para adotar ESG e financiamento misto como ferramentas estratégicas centrais.

Ao incorporar a sustentabilidade na governança, mobilizar financiamento climático internacional e alavancar instrumentos mistos para reduzir o risco dos investimentos, os bancos africanos estão a posicionar-se como atores competitivos no mercado e parceiros de desenvolvimento. Esse duplo mandato de retornos comerciais e impacto mensurável oferece um caminho confiável para atrair capital global, fortalecer a resiliência institucional e financiar a transformação de longo prazo da África em seus próprios termos.



# Perspectivas: oportunidades estratégicas e tendências emergentes

## 6.1 A próxima década de África e a integração económica global

**A trajetória económica de África encontra-se num momento crucial, cada vez mais definido pela autodeterminação e por uma mudança estrutural do financiamento tradicional do desenvolvimento, fortemente dependente da ajuda externa, para um crescimento impulsionado internamente e liderado pelo setor privado.**

Apesar da incerteza económica global, o continente está pronto para uma recuperação resiliente, com o Banco Africano de Desenvolvimento a prever que o crescimento médio do PIB acelere para 3,7% em 2024 e 4,3% em 2025, posicionando África como a segunda região com crescimento mais rápido do mundo. Este impulso é impulsionado por um dividendo demográfico significativo: até 2050, a população em idade ativa do continente deverá aumentar em 740 milhões, a expansão mais rápida da força de trabalho a nível global.<sup>173</sup>

Esta transformação demográfica cria as bases para a oportunidade económica mais significativa de África: a multiplicação sistemática do capital interno através de uma arquitetura financeira estratégica. A próxima década de África será impulsionada por três transformações interligadas que demonstram poderosos efeitos multiplicadores:

**Mobilização do capital interno como motor de crescimento:** A mudança mais profunda envolve a mobilização dos 4 biliões de dólares em recursos financeiros internos do continente para investimento produtivo. Esta abordagem gera retornos exponenciais: cada dólar de investimento institucional interno pode atrair até vinte dólares em capital internacional por meio de mecanismos sofisticados de partilha de risco, estruturas financeiras combinadas e parcerias de coinvestimento. Ao fortalecer os mercados de capitais domésticos e criar veículos de investimento inovadores, as nações africanas podem construir modelos de desenvolvimento sustentáveis e liderados pelo Estado que geram retornos comerciais e, ao mesmo tempo, reduzem a dependência de fluxos de capital estrangeiro voláteis.

<sup>173</sup> African Development Bank. (2024, May 29). African economic outlook 2024: Driving Africa's transformation through inclusive green growth. African Development Bank Group.

<sup>174</sup> World Bank. (2023, July 12). Harnessing Africa's youth dividend: The future of work in Africa. World Bank Group.

**A AfCFTA e a multiplicação do financiamento comercial:** The A AfCTFA cria um mercado único de 3,4 biliões de dólares, mas o seu sucesso depende inteiramente de sistemas robustos de financiamento comercial. Quando as instituições financeiras africanas fornecem o financiamento comercial fundamental para as PME e o comércio transfronteiriço, isso cria efeitos económicos em cascata. O aumento do comércio intra-africano gera emprego, constrói cadeias de abastecimento locais e atrai investimentos adicionais em infraestruturas de apoio. O PAPSS exemplifica esta multiplicação: uma poupança anual de 5 mil milhões de dólares em custos de transação permite volumes de comércio e fluxos de investimento transfronteiriços significativamente maiores.

**Alavancagem de infraestruturas e tecnologia:** O investimento em infraestruturas em África cria alguns dos maiores multiplicadores económicos a nível global. Cada dólar investido em infraestruturas de qualidade gera entre 3 e 7 dólares em retornos económicos através da melhoria da produtividade, da redução dos custos de transação e do aumento do acesso ao mercado. A tecnologia amplifica estes efeitos, permitindo um desenvolvimento «acelerado» que contorna as restrições tradicionais, ao mesmo tempo que cria novas oportunidades económicas em serviços digitais, tecnologia financeira e agricultura baseada na tecnologia.



## 6.2 O imperativo institucional: construir os campeões do financiamento do desenvolvimento em África

A concretização do potencial económico de África requer instituições financeiras que dominem o equilíbrio complexo entre a sustentabilidade comercial e o impacto no desenvolvimento, ao mesmo tempo que atuam como catalisadores multiplicadores para uma transformação económica mais ampla.

As principais instituições financeiras africanas estão a demonstrar essa capacidade por meio de uma estruturação sofisticada de projetos que antes era domínio exclusivo das IFDs internacionais. O financiamento histórico de US\$ 85 milhões do UBA para a via expressa Lekki-Epe exemplifica como as instituições locais podem liderar o desenvolvimento de infraestruturas complexas, gerando retornos comerciais e resultados de desenvolvimento mensuráveis.

As instituições financeiras africanas são indispensáveis para o sucesso da AfCFTA, fornecendo financiamento comercial, sistemas de pagamentos transfronteiriços e capital de investimento necessários para que um mercado único de 3,4 biliões de dólares funcione eficazmente. As suas redes continentais permitem serviços financeiros contínuos que apoiam o comércio intra-africano, ao mesmo tempo que constroem infraestruturas económicas integradas que atraem investimento internacional adicional.

O sucesso requer compromisso com a transparência e a medição do impacto por meio de métricas claras, incluindo a criação de empregos, o crescimento das PME e a expansão do volume do comércio intra-africano.



## 6.3 Um roteiro para a ação

Para capitalizar as oportunidades estratégicas, as instituições financeiras africanas devem empreender ações coordenadas que maximizem os efeitos de multiplicação do capital:

- **Aprofundar os mercados de capitais domésticos:** Os líderes financeiros devem trabalhar ativamente com os reguladores para promulgar reformas, particularmente nos setores de pensões e seguros, a fim de desbloquear e canalizar as vastas reservas de poupanças domésticas para investimentos produtivos e de longo prazo. Isto inclui o desenvolvimento de novos produtos, como obrigações de infraestruturas e obrigações da diáspora, e o reforço da capacidade dos mercados de capitais locais para financiar projetos de grande escala.
- **Ser pioneiro no financiamento verde e climático:** as instituições devem incorporar os princípios ESG nas suas operações principais, desde a gestão de risco até ao desenvolvimento de produtos. Isso envolve desenvolver conhecimentos especializados em avaliação de projetos verdes, lançar obrigações verdes especializadas e fundos de adaptação climática e alinhar as carteiras de empréstimos com o Acordo de Paris. Isso não só mitigará o risco, mas também atrairá uma nova onda de investidores globais conscientes das questões climáticas.
- **Aproveitar a tecnologia para o crescimento inclusivo:** A transformação digital por meio de IA, blockchain e computação em nuvem permite a prestação de serviços financeiros em grande escala e com eficiência. Os investimentos em tecnologia criam efeitos de rede que multiplicam o impacto por meio de uma melhor avaliação de riscos, redução de custos e expansão da inclusão financeira. As parcerias com fintechs permitem alcançar populações anteriormente não atendidas, ao mesmo tempo em que geram novas fontes de receita.
- **Promover a implementação da AfCFTA:** As instituições financeiras devem tornar-se os principais financiadores do comércio intra-africano através do financiamento comercial em escala para PME, soluções sofisticadas de tesouraria transfronteiriça e investimento em infraestruturas digitais. As instituições com presença continental podem facilitar os fluxos comerciais que geram emprego, desenvolvimento da cadeia de abastecimento

Ao abraçar esta agenda, as instituições financeiras africanas podem ir além dos seus papéis tradicionais e tornar-se os arquitetos do futuro económico do continente. A sua liderança será o fator decisivo para transformar o dividendo demográfico e a riqueza natural de África em prosperidade sustentável, posicionando o continente como um líder formidável e integrado na economia global.

### Conclusão principal

A soberania económica de África na próxima década será impulsionada pelos seus próprios campeões financeiros. Ao mobilizar estrategicamente o capital interno, financiar as infraestruturas comerciais e alavancar a tecnologia para impulsionar a AfCFTA, os bancos africanos e as IFD não estão apenas a financiar o crescimento, estão a construir um continente próspero, integrado e autodeterminado.



## Conclusão: Apostar no crescimento sustentável de África

**O panorama do financiamento do desenvolvimento em África está a passar por uma transformação fundamental, impulsionada pelo reconhecimento de que os 4 biliões de dólares em capital interno do continente representam a base para um desenvolvimento económico sustentável e impulsionado por multiplicadores.**

As evidências apresentadas ao longo deste documento demonstram que o desafio do financiamento do desenvolvimento em África não é a escassez de capital, mas sim a mobilização e multiplicação do capital. Quando as instituições financeiras nacionais fornecem investimento âncora e intermediação sofisticada, criam condições para atrair capital de parcerias internacionais em proporções de 10-20:1, transformando recursos locais limitados em financiamento substancial para o desenvolvimento.

Este efeito multiplicador requer uma ação coordenada entre decisores políticos, líderes financeiros e parceiros internacionais. Recomendamos ações estratégicas que maximizem estas oportunidades de alavancagem:

1. **Para governos nacionais e reguladores: criar um ambiente propício**
  - **Desbloquear multiplicadores de capital doméstico:** Promulgar reformas nas pensões e nos seguros que aumentem as alocações de obrigações de infraestruturas, capital privado e investimentos de capital de risco. Canalizar as poupanças locais de longo prazo para ativos produtivos que atraem coinvestimentos internacionais adicionais através da validação comprovada do mercado.
  - **Fortalecer as estruturas de parceria público-privada (PPP):** Estabelecer unidades dedicadas à PPP nos ministérios das finanças para padronizar contratos e desenvolver projetos bancáveis. Isso reduz os riscos dos investimentos e cria plataformas para a colaboração de capital nacional e internacional em grande escala.
2. **Para instituições financeiras africanas: liderar a carga de investimento**
  - **Ampliar as soluções de financiamento misto:** criar proativamente veículos de financiamento misto que reúnam capital de IFDs, fundações filantrópicas e fontes comerciais. Utilizar esses fundos para fornecer capital de primeira perda e outras melhorias de crédito, tornando os projetos de adaptação climática e energia renovável comercialmente viáveis.
  - **Promover infraestruturas digitais e pan-africanas:** Ir além das plataformas individuais para investir em infraestruturas partilhadas e interoperáveis, como a PAPSS, que criam efeitos de rede e economias de escala. Utilizar análises avançadas para uma avaliação de risco sofisticada que permita uma aplicação de capital maior e mais eficiente.

- **Desenvolver capacidades de talentos continentais:** Desenvolver conhecimentos especializados em todo o setor em financiamento de projetos complexos, normas ESG e conformidade multijurisdicional que permitam estruturar transações maiores e mais sofisticadas com riscos de multiplicação mais elevados.

### 3. Para as IFD internacionais e os seus parceiros: passar de financiadores a facilitadores

- **Priorizar a mitigação e alavancagem de riscos:** Focar na implantação de garantias, seguros contra riscos políticos e cobertura cambial que “atraiam” o capital institucional doméstico da África, em vez de substituí-lo. Essa abordagem pode gerar fluxos de investimento totais 3 a 5 vezes maiores.
- **Apoiar soluções em moeda local:** aumentar a assistência técnica para a gestão do risco cambial, permitindo que os bancos africanos concedam empréstimos em moeda local, ao mesmo tempo que reforçam a resiliência contra a volatilidade externa.

As instituições e os governos que abraçarem este novo paradigma e agirem de acordo com estas recomendações não só garantirão o seu próprio sucesso comercial, como também construirão as bases para um continente próspero, integrado e soberano.

Isto representa uma oportunidade económica significativa: construir um futuro em que o crescimento de África seja financiado por africanos, para africanos, contribuindo simultaneamente para a estabilidade económica global através de um desenvolvimento sustentável e impulsionado por multiplicadores que crie prosperidade partilhada em todo o continente e além dele.

**O futuro do financiamento do desenvolvimento africano é, inequivocamente, o financiamento africano, amplificado por meio de parcerias estratégicas.**

# Apêndice: Bibliografia completa

- Abe, S. (29 de agosto de 2025). Japão promete US\$ 30 bilhões em ajuda à África na cimeira da TICAD. AP News.
- Acorn Holdings. (Outubro de 2019). Estrutura de Títulos Verdes. Nairobi, Quénia: Acorn Holdings.
- Grupo do Banco Africano de Desenvolvimento. (2025). Perspectivas Económicas Africanas 2025. Abidjan, Costa do Marfim: AfDB.
- Grupo do Banco Africano de Desenvolvimento. (s.d.). Fórum de Investimento em África. Obtido em 4 de setembro de 2025, do [site do AfDB].
- Banco Africano de Exportação e Importação. (2025). Relatório sobre o comércio africano 2025. Cairo, Egito: Afreximbank.
- Banco Africano de Exportação e Importação. (2024). Aumento dos Investimentos do Golfo-África: Desbloqueando Oportunidades e Navegando Desafios. Cairo, Egito: Afreximbank.
- Associação Africana de Bolsas de Valores. (2025). Relatório Anual 2024.
- União Africana. (2015). Agenda 2063: A África que Queremos. Adis Abeba, Etiópia: Comissão da União Africana
- Africa50. (s.d.). Desenvolvimento e financiamento de projetos. Obtido em 4 de setembro de 2025, do [site da Africa50].
- AJA Ltd. (2024). [Dados internos da empresa ou comunicado de imprensa sobre o crescimento das exportações ao abrigo do AfCFTA GTI].
- Al Mansour Holdings. (2025). [Comunicado de imprensa ou anúncio oficial sobre compromisso de investimento de US\$ 103 bilhões].
- Banco de Pagamentos Internacionais, Comité de Pagamentos e Infraestruturas de Mercado (CPMI). (2023). Dados sobre bancos correspondentes. Basileia, Suíça: BIS.
- Bloomberg News. (11 de abril de 2025). Classificação soberana da Nigéria melhorada pela Fitch devido às reformas económicas. Bloomberg.
- Buna (Organização Árabe Regional de Compensação e Liquidação de Pagamentos). (s.d.). Estrutura do Sistema de Pagamentos. Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos: Fundo Monetário Árabe.
- Banco Central da Nigéria. (2025). Relatórios do Comité de Política Monetária. Abuja, Nigéria: CBN.
- Iniciativa de Política Climática. (2024). O estado das finanças climáticas em África: milhares de milhões em oportunidades.
- Convergence. (2024). O estado das finanças mistas em 2024. Toronto, Canadá: Convergence Blended Finance.
- Dangote Industries Limited. (Agosto de 2025). [Comunicado de imprensa sobre linha de refinanciamento sindicalizada de US\$ 4 bilhões]. Lagos, Nigéria.
- Câmara de Comércio do Dubai. (2025). Relatório Comercial do 1.º Semestre de 2025. Dubai, Emirados Árabes Unidos: Câmara do Dubai.
- Ecobank Transnational Incorporated. (2025). Relatório Anual 2024. Lomé, Togo: Ecobank.
- Enterprise Singapore. (s.d.). Iniciativas de parceria Singapura-África. Obtido em 4 de setembro de 2025, do [site da Enterprise Singapore].
- Bolsa de Mercadorias da Etiópia. (s.d.). Relatórios Anuais de Negociação. Adis Abeba, Etiópia: ECX.
- Banco Europeu de Investimento. (2024). Finanças em África: Desbloquear o investimento numa era de transformação digital e transição climática. Luxemburgo: BEI.
- União Europeia. (s.d.). Global Gateway: Pacote de Investimento África-Europa. Bruxelas, Bélgica: Comissão Europeia.
- FDI Intelligence & White & Case LLP. (2023). Fluxos de IDE do CCG para África, 2012-22.

- Fitch Ratings. (11 de abril de 2025). Fitch eleva classificação da Nigéria para 'B'; perspetiva estável. Nova Iorque, NY: Fitch Ratings.
- FXC Intelligence. (2025). O impacto do Sistema Pan-Africano de Pagamentos e Liquidações. Londres, Reino Unido: FXC Intelligence.
- Fundo de Investimento em Infraestruturas do Gana. (s.d.). Carteira de projetos. Acra, Gana: GIIF.
- Global Reporting Initiative. (s.d.). Normas GRI. Amesterdão, Países Baixos: GRI.
- Governo da Índia, Ministério do Comércio e Indústria. (2025). Relatório Anual 2024-2025. Nova Deli, Índia: Governo da Índia.
- Centro de Finanças Verdes e Desenvolvimento da Universidade Griffith e da Universidade Fudan. (2025). Relatório de Investimento da Iniciativa Cinturão e Rota (BRI) da China, 1.º semestre de 2025.
- GuarantCo. (s.d.). Portfólio de projetos e relatórios de garantias. Ebene, Maurício: GuarantCo.
- InfraCredit. (2025). Relatório para investidores do primeiro trimestre de 2025. Lagos, Nigéria: Infrastructure Credit Guarantee Company.
- Câmara de Comércio Internacional. (2024). Inquérito sobre o financiamento do comércio global. Paris, França: ICC.
- Corporação Financeira Internacional. (2024). Relatório Anual 2024. Washington, D.C.: Grupo Banco Mundial.
- Fundo Monetário Internacional. (2025). Perspectivas Económicas Mundiais (abril de 2025). Washington, D.C.: FMI.
- Fundo Monetário Internacional. (2025). Perspectivas Económicas Regionais: África Subsariana (abril de 2025). Washington, D.C.: FMI
- IFundo Monetário Internacional. (2024). Inquérito sobre Acesso Financeiro. Washington, D.C.: FMI.
- Interstellar Inc. (2025). [Comunicado de imprensa sobre a parceria com a PAPSS para o Mercado Monetário Africano (PACM)].
- Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão. (2025). Resultados da Conferência Internacional de Tóquio sobre o Desenvolvimento Africano (TICAD9). Tóquio, Japão: MOFA.
- Consórcio de Investimento dos Fundos de Pensões do Quénia (KEPFIC). (2024). Relatório Anual de Investimento. Nairobi, Quénia.
- Fundação MacArthur. (s.d.). Detalhes do investimento do Fundo de Empréstimos SDG. Chicago, IL: Fundação MacArthur
- Mene, W. (29 de janeiro de 2025). O comércio intra-africano e o seu potencial para acelerar o progresso rumo aos ODS. Brookings.
- Nigéria, Comissão Nacional de Pensões (PENCOM). (2025). Relatórios Anuais e Trimestrais. Abuja, Nigéria: PENCOM.
- Princípios Bancários Sustentáveis da Nigéria. (s.d.). Banco Central da Nigéria.
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico. (2023). Perspectivas Globais sobre Financiamento Misto 2023. Paris, França: Publicações da OCDE.
- Fundo Pan-Africano de Desenvolvimento de Infraestruturas (PAIDF). (s.d.). Relatórios de desempenho do fundo.
- Sistema Pan-Africano de Pagamentos e Liquidações (PAPSS). (2025). Relatórios sobre o volume de participantes e transações. Cairo, Egito: Afreximbank.
- República da Coreia, Ministério dos Negócios Estrangeiros. (2024). Acordos da Cimeira Coreia-África. Seul, Coreia do Sul: MOFA.
- Autoridade de Benefícios de Aposentadoria (Quénia). (2024). Relatório Anual do Setor. Nairóbi, Quénia: RBA.
- Saleh, N. J. (s.d.). Lacunas estruturais nos sistemas financeiros africanos. Fundação de Investigação do CFA Institute e Africa Finance Corporation.
- Semafor. (2025). Análise dos dados alfandegários da China sobre as exportações para África.

- Standard Bank Group. (2025). Relatório Anual 2024. Joanesburgo, África do Sul: Standard Bank.
- United Bank for Africa Plc. (2025). Relatório Anual e Contas 2024. Lagos, Nigéria: UBA Group.
- Nações Unidas. (2025). Relatório dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 2025. Nova Iorque, NY: Publicações das Nações Unidas.



# Sobre o United Bank for Africa

## O Banco Global de África

O United Bank for Africa Plc (UBA) é um grupo líder em serviços financeiros pan-africanos com presença em 20 países africanos, bem como nos Estados Unidos da América, Reino Unido, França e Emirados Árabes Unidos. O UBA fornece serviços bancários e outros serviços financeiros a mais de 45 milhões de clientes em todo o mundo, atendidos através de diversos canais, incluindo mais de 1000 escritórios comerciais e pontos de contacto com clientes em toda a África e centros financeiros internacionais.

A missão estratégica do Grupo UBA é ser o principal prestador de serviços financeiros em todos os mercados onde opera, servindo como principal gateway de pagamentos para o comércio e os fluxos de capital que entram e saem de África. O Grupo mantém uma presença nos principais centros financeiros globais para maximizar o seu alcance e impacto continental, posicionando-se de forma única como a ponte entre os mercados africanos e o capital internacional.

## Presença e capacidades internacionais

As operações internacionais da UBA abrangem quatro centros estratégicos que facilitam serviços bancários globais abrangentes:

- **Estados Unidos:** Operando sob uma licença bancária federal como o único banco da África Subsaariana com esta distinção, o UBA Nova Iorque fornece serviços bancários grossistas, incluindo financiamento comercial,

correspondência bancária e gestão de tesouraria a empresas globais, organizações de desenvolvimento e instituições financeiras.

- **Reino Unido:** O UBA UK, com sede em Londres e totalmente autorizado pela Prudential Regulation Authority e pela Financial Conduct Authority, fornece soluções financeiras confiáveis que fazem a ponte entre os mercados internacionais e africanos. Aproveitando a ampla presença do Grupo UBA, o UBA UK facilita o comércio, o capital e os fluxos de ajuda, garantindo que empresas e instituições possam navegar com eficiência nas transações transfronteiriças.
- **França:** A UBA Paris funciona como porta de entrada para a África francófona, prestando serviços especializados para os significativos fluxos comerciais e de investimento entre os países africanos francófonos e os mercados internacionais, com experiência em financiamento de commodities e financiamento ao desenvolvimento.
- **Emirados Árabes Unidos:** O UBA Dubai posiciona estrategicamente o Grupo no centro dos crescentes corredores económicos do Golfo-África, facilitando os fluxos de investimento substanciais dos países do CCG para os mercados africanos, ao mesmo tempo que presta serviços de tesouraria e financiamento comercial para o comércio regional.

## **Liderança continental no financiamento do desenvolvimento**

A combinação única da UBA de presença continental e experiência internacional posiciona-a como líder na transformação do financiamento do desenvolvimento em África. O banco demonstrou capacidade para estruturar transações complexas e multijurisdicionais, incluindo projetos de infraestruturas marcantes, como o Projeto Hidroelétrico Julius Nyerere e a parceria de financiamento de PME da AfCFTA no valor de 6 mil milhões de dólares.

Através de financiamento estruturado inovador, veículos de investimento combinados e mobilização de capital regional, o UBA atua como um intermediário fundamental que transforma o capital africano doméstico em impacto no desenvolvimento, ao mesmo tempo que atrai investimentos de parcerias internacionais. As capacidades abrangentes de gestão de risco e conformidade regulatória do banco em várias jurisdições permitem-lhe facilitar a sofisticada arquitetura financeira necessária para a transformação económica de África.

## **Excelência em tecnologia e inovação**

A transformação digital do UBA tem sido um poderoso motor de crescimento, expandindo a sua base de clientes digitais para mais de 32,6 milhões e impulsionando um aumento de 91,9% na receita digital em relação ao ano anterior, para ₦253,0 mil milhões em 2024. Esta capacidade tecnológica, combinada com o assistente bancário Leo AI, que processa mais de 12 milhões de transações mensais, demonstra a liderança do UBA em inovação financeira e envolvimento do cliente em diversos mercados.

## **Compromisso com o desenvolvimento africano**

Como uma instituição verdadeiramente pan-africana, o sucesso da UBA está fundamentalmente alinhado com o sucesso das economias africanas que serve. Esta filosofia impulsiona o papel do banco como mais do que um intermediário financeiro — a UBA atua como um parceiro de desenvolvimento comprometido, alinhando as suas estratégias com as prioridades nacionais e os objetivos de integração continental, porque construir uma África próspera representa o melhor investimento que o banco pode fazer.



# *Africa's Global Bank*

24 Países, 4 Continentes  
**Um Banco**

[www.ubagroup.com](http://www.ubagroup.com)



#### **Aviso Legal:**

Este whitepaper contém declarações prospectivas e análises baseadas nas condições atuais do mercado e nos dados disponíveis. As projeções econômicas e as oportunidades de investimento aqui descritas estão sujeitas a riscos de mercado, mudanças regulatórias e desenvolvimentos geopolíticos. Desempenhos passados não garantem resultados futuros. A UBA incentiva os leitores a realizar análises independentes e buscar aconselhamento profissional antes de tomar decisões de investimento.

